



AFROEMPREENDEDORISMO

Movimento valoriza a identidade negra e fortalece negócios na PB

Iniciativa visa ampliar a representatividade de pretos e pardos e a circulação de renda na comunidade. **Página 17**

Foto: Leonardo Ariel



Mães enfrentam sozinhas o desafio de criar filhos neurodivergentes

Com rede de apoio limitada e, muitas vezes, abandonadas pelos companheiros, mulheres assumem o papel de comandar as chamadas “famílias atípicas”. Apesar das dificuldades e da sobrecarga de tarefas diárias, elas buscam assistência para manter uma rotina de cuidados dentro e fora do lar.

Página 5

Circulação de dinheiro falso resiste ao avanço dos pagamentos por meios digitais

Apreensão de notas falsificadas caiu 73,4% desde a chegada do Pix. Mesmo assim, de janeiro a setembro deste ano, já foram apreendidas 1.206 cédulas, num total de R\$ 136,7 mil.

Página 7

Foto: Evandro Pereira



Legado verde na Zona Sul de JP

Área de quase um hectare abriga espécies da fauna e da flora e vem sendo estruturada para virar um memorial.

Página 25

Juarez Távora recebe o Raízes do Brejo para três dias de roteiro cultural

Mais novo local a integrar o circuito turístico, município mantém a tradição em couro e bordado que atrai visitantes.

Página 8

■ “O culto ao herói que o busto exagerou em arrogância e majestade me conduzia, ainda não sei por que, a festejar a obra dos passarinhos”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Há 40 anos, o Festival dos Festivais encerrou a era dos concursos de música na TV



Ilustração: Bruno Chiossi



Tetê Espíndola, vencedora com a música “Escrito nas Estrelas”, e outros finalistas lembram o último grande evento do gênero no país.

Página 9

Editorial

Letramento digital

As múltiplas e cada vez mais sofisticadas aplicações da tecnologia digital têm facilitado a vida de milhões de pessoas no mundo inteiro, mas trazem também complicações para um grande número de indivíduos que não sabem manusear equipamentos como um simples caixa eletrônico. Sem alguém para auxiliá-los, ficam confusos e não raro voltam para casa sem cumprir objetivos como sacar dinheiro ou pagar as contas de água e luz.

Se for feita uma pesquisa criteriosa pelo Brasil afora, provavelmente irá se constatar que, no período de apenas um ano, muitas pessoas já tiveram de pedir auxílio aos porteiros de hotéis, no sentido de ajudá-las a entrar no quarto e acionar dispositivos como lâmpadas e aparelhos de ar-condicionado. É comum também ver funcionários de agências bancárias ensinando clientes idosos a sacar o dinheiro da aposentadoria.

Ou seja, a cidadania plena pressupõe uma atenção especial às pessoas que não dominam dispositivos eletrônicos mais simples, imagine os mais sofisticados. Faz-se necessário criar sistemas alternativos para atender esse público, inclusive protegendo-lhes o patrimônio, haja vista que muitos acabam sendo vítimas de golpistas que se aproveitam exatamente dessa fragilidade para lhes por as mãos criminosas nos bolsos.

Daí se pode ter uma ideia da importância da recente inauguração, pelo Governo do Estado, do 1º Balcão Paraíba Digital, instalado na Casa da Cidadania do Shopping Tambiá, em João Pessoa. A unidade pioneira destina-se exatamente ao atendimento presencial, facilitando o acesso digital a mais de 700 serviços da administração pública estadual. Com isso, os direitos dos beneficiários são atendidos com maior rapidez e segurança.

O Balcão Paraíba Digital é uma iniciativa da Secretaria Executiva de Modernização e Transformação Digital (Semtd), vinculada à Secretaria de Estado da Administração (Sead), e da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), por intermédio das Casas da Cidadania, atendendo aos critérios do Acordo de Cooperação Técnica firmado com o Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos (MGI).

Trata-se, como explicou a secretária de Modernização e Transformação Digital, Jaqueline Gusmão, de um “letramento digital”, com vistas a orientar os cidadãos e cidadãs que encontram algum tipo de dificuldade na hora de acessar as plataformas de serviços públicos. Ações como a criação do Balcão Paraíba Digital incentivam o espírito solidário e participativo no seio da população, por meio, também, da inclusão digital.

Artigo

Rui Leitão
irleitao@hotmail.com

No lugar da violência, o direito

É assustador testemunharmos governantes ignorarem o direito como instrumento de mediação dos conflitos humanos, fazendo da violência — física, verbal ou institucional — o caminho oposto ao processo civilizatório. Trata-se do uso da força bruta em manifesto desprezo à razão e à importância do diálogo. O direito nasce, justamente, da necessidade de conter a violência. É por meio dele que se criam regras de convivência, instituições e mecanismos que garantem a justiça e a proteção. Quando a violência se instala, o direito se enfraquece e a democracia adoece. O uso da força não pode ser normalizado, sob pena de se negar a dignidade como princípio supremo.

Que mundo estranho este em que vivemos, onde quem ordena e comanda um espetáculo de horror — que resultou em mais de cem mortes — recebe aplausos de parte da população afetada pela ação brutal de forças policiais! Como legitimar a violência praticada pelo Estado, com execuções sumárias a pretexto de resolver os problemas da criminalidade? O que estamos presenciando, com extrema preocupação, é a aceitação social de um cenário de retrocesso, no qual prevalece a adesão ao chavão “bandido bom é bandido morto”, muito usado pela extrema direita, sancionando a letalidade policial e banalizando a morte.

Isso é inaceitável em um Estado Democrático de Direito que observa o princípio da legalidade. O discurso que exalta o enfrentamento policial em determinadas situações estimula uma política bélica que coloca tanto os próprios policiais quanto os alvos de suas operações em situação de extrema vulnerabilidade. Está comprovado que nem todos os mortos na megaoperação carioca da semana passada eram criminosos. Na verdade, muitos eram indivíduos desprotegidos pelo ordenamento jurídico e excluídos socialmente.

Na tentativa de justificar a medida, seus promotores se apressaram em desqualificar as vítimas, rotulando todas como “criminosos”. Pelo menos 30% dos mortos não tinham antecedentes criminais. A teoria dominante — de que, para vencer o crime organizado, é preciso o

confronto que resulta em massacre, ainda que morram inocentes — tem sido reiteradamente desmentida pela História. Essas operações policiais marcadas pela brutalidade são ineficazes e destrutivas para o tecido social e democrático.

Em 1850, o escritor francês Victor Hugo, ao discursar na Assembleia Nacional de seu país, já conclamava: “É necessário colocar o direito no lugar da violência”. Quase dois séculos depois, continuamos sem atender a essa observação de grande sabedoria. A sociedade contemporânea teima em não compreender que essa é a fórmula para se alcançar a paz pública, insistindo em não curar o espírito doente de quem se vangloria em praticar atos de violência no exercício do poder.

A verdadeira segurança não se mede pelo número de mortes contabilizadas em operações policiais, mas pela capacidade do Estado de garantir direitos e justiça de forma permanente, sem se apresentar como agente de extermínio dos supostos criminosos, pondo em risco a integridade e as liberdades fundamentais da população. Até porque não existe pena de morte no Brasil. É imprescindível, portanto, que as operações policiais sejam realizadas em observância aos preceitos constitucionais e em respeito à dignidade da pessoa humana.

“

O uso da força não pode ser normalizado, sob pena de se negar a dignidade como princípio supremo

Opinião

Foto Legenda



Soneca caramelizada

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A Praça Rio Branco

Escrivão de polícia durante cinco anos, nas horas desocupadas, que não eram muitas, deixava-me ficar na Praça Rio Branco, um aconchego de sombras que ornava a antiga prefeitura, a contrastar com a cara de poucos amigos e aquela importância exagerada do barão em sua estátua. Estátua perfeita como eram as antigas, feitas até ali com o olhar em Roma ou na Grécia. Clássicas como era ainda o ideal de todas as artes entre nós, provincianos. Do tamanho que é a praça, era e continua o entrançado de copas com que uma mão anônima e benfazeja já anunciava a predestinação ambiental da cidade.

Mas o barão, com aquela cara, não me inspirava nenhuma simpatia. Já o achava um porre, sobretudo nos minutos vagos e incertos em que me debruçava à janela da delegacia em frente, no enfado do trabalho. Um trabalho como outro qualquer, mas de clima quase sempre constrangedor. E vinha respirar a natureza da praça num tempo em que dava para ouvir e até se incomodar com o arrulho dos pombos, seus naturais frequentadores.

Sem querer, desprevenido às vezes, batia de testa, quer dizer, com os olhos naquele busto de uma das figuras mais importantes dos tempos imperiais. Em vão me acorriam aqueles retalhos de história de sua intervenção no Acre, nas Guianas, na diplomacia de questões continentais que envolviam a Coroa brasileira.

O culto ao herói que o busto exagerou em arrogância e majestade me conduzia, ainda não sei por que, a festejar a obra dos passarinhos. A testa que se perdia lá por trás, o bigode avultado... era raro o dia que não amanhecessem breados pela passarinhada. Um pouco depois, lendo a crônica de Lima Barreto, lamentei que o mestiço genial não chegasse a ver a mesma festa da passarinhada e das moscas do meu mirante. Debalde vim ler depois as “Efemérides” famosas na biblioteca da nossa Academia.

Mas tudo tem seu dia. Tirando os pés da terra, apanhei a primorosa antologia da literatura brasileira feita por Marques Rebelo, reli o soneto maior de Carlos Pena Filho, simplesmente “Soneto”, revii a “Luciana” de

“

Sem querer, batia com os olhos naquele busto de uma das figuras mais importantes dos tempos imperiais

Schmidt, e saí folheando até bater, com inegável surpresa, numa carta do barão ao imperador já destronado. Na solidão do exílio e havendo recusado qualquer favor do Estado brasileiro, D. Pedro de Alcântara deve ter guardado até o fim dos seus dias estas linhas de exceção, talvez únicas naquela circunstância, recolhidas na biografia premiada que lhe dedicou o estreante Álvaro Lins.

“Senhor. / Estas linhas chegarão às mãos de Vossa Majestade Imperial amanhã, 23 de julho, dia em que os brasileiros contavam poder celebrar este ano o jubileu do glorioso e fecundo reinado de Vossa Majestade. / Peço licença para beijar respeitosamente a mão de Vossa Majestade Imperial, e sinto imenso não poder fazê-lo pessoalmente. As ingratidões do período agitado que atravessamos hão de passar. (...) Na nossa História, quando a pudermos ter imparcial e livre, não haverá nome que possa igualar em grandeza o do Soberano ilustre que durante quase meio século presidiu aos destinos da Nação Brasileira, dando-lhe (...) um governo liberal e honesto. / Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito / De Vossa Majestade Imperial / súdito humilde e agradecido. / Barão do Rio Branco”.

Xô, passarinhos!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

DO GOVERNO ESTADUAL

Farmácia oferece remédios de alto custo gratuitamente

Acesso ao serviço ocorre por meio do cadastro em uma das gerências regionais

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

A Farmácia Especializada da Paraíba, antigo Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais (Cedmex), presta assistência farmacêutica à população. A instituição é administrada pelo Governo Estadual e fornece medicamentos de alto custo de maneira gratuita a pacientes encaminhados tanto da rede pública quanto da particular.

Atualmente, o órgão oferta 174 medicações em 335 apresentações farmacêuticas para 105 condições clínicas e doenças raras pelo SUS, a exemplo de diabetes, hipertensão e comportamento agressivo no Transorno do Espectro Autista (TEA).

Dentro do complexo, a unidade abriga o Núcleo de Assistência Farmacêutica (NAF) para prestação judiciária e a farmácia especializada para transplantados e pessoas com doença renal crônica.

A Farmácia Especializa-

da da Paraíba, além de João Pessoa, possui 12 gerências regionais que dispensam medicamentos, sediadas em Guarabira, Campina Grande, Cuité, Monteiro, Patos, Piancó, Catolé do Rocha, Cajazeiras, Sousa, Princesa Isabel, Itabaiana e Pombal. Há mais 10 farmácias descentralizadas nos municípios de Santa Rita, Bayeux, Conde, Mari, Sapé, Uiraúna, Sobrado, Dona Inês, São Bento e Alagoa Grande.

O acesso ao serviço ocorre por meio do cadastro em uma das unidades autorizadas e da apresentação dos documentos solicitados: carteira de identidade, CPF, Cartão do SUS, comprovante de residência, receita médica, Formulário do Laudo de Solicitação, Avaliação e Autorização (LME) e Termo de Esclarecimento e Responsabilidade. Para retirar os insumos como representante de um paciente, o responsável deve levar RG, CPF, comprovante de residência e a Declaração Autorizadora preenchida. A documentação pode variar de acordo com o tipo de me-

dicamento requerido e está disponível no Portal da Cidadania.

Na capital, o órgão está localizado na Rua Borja Pegregrino, nº 181, no bairro da Torre, e conta com o número (83) 99114-0673 para ligações. O atendimento acontece de segunda a sexta-feira, das 8h às 15h, sem fechamento para o almoço. Já o NAF de João Pessoa funciona das 8h às 12h e das 13h às 16h, também de segunda a sexta-feira. No caso de dúvidas, o telefone para contato é (83) 99185-2657.

Entrega em casa

Já os moradores de João Pessoa com pelo menos 50 anos, acamados de qualquer idade e diagnosticados com hipertensão ou diabetes podem receber medicamentos no conforto de casa. O projeto, iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) da cidade, abrange mais de 20 tipos de medicações, como anti-hipertensivos, antilipêmicos, antitrombóticos e hipoglicemiantes orais. A distribuição acontece a cada dois meses.

Para participar do programa, é preciso passar por uma Unidade de Saúde da Família (USF) de referência, ser diagnosticado com hipertensão ou diabetes, fazer uso contínuo de anti-hipertensivos e hipoglicemiantes orais e residir no município de João Pessoa. A partir disso, a Equipe de Saúde da Família promoverá uma avaliação trimestral para acompanhar o estado clínico do paciente. Uma nova receita médica deverá ser apresentada semestralmente para garantir a entrega dos remédios em domicílio.

Segundo a SMS, o cidadão pode efetuar o cadastro no setor de Farmácia da USF mais próxima, dotado de RG, CPF, Cartão do SUS, comprovante de residência na capital e receita médica atualizada há pelo menos seis meses. Pela internet, a inscrição pode ser feita na aba “Saúde” do aplicativo João Pessoa na Palma da Mão, ao clicar no ícone “Remédio em Casa” e preencher os dados solicitados. O serviço é totalmente gratuito.

Programa do Governo Federal amplia atendimento

A funcionária pública Railde Nóbrega, 66 anos, é uma dos cerca de 40 mil brasileiros registrados pelo Ministério da Saúde que convivem com esclerose múltipla, doença neurológica, crônica e autoimune que atinge os neurônios do sistema nervoso central. Ela também lida com problemas cardíacos e depende de medicamentos para estabilizar a condição. Quando amigos a informaram sobre a possibilidade de conseguir remédios gratuitos pelo programa Farmácia Popular, Railde procurou imediatamente o serviço.

O processo foi fácil: ela levou a receita obtida após a consulta médica a um estabelecimento credenciado ao projeto, apresentou os documentos e, hoje, faz a retirada mensalmente dos insumos. “Recebo medicamentos e fraldas. Com a economia nesses gastos, pude investir mais em outras medicações, como as vitaminas que tenho que tomar e outros remédios eventuais passados pelos médicos que me acompanham”.

Em João Pessoa e Campina Grande, 113 farmácias são conveniadas ao Programa Farmácia Popular do Brasil (PFPPB), iniciativa do Governo Federal em conjunto aos municípios que permite a obtenção de medicamentos gratuitos em empresas da rede privada. O objetivo do projeto, criado em 2004, é democratizar o acesso à saúde e ampliar os locais onde é possível obter acompanhamento e orientações farmacêuticas. Assim, além das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e das farmácias municipais, pacientes podem ir aos estabelecimentos com o símbolo do programa na fachada e adquirir os insumos necessários.



Programa Farmácia Popular conta com mais de 31 mil estabelecimentos credenciados no país

A partir deste ano, todos os medicamentos oferecidos pelo sistema passaram a ser disponibilizados gratuitamente. O elenco contempla 12 indicações: hipertensão, diabetes, asma, osteoporose, dislipidemia ou colesterol alto, rinite, doença de Parkinson, glaucoma, diabetes mellitus relacionada a doenças cardiovasculares e anti-concepção. As farmácias populares também destinam fraldas geriátricas a pessoas com incontinência e absorventes higiênicos a beneficiárias do Programa Dignidade Menstrual.

De acordo com o Ministério da Saúde, o programa está presente em 4.812 municípios brasileiros e conta com mais de 31 mil farmácias credenciadas, responsável por uma cobertura de 97% da população. Em 20 anos de atuação, estima-se que mais de 72,5 milhões de pessoas foram beneficiadas.

Acesso ao programa

Para conseguir os serviços de maneira gratuita, o paciente deve ir a um dos estabele-

cimentos vinculados ao programa com um documento oficial com foto e a receita médica dentro do prazo de validade, tanto do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto da rede particular. No local onde a farmacêutica Fernanda Siqueira atende, conveniado à Farmácia Popular, é possível ter acesso a um acompanhamento especializado de doenças crônicas, aferimento de pressão e indicações farmacêuticas individualizadas.

“O programa ajuda muitos pacientes, pessoas que não têm condições, mas que com ele conseguem medicações de forma gratuita. Medicamentos de alto custo, inclusive. Para diabetes, por exemplo, existem produtos que chegam a um valor de R\$ 200. Hoje em dia, o paciente pode pegar esse e outros remédios gratuitamente, o que beneficia pessoas que, antes, não teriam como pagar”, avalia.

Pessoas acamadas ou impossibilitadas de realizar pessoalmente a retirada precisam de um representante legal ou procurador para obter os medicamentos, explica

a especialista. “Esse procurador pode ser a filha, o filho, a mãe ou o pai. Ele deve vir à farmácia com a procuração necessária para que a gente consiga disponibilizar um formulário que precisa ser preenchido no cartório. Com esse documento em mãos, ele pode pegar a medicação”.

As fraldas geriátricas são disponibilizadas para pacientes a partir dos 60 anos ou pessoas com deficiência (PcD). Nesses casos, é preciso mostrar o documento de identificação e prescrição, laudo ou atestado médico com a indicação de uso. PcD ainda, devem apresentar a respectiva Classificação Internacional de Doenças (CID).

Dignidade Menstrual

Já os absorventes higiênicos amparam pessoas de baixa renda, em situação de rua ou vulnerabilidade social e estudantes de instituições públicas de ensino, por meio do Programa Dignidade Menstrual. Os beneficiários devem ter de 10 a 40 anos e estar inscritos no Cadastro Único (CadÚnico).

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A alma dilacerada de Dostoiévski

Era um homem atormentado, esse Fiódor Mikhailovich Dostoiévski. Não um atormentado de cinema, com gestos largos e lamúrias elegantes, mas um daqueles cuja tempestade se abriga por detrás dos olhos, em um rosto marcado pela epilepsia, pela Sibéria, pelas dívidas e por uma agonia íntima que ele soube transformar na mais profunda sondagem da alma humana que a literatura já produziu. Entrar em sua obra não é como ler um romance; é como descer a um poço escuro, onde a única luz é a chama trêmula e, por vezes, aterradora, da nossa própria consciência.

Dostoiévski não se interessava pelo homem superficial, pela casca civilizada que recobre nossos instintos. Ele pegava um bisturi de palavras e dissecava a psique até encontrar o nervo exposto da dúvida, o pus da culpa, o sangue vivo da revolta. Seus personagens não são heróis; são pacientes de um hospital psiquiátrico existencial, onde o diagnóstico é sempre a condição humana em seu estado mais cru. São almas febris, cheias de contradições, capazes da mais sublime compaixão e do egoísmo mais abjeto, frequentemente no mesmo dia.

Pense em Raskólnikov, de “Crime e Castigo.” Ele não é um assassino comum. É um jovem intelectual intoxicado por uma ideia: a de que os homens extraordinários têm o direito de transpor a lei moral para um bem maior. Ele mata uma velha agiota, sim, mas o verdadeiro drama não é o crime, é o laboratório metafísico que se instala em sua mente depois. A teoria desaba como um castelo de cartas perante a realidade assombrosa da culpa. Sua punição não começa na Sibéria, mas no instante em que o machado desce, e sua alma se divide em duas partes que nunca mais se reconciliarão. Através dele, Dostoiévski nos pergunta: o que pesa mais, o julgamento de Deus ou o tribunal da nossa própria consciência?

E o “Príncipe Michkin”, de “O Idiota?” Um homem de uma bondade quase patológica, puro, que volta à Rússia após anos num sanatório suíço. Ele é o “homem positivamente bom”, e a sua simples presença age como um ácido que corroa as máscaras da sociedade russa. A inocência do príncipe, longe de ser uma solução, torna-se uma catástrofe. Ele não consegue salvar ninguém; sua compaixão torna-se um fardo e um catalisador de tragédias. Dostoiévski, aqui, mergulha no abismo da própria virtude: será que a bondade absoluta é viável num mundo marcado pelo pecado e pela paixão? Ou ela é uma forma de loucura, tão destrutiva quanto a maldade?

Mas é em “Os Irmãos Karamázov” que a sonda dostoiévskiana atinge sua profundidade máxima. O livro é um oceano de ideias, um drama familiar que é, na verdade, um palco para o grande debate entre fé, razão, liberdade e sofrimento. Iván Karamázov, o intelectual cínico, é um dos personagens mais devastadores já criados. Ele não nega a existência de Deus; ele devolve o bilhete de entrada para o seu reino. O famoso capítulo “O Grande Inquisidor” é um poema de desespero: se Deus existe, por que permite o sofrimento das criancinhas? Iván argumenta que a dor inocente torna todo o projeto da criação inaceitável. É a revolta da razão humana contra os desígnios divinos, um grito de angústia que ecoa até hoje.

E Aliócha, o noviço, representa a fé que persiste, não uma fé cega, mas uma fé que luta e duvida. E Fiódor Pávlovitch, o pai devasso, é a encarnação do homem bestial, sem freios morais. E Smierdiakov, o filho ilegítimo e servo, é o resultado prático e assassino das ideias de Iván. Cada irmão é uma faceta de uma alma única e dilacerada: a alma do próprio Dostoiévski, a alma da Rússia, a alma de todo homem que já se perguntou “por que vivo?”.

Dostoiévski viveu essas crises na carne. Condenado à morte, soube na hora do fuzilamento que sua pena era comutada para trabalhos forçados na Sibéria. Essa experiência limítrofe marcou-o para sempre. Lá, conviveu com criminosos de toda espécie e descobriu que, mesmo nos corações mais empedernidos, havia uma centelha de humanidade, uma necessidade de redenção. Sua epilepsia, a “doença sagrada”, era para ele um momento de êxtase e clarividência, seguido por um abismo de esgotamento. Ele conhecia os porões da alma porque morou neles.

Sua genialidade está em não oferecer respostas fáceis. Seus romances não são tratados de teologia ou moral. São labirintos. O leitor é convidado a entrar e se perder junto com os personagens, a sofrer suas agonias, a debater-se com suas ideias. Dostoiévski não nos dá a paz da conclusão; ele nos dá a febre da busca. Ele mostrou que o ser humano não é um ser lógico, mas um ser apaixonal, contraditório, que anseia por Deus enquanto cava sua própria perdição, que busca a liberdade, mas teme o fardo que ela acarreta.

Ler Dostoiévski é um exercício de coragem. É encarar o caos que habita dentro de nós. Seus abismos são os nossos abismos. Suas crises existenciais ecoam as perguntas que sussurramos no silêncio da noite. Ele não nos conforta; confronta-nos. E nesse confronto, nessa imersão brutal e compassiva no drama da alma, talvez possamos, como seus personagens no final de tantas agruras, vislumbrar não uma resposta, mas um lampejo de sentido na escuridão. Um sentido que não está na certeza, mas na luta incessante, no amor que persiste apesar de tudo, e na estranha, torturada, e milagrosa fé, na possibilidade de salvação, mesmo para os mais perdidos dos homens.

Colunista colaborador



Foto: Evandro Pereira

Thyago Vieira

Médico urologista

“Cerca de 80% dos cânceres de próstata são descobertos através do PSA”

Em entrevista, especialista ressalta que doença tem mais de 90% de chance de cura quando diagnosticada precocemente

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Durante o mês de novembro, o Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa, realizará 400 exames de PSA, sigla para “Antígeno Prostático Específico”, exame de sangue indicado para o rastreio de câncer de próstata. A ação está relacionada à Campanha Novembro Azul, que busca conscientizar sobre a importância do diagnóstico precoce para essa doença. O preconceito e a relutância que muitos homens têm de procurar o médico pode custar a vida. “A gente está falando de uma doença, de um câncer, que tem mais de 90% de chance de cura e que no Brasil, hoje, mata um homem a cada 40 minutos”, disse o urologista Thyago Vieira. Confira a entrevista que a reportagem de **A União** fez com o especialista.

A entrevista

■ *Quantos exames de PSA serão disponibilizados pelo Hospital Napoleão Laureano neste Novembro Azul? Qual a importância desse exame?*

Durante o mês, são 400 exames de PSA que vão ser disponibilizados gratuitamente, porque é um exame de rastreamento, é uma porta de entrada para a descoberta do câncer de próstata. Cerca de 80% dos cânceres de próstata são descobertos através do exame de PSA. E aí esse exame vai ser disponibilizado. Tem um contato para fazer o agendamento, porque a gente separa em torno de 20 exames por dia para esses pacientes. Eles precisam entrar em contato antes para checar as orientações de coleta. Tem que vir em jejum, tem que ter uma abstinência sexual, evitar andar de moto, bicicleta, cavalo, não fazer atividade física. Tem todo um jejum para fazer o exame. E aí o paciente entra em contato no WhatsApp, recebe essas orientações e aí depois, com o dia agendado, ele vem para coletar.

■ *A partir de qual idade e com qual frequência é necessário fazer esse exame?*

Pacientes a partir dos 45 anos de idade já podem fazer esse exame. Pelas sociedades urológicas, o recomendado é a partir dos 45 anos para homens de raça negra ou que tenham histórico familiar, e a partir dos 50 anos para quem não tem esses dois fatores. Mas no geral, para abarcar mais pessoas, a gente está colocando como meta que, a partir dos 45 anos de idade, qualquer homem pode fazer o exame de PSA. E esse exame tem que ser de realização anual. Igual à mamografia da mulher, o preventivo da mulher. O exame de PSA é avaliação urológica são anuais. De um ano para outro, tudo pode mudar.

■ *Atualmente, o PSA é a melhor forma de diagnosticar câncer de próstata?*

Sim. Hoje, o recomendado mundialmente é exame de PSA mais toque retal. Aqui a gente acaba fazendo uma triagem com o exame do PSA. Os pacientes que têm o exame um pouco alterado, a gente seleciona para passar em consulta e

complementar o rastreamento com o exame de toque. Mas o indicado é não só fazer o exame de sangue, porque, como eu disse, 80% detecta no exame de sangue, mas, em 20% dos pacientes, o PSA vai ser normal e o toque é quem vai detectar a doença. Então o ideal mesmo é fazer esse combo: PSA mais toque.

■ *Quais são os maiores desafios para o diagnóstico? Ainda estão relacionados com a resistência dos pacientes em fazer os exames?*

Preconceito, tabu. Então o mês do Novembro Azul é importante para isso também: para informar e para combater preconceito. Porque urologia no geral é uma área que envolve muitos pudores, ainda mais quando se fala de homem. E, quando se fala do umbigo para baixo, da cintura para baixo, é uma área mais delicada, que envolve masculinidade, sexualidade, virilidade. Então é uma área que todos nós aprendemos a blindar, deixar ela bem segura. E nesse mês a gente tenta combater isso, é promover informação para combater preconceito, e um deles é a questão do toque, que a gente ainda tem uma resistência dos pacientes. Tem alguns pacientes que sentam e já vão dizendo: ‘Ah, eu não quero fazer aquele exame’. E aí, aos poucos, a gente vai conversando, informando da importância do exame. E é um exame simples, rápido, indolor, não tem problema nenhum, não vai afetar a masculinidade de ninguém. Nisso a gente tem que aprender com o público feminino, que acaba sendo invadido desde muito cedo com exames ginecológicos, toque e tudo, e as mulheres se acostumam. Então a gente tem que aprender um pouquinho com elas.

■ *Caso se chegue ao diagnóstico da doença, como é feito o tratamento?*

Depende do caso. Como funciona o passo a passo? PSA e toque deram alterados, faço biópsia. Biópsia é quem vai me dar o diagnóstico definitivo do câncer. A biópsia confirmou que é um cân-

cer de próstata, aí eu vou usar vários fatores desse paciente para entender qual o risco do câncer dele. Câncer de próstata existe o de baixo risco, de risco intermediário e alto risco. Os cânceres que são de muito baixo risco, hoje em dia, a gente nem trata. A gente faz só vigilância ativa. Esse paciente eu fico acompanhando a cada seis meses, com exame de PSA, com toque. Se essa doença não progredir, ele não vai fazer nada de tratamento. No risco intermediário e no risco alto, não dá para fazer isso. Aí tem que tratar com cirurgia ou radioterapia. As duas opções são boas, cada uma tem suas particularidades. A gente conversa com o paciente e com a família para entender qual que se encaixa melhor para cada caso. Nos casos avançados, que o paciente já chega para nós com doença espalhada pelo corpo, esses pacientes vão ser encaminhados para uma quimioterapia ou tratamento com hormônio. Mas a quimioterapia é só para pacientes com metástase. Se a doença é descoberta no início, que é justamente o foco do rastreamento, é pegar tudo no começo, o tratamento é feito com vigilância, cirurgia ou radioterapia. São essas as três melhores opções.

■ *Então, quando você descobre antes, o tratamento é mais simples. Qual é a chance de cura?*

Acima de 90% para a doença localizada. A gente está falando de uma doença, de um câncer, que tem mais de 90% de chances de cura e que no Brasil, hoje, mata um homem a cada 40 minutos. Então é por isso que a gente precisa trabalhar em conscientização e rastreamento. Porque esses pacientes que morrem por câncer de próstata é porque já chegam aqui no consultório com metástase nos ossos, com metástase no fígado, no pulmão. E isso acontece porque não procurou tratamento antes. Se tivesse descoberto a doença em fase precoce, o tratamento teria garantido a cura dele em mais de 90% dos casos.

■ *Quais são as complicações também que podem decorrer da doença?*

O câncer é um tumor que vai crescendo dentro da próstata. Quando ele não é tratado, o tumor vai crescendo e vai infiltrando. Pode infiltrar o reto, que está atrás da próstata. Pode infiltrar a bexiga, que está acima da próstata. Então esse paciente pode começar a ter sangramento nas fezes. Pode começar a ter sangramento na urina. Pode ter entupimento dos canais do rim que chegam à bexiga; o câncer entope e o rim começa a dilatar, e esse paciente pode ir para a hemodiálise por causa de um câncer avançado. Então, normalmente, os sintomas avançados são lá na região do quadril, da pélvica.

■ *O tratamento também pode deixar sequelas?*

Quando o paciente faz o tratamento, que ele opera ou que ele faz a radioterapia, também pode ter algumas sequelas da cirurgia. As principais sequelas são duas: incontinência urinária, que é a perda de xixi, e impotência sexual, que está relacionada à ereção. Por que isso acontece? A próstata está totalmente relacionada com o sistema urinário. O canal da urina do homem passa por dentro dela. Então, quando a gente remove a próstata, acaba tirando um órgão que abraçava o canal e que garantia a continência para o homem. Por isso que é muito difícil você ter um homem perdendo urina normalmente. Nas mulheres a partir dos 50, 60 anos, não é incomum a mulher falar que, quando tosse e espirra, sai uma gotinha de xixi. Já no homem isso é muito raro, porque a próstata ajuda a segurar. Quando a gente tira a próstata, ele perde aquele amparo. Então alguns homens podem ter perda de urina no pós-operatório. E a questão da ereção é porque o nervo responsável pela ereção, ele passa colado à próstata, muito próximo. Durante a cirurgia, quando a gente vai remover a próstata, a gente acaba machucando um pouco esse nervo. E, no pós-operatório, o paciente acaba perdendo qualidade de ereção. O que revolucionou muito a parte cirúrgica é a cirurgia robótica, porque com ela a gente consegue preservar muito bem esses nervos que estão relacionados com a ereção. Hoje as taxas de ereção no pós-operatório de uma cirurgia robótica oscilam de 70% a 90%, coisa que antigamente era 10% que conseguia ter uma ereção. E a continência urinária com a cirurgia robótica é maior do que 95%, porque a gente também consegue preservar o máximo possível de musculatura que controla o canal e faz uma costura da bexiga no canal muito melhor do que nas outras opções de cirurgia. Então a robótica veio para melhorar muito os resultados das sequelas cirúrgicas.

■ *E o Hospital Napoleão Laureano possui o robô mais moderno, o Da Vinci XI.*

O robô Da Vinci hoje tem disponível no Brasil duas plataformas, a X e a XI. A XI é a mais avançada que nós temos disponível hoje no Brasil e é o que nós temos aqui no hospital. Esse robô é quem garante esses resultados. A gente está ainda engatinhando em questão da cirurgia robótica no SUS. Tem tido alguns acordos com o Governo do Estado, com a Prefeitura, para a liberação de verbas para a gente conseguir favorecer os pacientes do SUS na cirurgia robótica. Nós temos hoje, no Brasil, um país com 220 milhões de habitantes, 150 robôs disponíveis no país todo. Enquanto os Estados Unidos têm três mil robôs, a gente

tem 150. Então, para nós, isso aqui é um negócio que está muito distante da realidade. Mas, no nosso estado, está muito próximo da gente conseguir entregar essa tecnologia para pacientes do SUS.

■ *Existe uma causa para o câncer de próstata? Alguma coisa que possa ser feita para prevenir a doença?*

Não, infelizmente não. É por isso que, quando a gente fala de câncer de próstata, a gente não fala de prevenção, a gente fala de diagnóstico precoce. Prevenir é quando você pode parar de fumar, parar de beber e isso vai evitar o surgimento do câncer. Câncer de próstata não tem nada. Infelizmente, até hoje a gente não descobriu algo que o paciente faça que vai evitar de ele desenvolver o câncer. Alguns trabalhos associam obesidade, dietas ricas em gordura e em proteína com cânceres mais agressivos, mas isso não significa que pessoas magras, que se alimentem bem, ou vegetarianos não vão ter câncer de próstata. Os dois principais fatores de risco para surgir o câncer são idade, a partir dos 50 anos, e histórico familiar. Pessoas que têm um parente de primeiro grau com a doença têm três vezes mais chance de desenvolver um câncer na próstata. Quem tem dois familiares de primeiro grau tem cinco vezes mais chance. Quanto mais familiar você tiver, mais o risco vai aumentando. E aí não é pra esperar alguma coisa acontecer, um sintoma chegar, porque a doença é silenciosa. Essa história de que “eu urino bem, eu não tenho sangramento na urina, eu não tenho ardência, então eu não vou ter câncer de próstata” é mito. O câncer começa microscópico, pequenininho, dentro da próstata, e você só vai sentir alguma coisa quando ele já tiver crescido muito, a ponto de obstruir o canal da urina, a ponto de estar infiltrando a bexiga. Então não é prevenção, é diagnóstico precoce, é rastrear para descobrir no começo.

■ *Se esperar os sintomas, você só vai descobrir quando já tem uma metástase?*

Exatamente. Os pacientes sintomáticos, 80% deles, já têm metástase presente. Então o sintoma chegou, provavelmente já tem um osso ali com metástase, ou um gânglio do lado da próstata. Aí a gente perde o *timing* e acaba não conseguindo mais curar. Dá para controlar. A doença de próstata com metástase, graças a Deus, não é igual outras no corpo que você tem três meses de vida. Nós temos muitas cartas na manga pra fazer: hormônio, quimioterapia, cirurgia de raspagem no testículo. Tem muita coisa que dá pra controlar a doença, mas não é o ideal fazer isso. O ideal é curar e livrar o paciente da doença definitivamente.

FAMÍLIAS ATÍPICAS

Cuidado recai mais sobre as mães

Embora haja uma mudança lenta, a maioria dos pais abandonam as mulheres após o diagnóstico dos filhos

Emerson da Cunha
emerson.umniao@gmail.com

Mãe solo de dois filhos com transtorno do espectro autista (TAE) — um de 12 e outro de nove anos — Alinne leva uma rotina intensa. Todas as manhãs, ela acompanha os meninos até a escola. À tarde, a agenda varia ao longo da semana: às segundas, eles fazem terapia na Associação Integrada de Mães de Autistas (Aima); às quartas, participam de uma oficina de desenho; às quintas, voltam para a terapia, dessa vez no Centro de Referência Municipal de Inclusão para Pessoa com Deficiência. Grupos familiares como a de Alinne têm sido denominados de famílias atípicas — aquelas compostas por pessoas neurodivergentes; aquelas com um funcionamento neurológico, cognitivo ou comportamental diferente do que é considerado “padrão” na sociedade —, como o TEA e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) ou com algum tipo de deficiência. Moradora do bairro Colinas do Sul, Alinne utiliza o transporte coletivo para deslocar-se até os locais de atendimento, enfrentando ônibus frequentemente lotados. “Nem todo mundo tem a compreensão de dar um canto para eles. Eu fico em pé, como sempre”, relata.

Alinne, que mora sozinha com os dois filhos, informa que sua maior dificuldade é a falta de rede de apoio. “Sempre que possível



Apesar das dificuldades e da sobrecarga de responsabilidade e tarefas diárias, Alinne aproveita o tempo com seus filhos

recebo uma força de minha mãe, no entanto, ela mora em Bayeux, tem 77 anos e possui limitações”.

O pai das crianças, por sua vez, apesar de contribuir com a pensão, não participa da criação dos filhos de forma mais presente. Alinne explica que a tarefa de cuidar dos filhos é permanentemente sua, tendo em vista que o pai não busca um contato mais próximo com os meninos nem em períodos como o fim do mês ou do ano. Essa ausência de apoio impacta, inclusive, em questões práticas, como consultas

médicas: quando está sozinho, Alinne precisa insistir para que os dois filhos possam entrar juntos no consultório.

Não há dados oficiais que ofereçam índices precisos sobre esse tipo de núcleo familiar no Brasil, porém especialistas apontam que a configuração mais comum nessas famílias é a de mães solo em situação de vulnerabilidade social. Uma pesquisa do Instituto Baresi, realizada em 2012, indicou que cerca de 80% dos pais abandonam mães de crianças com deficiência antes de

os filhos completarem cinco anos.

Na Paraíba, um dos espaços de atendimento e acolhimento para essas famílias é a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), oferecendo diversas possibilidades de acompanhamento e terapias, tanto para os neuroatípicos quanto para seus acompanhantes. A instituição atende, aproximadamente, 800 pessoas com TEA — transtorno classificado como deficiência desde 2012, com a Lei Berenice Piana, e incorporado ao Estatuto da Pes-

soa com Deficiência em 2015.

Mais de 46 mil pessoas têm diagnóstico de TEA no estado; em todo o país, são cerca de 2,4 milhões. Mércia Melo, diretora técnica da Funad, aponta que cerca de 60% das famílias atendidas na instituição são chefiadas por mães abandonadas pelos companheiros, muitas vezes culpabilizadas pelo transtorno do filho. “É uma população muito vulnerável. São mães sobrecarregadas, que buscam ajuda para os filhos e também para elas. A mãe da criança autista também precisa de cuidado”, destaca.

■
A Funad oferece uma série de atividades e terapias para apoiar os usuários e quem os acompanha

Aima foi criada para oferecer apoio e inclusão

Elaine Araújo é mãe de três filhos, entre eles Lucas, de 16 anos, que tem transtorno do espectro autista (TEA). Ela relata que o diagnóstico ocorreu ainda na primeira infância, quando percebeu diferenças no desenvolvimento de Lucas em relação aos irmãos mais velhos. “Ele começou a terapia com dois aninhos, foi estimulado muito cedo. Não falava, tinha inúmeras dificuldades, hoje são outras. A gente iniciou essa enxurrada de terapia para conseguir extrair o máximo de autonomia e independência dele”, conta Elaine. O diagnóstico e as primeiras terapias foram realizadas na Funad.

Durante o período em que acompanhava Lucas na instituição, Elaine passou a conviver com outras famílias atípicas. Nesse ambiente, entendeu que compartilhavam desafios semelhantes e necessidades que iam além das terapias básicas, como atendimento odontológico humanizado para os filhos e acesso a acompanhamento psicológico para as próprias mães. Elas também sentiam falta de um espaço de acolhimento onde pudessem celebrar datas importantes



Elaine criou a associação para suprir necessidades de Lucas

— como Dia das Mães, Dia das Crianças e São João — de forma adaptada às necessidades das crianças.

Inicialmente, Elaine buscou associações que pudessem oferecer esse suporte, no entanto, encontrou barreiras financeiras. Diante dessa realidade, há oito anos decidiu criar a Associação Integrada de Mães Autistas (Aima), local onde Alinne leva seus filhos para terapias.

O projeto, instalado no bairro do Geisel, em João Pessoa, começou na garagem da casa de Elaine, atendendo oito crianças. Com o passar do tempo a associação cresceu e, atualmente, presta serviços a 400 famílias, oferecendo fonoaudiologia, fisioterapia, psicologia, Terapia de Análise do Comportamento Aplicado (Terapia ABA) e odontologia.

“A gente briga muito



“É comum ver famílias mais ansiosas, com sintomas depressivos, pessoas com humor deprimido, sem ânimo

Fellipi Tomaz

por políticas públicas. Tenta preparar a criança para o mundo, porque o mundo infelizmente não está preparado para elas. Nas escolas, nos postos de saúde não há capacitação. Nossa maior dificuldade são as barreiras sociais e a falta de informação dos profissionais que vão lidar com pessoas autistas”, afirma Elaine.

Adaptação depende dos vínculos no seio parental

O psicólogo Fellipi Tomaz explica que a capacidade de uma família adaptar-se ao transtorno não depende apenas de fatores como condição socioeconômica, escolaridade dos pais, suporte disponível ou atuação da escola. Para ele, o elemento central é a qualidade dos vínculos afetivos que se estabelecem entre os membros da família. “Pode ter uma família com alto poder aquisitivo, muito rica, com grande capacidade de decisão, mas totalmente disfuncional. Sem rede de suporte, com os pais muito afastados da criança, não há uma escola que ajude. Esses fatores interferem no processo de adaptação, em lidar com os problemas”, explica Tomaz.

Em muitas situações observa-se que os serviços são fragmentados: o psicólogo cuida do emocional, o fonoaudiólogo da linguagem, o reforço escolar da aprendizagem — sem integração entre as partes. Embora esses elementos influenciem no processo de cuidado, o especialista entende que o verdadeiro diferencial está no vínculo. “O que vai influenciar mesmo no critério de adaptação de uma famí-

lia é o quanto ela consegue estar ligada emocionalmente à pessoa neuroatípica. Pode ser uma família muito precária financeiramente, mas se são unidos, isso conta muito”, defende.

Fellipi Tomaz também alerta que, diante da sobrecarga emocional e das dinâmicas de cuidado, a própria família pode adoecer. O sofrimento tende a ser maior quanto maiores são os prejuízos associados ao transtorno. “É comum ver famílias mais ansiosas, com sintomas depressivos, pessoas com humor deprimido, sem ânimo, com perda de prazer”, descreve.

Segundo ele, as preocupações mudam conforme a idade da criança. Entre os pais de crianças com menos de 12 anos, predominam as dúvidas sobre o futuro imediato: como será a adaptação ao mudar de sala? Como lidar com novos professores? Nos pais de adolescentes neurodivergentes, por sua vez, a angústia costuma estar relacionada ao silêncio típico da adolescência — e ao temor de que o jovem não esteja sendo acolhido ou possa estar sofrendo sem conseguir expressar.

CULTIVAR É INCLUIR

Hortas urbanas espalham-se pela PB

Projetos diversos transformam terrenos ociosos em locais de convivência e valorização do meio ambiente

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Experiências de criação de espaços comunitários em que as pessoas podem reunir-se e ter contato com a natureza podem ser registradas nas hortas urbanas existentes em João Pessoa. Nesses ambientes, a população pode cultivar desde produtos agroecológicos até plantas medicinais, tornando-se ainda um local de aprendizado, ressocialização e valorização dos espaços urbanos.

“As hortas urbanas fazem parte de um segmento maior do que chamamos de agricultura urbana e periurbana — forma de cultivo realizadas em áreas localizadas nos centros urbanos ou nas suas periferias”, explicou Jailson do Carmo, professor dos cursos de Agroecologia e Horticultura do Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Projetos, como o Hortas para a Liberdade, que visa incentivar o ensino da horticultura e do processamento de alimentos para os reeducandos das unidades prisionais do estado, e o Hortas nas Escolas, que promove educação ambiental, nutricional e a cooperação entre os alunos da rede municipal de ensino são exemplos de como a prática pode trazer benefícios para diversos grupos sociais.

“As hortas são espaços pedagógicos e terapêuticos para se trabalhar a questão da educação ambiental, além de trazer benefícios sociais e comunitários, nos quais as pessoas desenvolvem o espírito de coletividade e o cooperativismo. Cultivar, portanto, contribui no sentido de fortalecer os laços de amizades e

as interações entre as pessoas, coisa que é cada vez menos comum nos grandes centros urbanos, principalmente”, pontuou Jailson.

Liberdade

O programa Hortas para a Liberdade, vinculado à Secretaria de Administração Penitenciária Estadual (Seap) e executado pela Gerência de Ressocialização, tem como foco o cultivo de hortaliças e o ensino profissionalizante em horticultura voltado aos reeducandos das unidades prisionais. Atualmente, três penitenciárias do estado — localizadas em Remígio, Sapé e Santa Rita —, possuem agroindústrias próprias destinadas ao processamento dos alimentos produzidos nas hortas e ao ensino técnico de manipulação de alimentos, além de promover a geração de renda. Em Remígio, é feita a produção de pimenta em conserva; em Sapé, a fabricação é de geleia de morango; e, em Santa Rita, os reeducandos produzem legumes em conserva. Os produtos são comercializados na loja Novo Tempo, da Seap, localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, e também em eventos promovidos ou apoiados pela secretaria.

“A maioria dessas pessoas é, até hoje, oriunda de uma realidade rural, agrária, principalmente nas unidades em que o projeto tem sido implementado. Ao adquirir esses conhecimentos, podem replicar essas novas perspectivas quando estiverem em liberdade”, explicou Lucas Bras, coordenador do programa, relatando que a iniciativa tem dado muitos frutos, a exemplo de pessoas que partici-

param do projeto e hoje, em liberdade, utilizam as técnicas aprendidas, atuando na área. “A ação representa uma contribuição capaz de gerar resultados satisfatórios, pois transmite um conhecimento que retorna à sociedade, ao permitir que essas pessoas produzam, processem alimentos e contribuam para a geração de renda própria e de suas famílias”, ressaltou Lucas.

Manoel Batista é reeducando em Sapé e participa do projeto há um ano e quatro meses. “Eu me sinto maravilhado quando estou mexendo com a terra, eu adoro, porque eu trabalhava com plantação de coqueiro. Estou encantado com o plantio dos morangos aqui da unidade, está uma coisa linda. Com sinceridade, quando eu estou na horta, até esqueço que sou um detento”, comentou.

Além de parte da produção ser destinada ao consumo nas próprias unidades prisionais, o excedente é doado para instituições de caridade — asilos de idosos e creches municipais. “O pessoal que trabalha produzindo as hortaliças sabe dessas doações e se sente satisfeito de estar fazendo parte dessas ações”, relatou o coordenador do programa.

Escolas

Outra iniciativa nesse sentido é o Programa Horta na Escola, que desenvolve atividades multidisciplinares e visa utilizar o cultivo como ferramenta pedagógica, promovendo a educação ambiental, nutricional e cooperação entre os alunos. “O projeto trabalha ações que envolvem toda a escola, professores, estudantes, nutricionistas e funcionários da cozinha”, explicou Herbert Uchoa, assessor técnico da Seção de Educação Ambiental da Secretaria de Educação e Cultura Municipal (Sedec).

A atuação acontece em parceria com outras duas instituições, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (Sedest) — que colabora com apoio técnico e doação de sementes — e a Secretaria do Meio Ambiente (Semam), que disponibiliza compos-



Foto: Josélio Carneiro/Seap

Na Unidade Prisional de Sapé está sendo desenvolvido o cultivo hidropônico de morangos

to orgânico produzido no viveiro municipal para ser utilizado nas hortas. “É produzido de tudo um pouco: alfaces, coentro, couve, rúcula, tomates, macaxeira, plantas medicinais e frutas (melão e melancia)”, destacou Herbert.

“Durante a implantação da horta e construção dos canteiros, os professores de Matemática fazem atividades de cálculos e medidas de peso. Os professores de Ciências trabalham com o desenvolvimento das plantas, do plantio à colheita. Professores de História sobre o porquê destes alimentos estarem incluídos na nossa cultura alimentar. Os nutricionistas trabalham com a importância da inclusão das verduras e legumes na alimentação dos estudantes e os funcionários da cozinha têm acesso a mais possibilidades de enriquecimento da merenda escolar”, explicou o assessor técnico.

Nas escolas onde o projeto é implantado, os alunos desenvolvem, junto com os professores, projetos de educação ambiental. A Escola Virgínius Gama e Melo, no bairro de Mangabeira I, é referência quando se fala em horta escolar. A



Foto: Evandro Pereira



Eu vejo quais assuntos estão sendo abordados [nas aulas] e trago para a realidade da plantação

Tanilson Enedino

instituição, inclusive, participou da Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, apresentando o projeto da Horta na Escola.

O professor de Ciências Tanilson Enedino coordena o projeto da horta na escola. “Sempre gostei de trabalhar com plantas, então, fiz

o projeto e comecei a desenvolver. Essa área era inutilizada, com muito mato, lixo. Conversei com os alunos, eles gostaram da ideia de transformá-lo em um espaço vivo, e começamos o trabalho”. Segundo Tanilson, a horta serve como plataforma de multidisciplinaridade, e há a interação com os professores das demais matérias. “Eu vejo quais assuntos estão sendo abordados e trago para a realidade da plantação”.

O aluno João Arthur, do 6º ano, conta que todo dia passa no local para dar uma organizada. “Aos pouquinhos, a gente está ajeitando mais a horta para deixar tudo bonito”. Miguel Barreto, de 11 anos, também integra o projeto. “É muito massa ter um espaço assim, porque a gente pode aprender outras coisas fora das disciplinas. A horta mudou minha rotina, meu jeito de viver, meu jeito de agir”, comentou. Pedro Lucas Aymar já possuía uma horta em casa e utilizou os conhecimentos adquiridos no projeto para melhorá-la. “Eu sou uma pessoa que gosta muito da natureza, e acredito que o cultivo na escola mudou muita coisa na minha vida”.



Foto: Evandro Pereira

João Arthur, do 6º ano, fiscaliza o quintal todos os dias

Quando plantar é semear cidadania, conhecimento e saúde

A horta agroecológica desenvolvida pela Associação Comunitária Agrícola Mucumagro tem um papel fundamental na comunidade: ensinar aos moradores os princípios do cultivo sustentável para que eles possam replicar os ensinamentos em suas próprias casas. Além disso, a associação promove oficinas e rodas de conversa sobre economia solidária e comercialização, com o intuito de fortalecer a autonomia dos moradores da região. “A gente quer trazer o pessoal para aprender a fazer a horta, mexer com a terra, para que eles consigam replicar em seus próprios espaços. Para

que isso seja realizado, nós temos salas de aulas e materiais didáticos. O resultado disso repercute na economia solidária, com a implantação da feira orgânica, quando quem planta vende os seus próprios produtos”, explicou o vice-presidente da Associação, Wallam Silva. Além da horta, a associação mantém um cultivo de plantas medicinais na calçada em frente a sua sede. “Toda a comunidade jogava lixo ali. Como forma de acabar com o descarte indiscriminado, pensamos em fazer um plantio de chás. Limpamos tudo, plantamos e colocamos uma placa dizendo:



Foto: Evandro Pereira

No canteiro onde se tinha lixo, hoje tem espécies medicinais

“Traga uma planta, não lixo” e destinamos um local adequado para as pessoas colocarem o lixo. Todo dia, quando chegamos, tem uma planta nova, não tem mais sujeira na cal-

çada”, comentou Wallam, explicando que a ideia, agora, é aumentar para que o cultivo aconteça em toda a calçada e cumpra o seu papel pedagógico e agregador.

USF

A horta medicinal da Unidade de Saúde da Família (USF) Quatro Estações, localizada em Mangabeira VII, funciona desde 2016. A agente comunitária responsável pelo plantio, Rita de Cássia Nascimento, explicou que, anteriormente, o espaço ao redor da unidade estava abandonado. “Eu iniciei o projeto, limpei o terreno e fui dando início à horta. Hoje, ela é linda, produtiva. A comunidade faz bastante uso dela”.

Rita comentou que a finalidade da iniciativa é exatamente incentivar as pessoas a voltarem a usar as plan-

tas medicinais. “Nós temos boldo, erva-cidreira, babosa, capim-santo, hortel. Temos umas 70 espécies de plantas. A mais procurada é o capim-santo, usada para evitar crise de ansiedade e para baixar a pressão”. No caso de Rita, o conhecimento sobre plantas medicinais foi transmitido por seu pai, que era rezador e agricultor, detentor de saberes ancestrais. Por meio das hortas comunitárias, esse aprendizado, transmitido historicamente por gerações, multiplica-se, fortalecendo as relações interpessoais e aprofundando o encontro dos seres humanos com a natureza.

DINHEIRO QUE ENGANA

Cédulas falsas resistem à era do Pix

Mesmo com a popularização dos pagamentos digitais, falsificação de moedas persiste via internet e até Correios

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

As notas falsas sempre fizeram parte do imaginário popular: das malas lotadas de dinheiro do contrabando, nos filmes de ação, aos laboratórios escondidos com prensas que fazem qualquer um ficar tão rico quanto se queira. Mas, fora da ficção, a falsificação de dinheiro segue viva e em constante transformação. Mesmo em tempos de pagamentos instantâneos e transferências por celular, a Paraíba ainda registra um grande número de cédulas falsas identificadas pelo Banco Central do Brasil (BCB).

Em 2019, último ano sem o Pix — que se tornou disponível novembro de 2020 —, foram registradas 4.539 cédulas falsas na Paraíba, somando quase R\$ 301 mil em notas recolhidas pelas autoridades. Seis anos depois, o número caiu, mas o problema persiste: de janeiro a setembro de 2025, já foram apreendidas 1.206 cédulas, num total de R\$ 136,7 mil. A redução de 73,4% na quantidade de notas não significou o fim do crime, que tem

se adaptado com mudanças estratégicas.

Os inquéritos instaurados pela Polícia Federal (PF) na Paraíba também refletem essa queda. Até outubro de 2020, haviam sido abertos 596 procedimentos para apurar crimes de falsificação de cédulas. Nos primeiros 10 meses deste ano, o número caiu para 290 registros, o que representa uma redução de 51%.

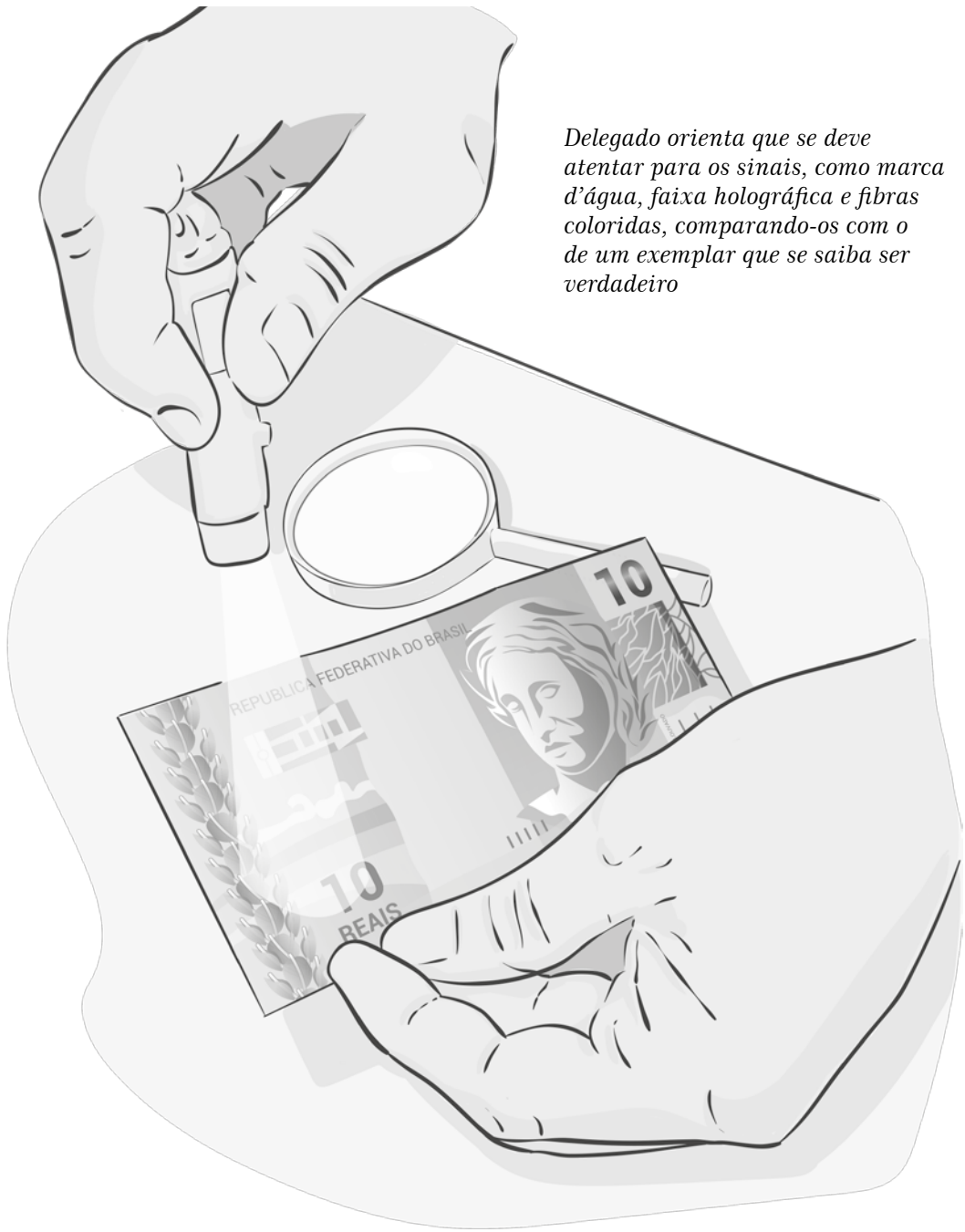
Para se ter um comparativo, o prejuízo com fraudes no Pix cresceu 70%, em 2024, e atingiu o montante de R\$ 4,9 bilhões, no ano passado, segundo dados do BCB. Os números dizem respeito às devoluções de valores que foram solicitadas por usuários e instituições participantes do Pix, após fraudes terem sido constatadas, mas que não puderam ser retornados. A digitalização dos pagamentos empurrou parte dos golpistas para novas frentes.

Se, antes, a atenção concentrava-se nos caixas e no comércio físico, hoje, o foco da PF está nas redes sociais e nas remessas postais. O BCB calcula que 36,4% dos brasileiros já receberam uma nota

falsa e que muitos só descobrem porque outra pessoa os avisa. O delegado Christiano de Oliveira Rocha, chefe da Delegacia de Repressão a Crimes Fazendários, explica que a Paraíba não abriga grandes laboratórios de falsificação, mas se tornou rota de distribuição.

“A maioria dos laboratórios está no Rio de Janeiro e em São Paulo. Aqui, o que a gente tem observado são destinatários dessas cédulas. São pessoas que compram pela internet, em grupos de Instagram, Facebook e Telegram, e recebem pelos Correios”, relata o delegado.

■ Desde 2019, o número de notas falsas em circulação na PB caiu 73,4%; inquéritos sobre o crime diminuiram em 51%, desde 2010



Delegado orienta que se deve atentar para os sinais, como marca d'água, faixa holográfica e fibras coloridas, comparando-os com o de um exemplar que se saiba ser verdadeiro

Ilustração: Bruno Chiozzi

Parcerias institucionais reagem à sofisticação da fabricação

Segundo Christiano Rocha, a comercialização de notas falsas ocorre em pequenos volumes, com compradores cada vez mais jovens. As apreensões mais recentes envolvem remessas de 10 a 20 cédulas, adquiridas por valores em torno de R\$ 300 por R\$ 1.000 falsos, de acordo com informações da Polícia Federal. Há casos em que as notas chegam ainda em folhas de papel A4, prontas para serem recortadas. Além do golpe com o dinheiro analógico para realizar a venda e a distribuição por

meios digitais — principalmente, com o público jovem —, o delegado afirma que a produção vem se tornando mais sofisticada.

As impressoras de alta resolução, acessíveis em lojas comuns de informática, e a facilidade de comprar papéis especiais pela internet aumentaram a qualidade das falsificações. “As cédulas estão com uma qualidade bem melhor do que antes, com textura e aparência que enganam até pessoas experientes, principalmente em ambientes noturnos ou com pouca

iluminação”, observa Rocha.

Ele ressalta que o controle sobre os materiais usados é praticamente inexistente, já que os papéis e tintas não são produtos restritos. “Você monta um laboratório numa sala e consegue produzir um volume relativamente alto”, pontua.

O avanço do comércio eletrônico e da logística global também favoreceu a circulação. Os Correios reconhecem o desafio e destacam a importância do trabalho conjunto com os órgãos de Segurança. Em nota, a estatal infor-

mou que a cooperação com a PF é “fundamental para a repressão ao tráfico de ilícitos no fluxo postal”, incluindo cédulas falsas.

A instituição reforça que o Acordo de Cooperação Técnica (ACT) firmado, em fevereiro deste ano, visa intensificar ações de monitoramento, prevenindo crimes contra os serviços postais e o envio de objetos ilícitos. “A integração das equipes de Segurança contempla ações institucionais e de inteligência, abrangendo, inclusive, o uso de tecnologia e de equipamentos

de raios X nos centros de distribuição”, diz o comunicado.

Na avaliação de Christiano Rocha, esse tipo de esforço é decisivo para interceptar encomendas suspeitas. Sem detalhar os métodos de investigação, o delegado resume: “Há um monitoramento conjunto e um trabalho de inteligência que permite à Polícia Federal abordar a pessoa no momento em que recebe o pacote. A partir daí — e, muitas vezes, por meio dos celulares dessas pessoas —, chega-se aos donos dos laboratórios”.

“As cédulas falsas estão com uma qualidade bem melhor do que antes, enganando até pessoas experientes

Christiano Rocha

Comércio atesta redução de casos, mas continua alerta

No comércio de João Pessoa, as notas falsas ainda aparecem de forma esporádica, mas a impressão geral é que esse é um tipo de crime cada vez menos frequente. A gerente comercial Verângela Carvalho, do grupo Casa Tudo, lembra que as ocorrências diminuíram desde que o Pix popularizou-se.

“Hoje são bem menos casos, porque as transações ocorrem muito mais pelo Pix. Já passamos muito por isso [pagamento com dinheiro falso], mas, atualmente, não mais. Nem lembro quando foi a última vez que a empresa recebeu notas falsas”, revela. De acordo com Verângela, as lojas do grupo dispõem de mecanismos internos de verificação, como detectores e o treinamento das equipes de caixa quanto à verificação das cédulas. “A experiência também ajuda muito. A gente aprende a identificar a textura, o relevo [das notas] e, com isso, evita prejuízo”, comenta.

O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de João Pessoa, Nivaldo Mariano, confirma que o problema já foi

mais frequente. “Até um tempo atrás, o pessoal do Banco Central aparecia todo ano na CDL, mostrando as novas técnicas para identificar nota falsa, mas, da pandemia para cá, eles deixaram de vir”, relata.

Conforme Nivaldo, o impacto é direto: “Quando o lojista não identifica a nota falsa, o prejuízo fica com ele. Se tentar repassar, está cometendo crime. Então o que o lojista precisa é identificar antes de aceitar”. Apesar de não haver registro recente de queixas, ele alerta que o comércio deve manter atenção redobrada. “A gente não tem recebido reclamações, mas isso não quer dizer que o problema acabou. Às vezes, a pessoa percebe o golpe e resolve sozinha”, aponta.

Christiano Rocha reforça o que o dirigente da CDL descreve. “O prejuízo fica com o lojista, e tentar repassar a cédula é crime. Quem a recebeu de boa-fé e tenta devolvê-la à circulação, depois de saber que é falsa, pode responder com detenção de seis meses a dois anos e multa”, ressalta o delegado.

Recomendações

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) orienta que, ao identificar uma cédula suspeita, a pessoa procure imediatamente uma agência bancá-

ria ou a Polícia Federal. O BCB é o órgão responsável por recolher as notas falsas, que passam por perícia e são retiradas de circulação. Nenhum valor é restituído.

As entidades reforçam que não há ressarcimento para quem recebe moeda falsa, motivo pelo qual a atenção continua sendo a principal forma de prevenção. A Febraban lembra,

ainda, que a instituição bancária tem o dever de encaminhar as cédulas para análise, e recomenda que os estabelecimentos mantenham um exemplar verdadeiro para comparação.

Rocha salienta que a postura do comprador também serve como alerta. “Quem tenta pagar com nota falsa, geralmente, tem pressa de encerrar o negócio e sair rápido. Isso deve acender um sinal de desconfiança”, diz. Ele lembra que, embora o dinheiro físico circule menos, o risco ainda existe. “Hoje em dia, até flanelinha recebe por Pix. Então, quando alguém insiste em pagar em espécie, é bom observar. As pessoas devem olhar a marca d'água, as fibras coloridas, a faixa holográfica e comparar com uma nota que saibam ser verdadeira”.

A recomendação, segundo o delegado da PF, é clara: atenção e prevenção. “Quem recebe a cédula deve ter cuidado e, se houver dúvida, procurar a polícia ou o banco. O melhor caminho é desconfiar, porque, nesse tipo de golpe, a pressa é sempre do outro lado do balcão”.



Foto: Divulgação/PF

Algumas das apreensões recentes da PF incluem notas enviadas em folhas de papel de tamanho A4

RAÍZES DO BREJO

Circuito chega à terra do labirinto

Reconhecida por sua tradição em couro e bordado, Juarez Távora convida visitantes para três dias de agenda cultural

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A programação da Rota Cultural Raízes do Brejo chegará, no dia 21 deste mês, ao município paraibano de Juarez Távora — a mais nova cidade a integrar o produto turístico, convidando o público participante a conhecer a produção local de dois artigos de destaque na região: o couro — considerado a segunda fonte de renda do município, com a confecção de chicotes e rédeas — e o algodão colorido. Com uma população de 7.796 habitantes, segundo o Censo de 2022 do IBGE, Juarez Távora recebe o evento até 23 de novembro e, entre as atividades da agenda, promoverá a renovação da tradição do artesanato feito com o bordado labirinto (ou apenas labirinto).

“Estamos muito honrados em ter recebido o convite para integrar a rota cultural. Será uma oportunidade de divulgar a nossa cultura e o nosso artesanato, uma grande chance de mostrar o que Juarez Távora tem de melhor”, comentou o prefeito Wilson Evangelista. Ele afirmou que, além do pioneirismo na produção do labirinto, do algodão colorido e de peças de couro, a cidade chama atenção pela gastronomia típica: a galinha de capoeira e o rubação são pratos tradicionais.

O secretário municipal de Cultura e Turismo, Fabrício Cabral, também celebrou a inclusão no Raízes do Brejo como um marco histórico. “Temos a consciência de que o evento vai trazer muito mais visibili-

dade para a nossa cultura e o turismo. É uma conquista, sobretudo, para o cidadão juarezense, dando a ele orgulho e pertencimento”.

Embora este seja o primeiro ano do município no circuito itinerante, a prefeitura aguarda um público significativo para a programação. “Temos uma expectativa de duas mil pessoas por dia, com um total de seis mil nos três dias”, informou o secretário. Os visitantes poderão conferir uma vasta diversidade de atrações, a exemplo de exposição de artes e atividades esportivas — como corridas de atletismo, ecopedal, voos de parapente e de asa-delta.



Foto: Roberto Guedes

Será uma oportunidade de divulgar nossa cultura e nosso artesanato, uma grande chance de mostrar o que a cidade tem de melhor

Wilson Evangelista

O grande atrativo da agenda em Juarez Távora será o desfile de moda que acontecerá no primeiro dia de evento, às 19h45, no Centro da cidade. Na ocasião, serão lançados novos produtos utilizando o couro e o algodão colorido, mas o principal objetivo é dar visibilidade às peças elaboradas com o bordado labirinto. A iniciativa visa contribuir para o resgate cultural dessa tradição artesanal, tanto para a criação de novos mercados para as labirinteadas quanto chamando a atenção das novas gerações para essa tipologia.

De fato, Juarez Távora já foi conhecida, entre as décadas de 1980 e 1990, como a “cidade do labirinto”. Esse trabalho manual era a principal fonte de renda para muitas mulheres da cidade. Hoje, grande parte da população é filha ou neta de labirinteadas, contudo, a atividade estava em vias de desaparecer, seja pela falta de estímulo por parte das artesãs, seja pelo desinteresse dos mais jovens por esse tipo de arte. Sim, arte, pois se trata de um ofício que demanda muito cuidado e tempo. Não é à toa que o bordado leva o nome “labirinto”; é necessário desfazer o tecido para reconstruí-lo. O grau de dificuldade e o período tomado para a finalização das peças, a propósito, foram alguns dos motivos que fizeram com que as gerações mais novas não se atraís-

sem tanto pela tradição.

A prefeitura viu, então, a necessidade de mudar essas circunstâncias, afinal, o labirinto está arraigado na história local. Além de apoiar as artesãs, a gestão municipal também integra o artesanato ao currículo escolar, investindo na educação para promover o conhecimento e valorizar o bordado nas salas de aula. Com a ajuda da arquiteta Patrícia Gigliola, integrante do Programa de Design e Inovação para o Artesanato, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e com o apoio do Governo do Estado e da Prefeitura de João Pessoa, novas ações foram desenvolvidas em favor do labirinto.

“Em Juarez Távora, encontrei um cenário bem triste, porque as labirinteadas estavam desistindo de fazer esse bordado, por conta da desvalorização do trabalho, com a questão dos materiais industrializados. A renda vinha perdendo espaço”, explicou Patrícia, que propôs a realização de um trabalho colaborativo para retomar o desenvolvimento da tipologia e proteger sua cultura. “Foram realizadas oficinas para recuperar a autoestima das mulheres. Eu as levei para conhecer outras cidades, mostrei a importância de preservar a cultura. Foi o início do resgate dessa história”.

A partir dessa iniciativa, que ainda contou com a participação das designers de interiores Vanessa Lucena e



Foto: Divulgação/Cooperativa Mista Agro-Artesanal

Projeto visa resgatar o trabalho das labirinteadas

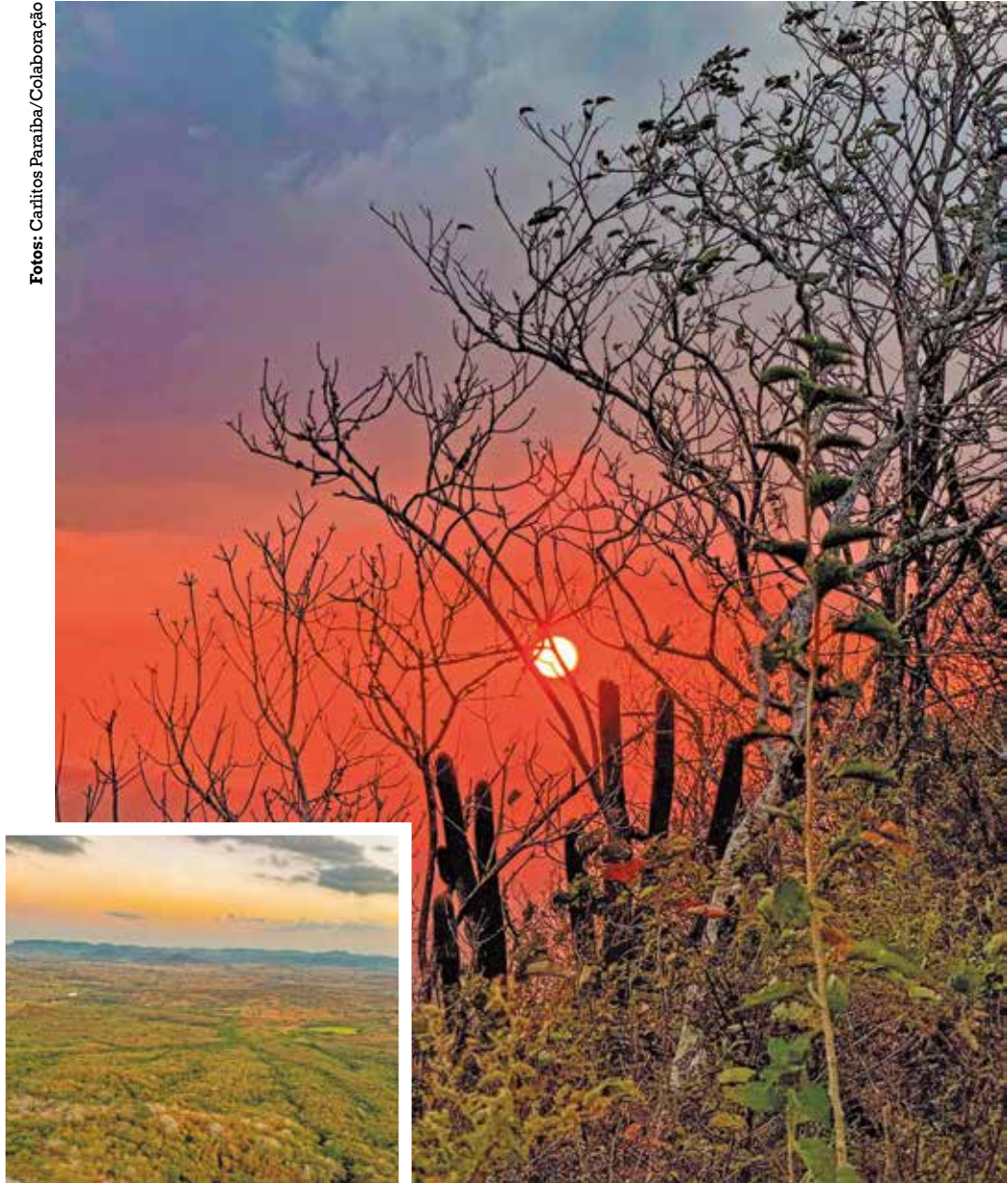
Juliana Pontes, foi montado o desfile “Tecendo Cactos”, que apresentará, na passarela da Rota Cultural Raízes do Brejo, uma coleção de bolsas, acessórios e vestuários. “Vamos jogar com os três elementos da cultura de Juarez: o couro, o algodão colorido e o labirinto”, comentou Patrícia, reforçando que o bordado será mesmo o protagonista da atração.

O sucesso do esforço também já pode ser notado na autoestima das bordadeiras: hoje em dia, elas mostram-se bastante animadas com o ofício. “O bordado, para mim, tem uma importância afetiva, econômica, social e cultural. Afeti-

va, pois sou apaixonada por esse artesanato; econômica, pois é de onde vem a minha renda; social, pois ajudo outras mulheres a terem autonomia; e cultural, porque representa a luta e a resiliência para manter vivo esse artesanato no município”, frisou a bordadeira Lourdes Lima, responsável pela cooperativa da categoria em Juarez Távora, que já possui mais de 30 anos.

Ainda conforme Patrícia, o projeto não para por aí. “O desfile já foi um avanço enorme. O próximo passo será trabalhar [o artesanato] nas escolas, levar uma proposta para elas, para não deixar essa atividade morrer”.

Música, esportes e natureza prometem encantar os turistas



Fotos: Carilhos Paraíba/Colaboração

Situada no Sítio Quirino, a Pedra do Padre oferece trilhas e belas paisagens em todo o seu entorno, além de ser o cenário de uma misteriosa lenda local

Na manhã da sexta-feira (21), o Raízes do Brejo inicia suas atividades em Juarez Távora, com a exposição de peças feitas com base no bordado labirinto e em couro. Pela tarde, o público poderá participar de oficinas de labirinto e de chicote de couro. Haverá também uma mostra de fotografias do Galo, bloco carnavalesco da cidade, além de uma feira de artesanato, gastronomia e produtos da agricultura familiar, ao som da banda de fanfara Fênix, que sairá em cortejo pelo município.

A abertura oficial do festival acontecerá às 19h, com apresentação do grupo cultural Xâmega Nordeste, seguida do tão esperado desfile de moda “Tecendo Cactos”, levando à passarela o labirinto, o couro e o algodão colorido, ícones da cultura local. A programação da noite segue com shows de Betinho dos Teclados, trio pé de serra e Matheus do Acordeon.

No sábado (22), o turismo de aventura toma conta da agenda. Às 7h, haverá uma corrida de atletismo e, para os mais corajosos, voo livre de asa-delta e de parapente. Em seguida, acontecerá o 3º Ecopedal, evento de ciclismo que busca promover

o esporte, a saúde e o contato com a natureza. Mais tarde, além das exposições e da feira de artesanato, uma peça teatral infantil será encenada no Centro. Às 16h, ocorrerá uma exibição das peças que fizeram parte do desfile “Tecendo Cactos”. A quadrilha Mulher Rendeira vai se apresentar em seguida. Para finalizar o dia, estão previstos shows com o cantor e sanfoneiro Fabiano Guimarães e Neno, O Magnífico, ex-integrante da banda Magníficos.

No domingo (23), último dia de evento, a manhã começa com a 17ª Cavalcada Tradicional de Juarez Távora, partindo do Parque de Vaquejada Progresso. A agenda encerra-se ao som do forró de Anderson Mendes, Eskema de Luxo e Neto Farra.

História e atrativos

A origem de Juarez Távora remonta a construções iniciadas por volta de 1880, formando o povoado conhecido como Água Doce — nome derivado de uma cacimba de água potável existente na região. Com o desenvolvimento local, impulsionado pela instalação de uma usina de descaroçamento de algodão, o aglomerado cresceu, ganhando melhorias estruturais,

como agência de Correios e linha telefônica, enquanto pertencia a Alagoa Grande. Seu nome foi alterado após a Revolução de 1930, em homenagem ao militar Juarez Távora. A emancipação política veio em 16 de julho de 1959, quando a localidade foi desmembrada de Alagoa Grande, sendo instalada como município em dezembro do mesmo ano.

Além dos atrativos culturais e culinários, a cidade possui diversos pontos turísticos com paisagens encantadoras, como a Pedra do Padre, localizada no Sítio Quirino. O lugar tem trilhas e belezas naturais, além de ser o cenário de lendas sobre um religioso misterioso, que teria frequentado a área e sumido, deixando apenas suas vestes próximo à formação rochosa.

A Serra do Cruzeiro também oferece uma visão privilegiada de Juarez Távora, com paisagens que misturam o rural e o urbano. Trata-se do ponto mais alto do município, abrigando um cruzeiro que é símbolo de fé para a comunidade.

Já para quem busca aventura, a Trilha da Caatinga é o novo atrativo da região, com roteiros que exploram o contato direto com a natureza local.

MÚSICA

Escrito nas estrelas

Ilustrações: Bruno Chiossi

A vencedora Tetê Espíndola e outros finalistas lembram para A União a final do Festival dos Festivais, que completa 40 anos em 2025

Tetê Espíndola interpretou a canção campeã, “Escrito nas estrelas”; Emílio Santiago e o grupo infantil Os Abelhudos também se destacaram

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Pesquisadores e leigos que analisaram ou viveram aquele momento podem atestar: o ano de 1985 foi emblemático. A consolidação da abertura política no Brasil, a primeira vitória de Ayrton Senna na Fórmula 1 e a estreia do Rock in Rio resumem, vagamente, esse recorte temporal. Ao mesmo tempo, a TV Globo celebrava 20 anos de existência com o êxito da novela *Roque Santeiro* e a promoção de programas especiais. Um deles, o Festival dos Festivais, que remetia ao sucesso de eventos desta monta. O objetivo foi alcançado: Tetê Espíndola tornou-se uma estrela com “Escrito nas estrelas”, a grande vencedora; já Leila Pinheiro e Emílio Santiago consolidaram-se junto ao grande público. Quatro décadas depois, **A União** relembra o desfecho da competição, com o depoimento de quem viveu aquelas emoções.

A final foi realizada no ginásio do Maracanãzinho, palco de outros eventos similares, em 26 de outubro de 1985. Os artistas estavam sob a regência do maestro César Camargo Mariano e a direção de Roberto Talma. Para a apresentação e os comentários, foi escalado o jornalista Nelson Motta, que liderava a transmissão e tecia comentários. O júri, por sua vez, era um amálgama representativo de diversos segmentos da cultura brasileira daquela época, mas a maioria nasceu no Sudeste: Rita Lee, cantora e compositora; Paulo Moura, músico; Tárík de Souza, crítico; Marcelo Tas, jornalista; Malu Mader, atriz; Arthur Moreira Lima, músico; Sérgio Cabral, jornalista; Ricardo Amaral, empresário; e Chacrinha, apresentador.

Entre os 12 finalistas, estavam grupos efêmeros como o Zipertensão, liderado por Cid Campos (filho

do poeta paulista Augusto de Campos). Sua faixa, o *pop rock* “Vamp neguinha”, contava com uma *performance* em estilo de “videoclipe”, privilegiada pelo jogo de câmeras da televisão; mas toda a “pirotecnia” era diluída na visão de quem acompanhava *in loco*.

A notoriedade de outras canções ficou restrita ao festival e ao crivo técnico do júri. Um exemplo, “A última Voz do Brasil”, do mítico conjunto Joelho de Porco, foi eleita a Melhor Letra. A composição de Armando Ferrante Jr., Próspero Albanese, Tico Terpins e Zé Rodrix era interpretada de maneira polifônica e soava ruidosa em meio à transmissão.

“Elis, Elis”, homenagem à Pimentinha da MPB, falecida três anos antes, foi salva do “apagamento” pós-festival graças à voz de Emílio Santiago, eleito o Melhor Intérprete. A música composta por Estevan Natolo Jr. e Marcelo Simões, fazia referência, na letra, a faixas marcantes do repertório de Elis Regina, como “O bêbado e a equilibrista”.

Na outra ponta, uma faixa aclamada pelo público, mas esquecida pelo júri: “Condor”, de Oswaldo Montenegro, com referências à mar-

cha da redemocratização brasileira, em curso, e entoada a plenos pulmões pela plateia. O autor apresentou-se ao longo da competição com o coral Raça, extenso grupo de vocalistas que deram o tom “gospel”, apontado por Nelson Motta.

“Você pra mim foi o sol...”

O Festival dos Festivais contou com o patrocínio da Shell, que havia fornecido nome para outros certames realizados na década. Oswaldo e Emílio sagraram-se campeões em dois momentos: o primeiro com “Agonia” (parceria com Mongol) em 1980; o segundo, na defesa de “Pelo amor de Deus”, obra de Paulo Debé- tio e Paulinho Rezende.

Entre as novidades em 1985, estava o grupo infantil Os Abelhudos, que surfava na onda do Balão Mágico e antecipava o sucesso do Trem da Alegria. Tatiana, Rodrigo e Diego Saldanha animaram crianças e adultos presentes na final, com uma letra “de gente grande”: “O dono da Terra”, de Nair Cândia, coescrita pelo pai dos dois meninos do conjunto, Renato Corrêa.

O júri concedeu a medalha de bronze para “Verde”, de Eduardo

Gudin e J. C. Costa Netto. A intérprete, Leila Pinheiro, foi eleita a revelação do evento, aos 25 anos. Apesar de ter alcançado prestígio com o seu primeiro disco, de 1983, ela nunca havia participado de um evento dessa magnitude. O convite partiu diretamente do maestro César Camargo Mariano.

“Estávamos ali em 1985, antes de internet, antes de redes sociais. Ao vivo mesmo. E isso me abriu todas as portas, porque eu saí de lá com um convite do Roberto Menezes, que naquela altura era o diretor artístico da gravadora Polygram. Ele disse: ‘Leila, não tenho nada para dar para você, a não ser a minha palavra’. E estou agarrada a ela até hoje”, assevera a cantora.

A vice-campeã, “Mira Ira”, era uma composição de Lula Barbosa e Vanderlei de Castro, com interpretação do primeiro e de Miriam Mirah, do grupo Tarancón, falecida em 2022. O conjunto Placa Luminosa fornecia o arranjo que abocanhava um segundo troféu. O título e certas estrofes são cantados em tupi-guarani.

“Inspirei-me em Miriam. Es-

Foto: Reprodução/TV Globo



crevi parte da letra e mandei para o Vanderlei. Ele pesquisou e descobriu que ‘mira’ (*povo*) ‘ira’ (*mel*), era “povo que gosta do mel”, uma expressão tupi. O Tarancón e a Placa Luminosa deram uma liga muito grande, com os vocalistas Márcia Cauê e Ivette Matos. Aí foi uma explosão de sons e cores no palco do festival”, rememora Lula.

O refrão chiclete de “Escrito nas estrelas” e o arranjo que mesclava elementos do *rock*, do *pop* e até do sertanejo foi composto por Carlos Rennó e Arnaldo Black — este, casado com Tetê Espíndola. De uma apresentação marcante, mas quase desastrosa no MPB Shell de 1981 (interpretando “Londrina”, de Arri- go Barnabé), a cantora rumou para o ápice da popularidade.

“Eu tinha 10 anos de carreira. Estava no auge da meninice, da voz. Com trinta e poucos anos, você está tinindo. Eu estava pronta para aquele momento. Mas eu nunca imaginava que ia ser todo esse sucesso. Foi o jeito da minha voz ser ouvida, com uma música tão popular. E eu fico muito feliz de ter essa música e esse sucesso na minha vida”, conclui Tetê.

CONTINUA NA PÁGINA 11

CANÇÕES DA FINALÍSSIMA (pela ordem de entrada em cena)

■ “Caribe, Calibre, Amor”

De Jorge Portugal e Roberto Mendes. Com Jorge Portugal, Roberto Mendes e Grupo Santa Cruz.

■ “Verde”

De Eduardo Gudín e Costa Netto. Com Leila Pinheiro (3º lugar e revelação).

■ “Condor”

De e com Oswaldo Montenegro.

■ “Os metaleiros também amam”

De Ayrton Mugnaini e Carlos Melo. Com Língua de Trapo.

■ “Novos Rumos”

De Ana Ivo e Rossini Ferreira. Com Cida Moreira.

■ “O dono da Terra”

De Nair Cândia e Renato Corrêa. Com Os Abelhudos.

■ “Vamp neguinha”

De Cid Campos. Com os grupos Zipertensão e Panapaná.

■ “Tempo certo”

De Souza Netto e Ubiratan de Sousa. Com Ubiratan de Sousa e grupo Casinha da Roça.

■ “Escrito nas estrelas”

De Arnaldo Black e Carlos Rennó. Com Tetê Espíndola

(1º lugar)

■ “A última Voz do Brasil”

De Armando Ferrante Jr., Próspero Albanese, Tico Terpins e Zé Rodrix. Com Joelho de Porco (Melhor Letra)

■ “Elis, Elis”

De Estevan Natolo Jr. e Marcelo Simões. Intérprete: Emílio Santiago (Melhor Intérprete).

■ “Mira Ira (Nação mel)”

De Lula Barbosa e Vanderlei de Castro. Com Lula Barbosa, Mirian Mirah, Taracón e Placa Luminosa (2º lugar e Melhor Arranjo)

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Beatles, Bourdieu e valores estéticos

Assisti há alguns anos o filme *Yesterday* (2019), do diretor britânico Danny Boyle. Jack Malik, um jovem músico inglês, sonha ser estrela do rock. Sua obra musical, no entanto, é de qualidade duvidosa.

As coisas começam a mudar quando ele é atropelado por um ônibus. O evento, não se sabe bem por que, desencadeia um efeito mágico que faz com que as músicas dos Beatles sejam apagadas da história. Jack começa a se dar conta disso quando toca a canção “Yesterday” para um grupo de amigos e ninguém conhecia a canção.

Em casa, Jack faz uma pesquisa no Google sobre os Beatles e não encontra absolutamente nada. Por sorte, ele se lembra de várias músicas de cabeça e começa a escrevê-las para não esquecer. Pra encurtar a história, Jack apresenta publicamente as músicas dos Beatles como se fossem suas criações. Em pouquíssimo tempo, ele se transforma no novo astro da música *pop*.

Um dos argumentos subentendidos na narrativa é o de que a obra artística tem um valor em si, o que poderia ser demonstrado pelo fato de um músico com pouco talento alcançar o estrelato com as canções dos Beatles. Tenho sérias dúvidas sobre essa ideia. O valor estético de uma obra de arte tem um caráter arbitrário, não pode ser entendido fora de um determinado campo

de poder e de referentes culturais. O que é bom ou ruim tende a variar historicamente. Nomes que hoje figuram no panteão dos “deuses da arte” já tiveram sua qualidade contestada.

Vejamos: a obra de Paul Cézanne não teve inicialmente uma boa recepção. Demorou um pouco para que o artista tivesse reconhecimento. Tal problema atingiu os pintores pós-impressionistas Van Gogh e Paul Gauguin. Os exemplos multiplicam-se: um dos grandes artistas do Renascimento, Rafael, teve o valor de sua obra contestado no século passado. Dizia-se que ela era “comum”. O inverso também é uma verdade. Guido Reni, que gozava de um prestígio similar ao de Michelangelo, perdeu a sua importância. Esse é apenas um caso entre muitos. Estilos artísticos estão sujeitos à mesma fortuna. A história da arte é repleta de alternações de perspectivas estéticas e de conflitos.

Essa discussão nos leva a Pierre Bourdieu e sua crítica à existência de um “olhar puro” sobre a arte. O tal “olhar puro”, segundo o sociólogo, não passaria de uma criação histórica que só seria possível na Modernidade, com o surgimento da produção artística dentro de um campo autônomo. Bourdieu diz que o “olho é um produto da história reproduzido pela educação”.

A consequência do argumento, penso, é que a arte não teria valor em si, apenas para si. Somos nós que atribuímos o seu valor, e isso não ocorre de maneira harmônica, mas através de uma disputa entre artistas, críticos, consumidores de arte e classes sociais.

Além do mais, é o acesso a códigos culturais específicos que permitiria a apreensão artística. Bourdieu fala de um sistema que envolve esquemas de apreciação e percepção que “constitui a cultura pictórica ou musical” e “é a condição dissimulada desta forma elementar de conhecimento, que é o reconhecimento dos estilos”. Como disse Bourdieu: “O espectador desprovido do código específico sente-se submerso, ‘afogado’, diante do que lhe parece ser um caos de sons e de ritmos”.

É preciso destacar que o processo de autonomização da arte como um campo socialmente distinto se aprofundou de forma radical. Em outras palavras, fica cada vez mais difícil compreender o que se passa na arte sem o mínimo conhecimento de sua história, de seus desdobramentos internos, das características dos estilos, das concepções estéticas hegemônicas. A arte se fechou numa linguagem autorreferente.

Isso nos apresenta a outra questão colocada em xeque por Bourdieu: a crença de que o gos-

to é algo exclusivamente individual, uma espécie de dom natural. Uma metafísica bastante popular. Essa concepção pode ser confrontada com a observação científica. O acesso a bens culturais e o tipo de educação que recebemos são fundamentais para a formação do gosto. O interesse por artes plásticas, literatura, a frequência a museus, cinemas e o hábito de leitura estão associados à escolaridade, à educação familiar e à classe social à qual pertencemos.

Existe uma hierarquia social entre as artes. Julgamos que alguns estilos são mais nobres e sofisticados, enquanto outros tratamos como bregas e ultrapassados. Falamos em alta e baixa cultura. Em bom e mau gosto. Classificações que não podem ser vistas como verdades universais. Elas refletem o mundo concreto e suas relações de poder. Geralmente funcionam como marcadores sociais de distinção, legitimando simbolicamente hierarquias e formas de dominação.

Mesmo gostando dos Beatles, não acredito que suas músicas teriam o mesmo “sucesso” como no filme *Yesterday*, caso elas aparecessem hoje. São muitos os fatores que levaram os garotos de Liverpool à fama. Sem dúvida, a “qualidade musical” é um deles, mas não podemos deixar de lado o contexto histórico e cultural.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Arte e o inconsciente

A relação do médico neurologista e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856–1939) com a arte fundamenta as bases para a crítica de arte e a estética psicanalítica. O seu trabalho oferece a compreensão da criação e da experiência artística, vendo a arte não apenas como um fenômeno cultural, mas como uma manifestação da vida psíquica inconsciente. Para Freud, em seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1900, afirma que “a arte é como os sonhos e os sintomas neuróticos, ela permite o acesso aos conteúdos reprimidos e aos desejos não realizados do ser humano”.

O conceito central na estética freudiana da arte é a sublimação. A psicanálise postula que a civilização exige a renúncia a uma parte significativa dos impulsos instintivos, primariamente os de natureza sexual e agressiva. Em seu livro *O Mal-Estar na Civilização*, publicado em 1930, Freud defende que “a sublimação é o mecanismo de defesa que permite a dessexualização desses impulsos e o seu redirecionamento para fins socialmente valorizados e não sexuais, como a produção artística, a investigação científica ou o trabalho intelectual”. A arte, neste sentido, permite ao artista canalizar energias libidinais e destrutivas para a criação de algo belo e culturalmente significativo.

A criação artística é intrinsecamente ligada à fantasia. No seu ensaio seminal, “O escritor e a fantasia” (1908), Freud apresenta um paralelo entre o brincar da criança, o devaneio do adulto e a criação literária. Ele argumenta que “o brincar é uma atividade de criatividade, na qual a criança cria um mundo próprio e o organiza de maneira que lhe agrada. O adulto, por sua vez, substitui o brincar pelo fantasiar, que é uma espécie de jogo íntimo, onde ele realiza os seus desejos não satisfeitos — ambições de poder, riqueza, glória e, sobretudo, amor”. Nessa obra ele também defende que “o artista, ou ‘escritor criativo’, é aquele que possui a capacidade singular de transformar o seu devaneio pessoal e egoísta em uma obra

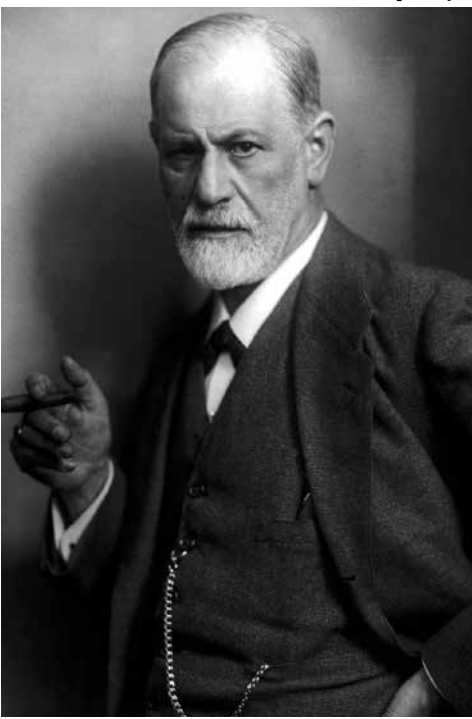


Foto: Reprodução

Freud escreveu que “a arte é como os sonhos”

de arte que é capaz de proporcionar prazer a outros. O artista, como o neurótico, é alguém que se afasta da realidade devido a uma insatisfação com as renúncias que ela impõe. No entanto, ao contrário do neurótico, o artista encontra um caminho de retorno à realidade através da sua obra. Ele consegue, por meio de um ‘prêmio de sedução’ — o prazer estético da forma, da técnica e da beleza — disfarçar a natureza íntima e, por vezes, embaraçosa, do seu material de fantasia”.

A obra de arte, portanto, opera em dois níveis de prazer. O primeiro é o prazer formal, que é o “prêmio de sedução” que desarma a resistência do público. O segundo é o prazer libidinal, que advém do conteúdo da obra, permitindo ao espectador identificar-se com os desejos realizados na fantasia do artista. Ao desfrutar da obra, o público partilha, de forma vicária e socialmente aceitável, a satisfação dos seus próprios desejos reprimidos. A arte é, assim, um mecanismo de compensação coletiva, um narcótico que alivia a tensão da renúncia instintiva exigida pela cultura.

Freud também se dedicou à análise de obras de arte específicas e de artistas, como em “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” (1910) e “Moisés de Michelangelo” (1914). Nestes estudos, ele não se propôs a fazer uma crítica estética, mas sim a aplicar o método psicanalítico para desvendar as motivações inconscientes por trás da criação. Em Leonardo, por exemplo, ele procurou traços da homossexualidade e da curiosidade investigativa do artista, ligando-os a uma lembrança de infância (Freud, 1910). Em “Moisés”, ele tentou reconstruir o estado emocional do escultor no momento da criação, interpretando a postura da estátua como um ato de contenção de um impulso violento (Freud, 1914). Observa-se que Freud não via a arte como uma cura para a neurose. Ela é uma forma de satisfação substituta que, embora socialmente produtiva, não resolve o conflito psíquico subjacente. O artista, apesar do seu talento, permanece um indivíduo impulsionado por forças inconscientes. A sua genialidade reside na sua capacidade de dar forma universal a conteúdos que são, na sua origem, estritamente pessoais.

A estética freudiana da arte é psicológica e cultural. A arte é o espaço onde o desejo reprimido encontra a sua expressão simbólica, onde a fantasia individual se transforma em prazer coletivo através do mecanismo da sublimação. A psicanálise, ao desvendar este processo, enriquece a compreensão humana da arte, transformando-a de um objeto de contemplação estética em uma pulsão do inconsciente humano.

Sinta-se convidado à audição do 543º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 9, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo, em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre algumas peças do romantismo do compositor e pianista russo Piotr Ilitch Tchaikovski (1840–1893).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Lô Borges
nunca existiu

Passsei muito tempo procurando o primeiro CD de Lô Borges, conhecido popularmente como o “disco do tênis”, em referência à imagem da capa — o álbum é um marco de Lô, que tinha apenas 20 anos. Um ex-amigo me falou que eu encontraria na Galeria do Rock, São Paulo. Achei. Bem caro, paguei em dez vezes. Faz tempo.

Há tempos fora de catálogo, sem reedição em vinil e tendo sido lançado no país em CD pela última vez em 2002, o álbum é tão bonito, fez cabeça de muita gente, gente que nem sabia, nem frequentava o Clube da Esquina, mas já se incluía no Trem Azul.

Com a ajuda do letrista e irmão Márcio Borges e de uma galera bacana (Beto Guedes, Toninho Horta, Tenório Jr. e Robertinho Silva), Lô, em várias ocasiões, precisava compor uma canção de manhã e já levá-la ao estúdio à noite.

São 15 faixas transbordando delírio e psicodelia, surrealismo e espírito estradeiro, tudo misturado a porções de jazz, folk, forró, hard rock e harmonias vocais. Uma obra de arte, o “disco do tênis”.

Das capas que fiz para o caderno de cultura do jornal *Correio da Paraíba*, cujo editor era Renato Félix, tive a oportunidade de entrevistar Lô Borges algumas vezes — a primeira, acho, foi quando ele lançou um disco com Samuel Rosa e aproveitei o gancho para perguntar sobre a histórica da capa do “disco do tênis”, do par de tênis, e ele disse: “É uma foto do meu tênis”. Lembrei do Caetano, quando perguntaram a ele, no *Canal Livre*, quem era Caetano Veloso, e ele disse: “Sou eu”.

A quinta faixa do “disco do tênis”, “Não foi nada”, só tem duas frases — em que Lô Borges diz que sonhou que nunca existiu e viu que ele nunca sonhou. É uma canção de uma imensa beleza e, na terceira faixa, “O caçador”, ele conta que viu um caçador com um revólver apontado para a lua e que precisou esconder seu cabelo da tempestade. É demais, né?

Dizer que ele sonhou que nunca existia em 1972 já era um sinal de que quebrara as portas da puberdade e realmente não existia, não como se diz por aí: “K, vc não existe”. Não há outra coisa que eu pense e já ouvi várias vezes esse disco, mais vezes do que quando comprei o CD, que agora está à disposição em todas as plataformas. É som diferente, letras viajantes.

O estranho silêncio na rua que ele canta em “Homem da rua” reflete em sua imagem, a despedida, onde coube muitas vozes nos corais em seu velório. Lô Borges, um hóspede inesperado cuja arte e sentimentos ligados a nossa vida e não à morte, sua voz diferente, à vontade com o excesso de palavras ou a falta delas.

Dá para imaginar a solidão, a fúria, a mobília, os retratos, o piso, os castiçais da casa dos pais dele, a mesmice, os livros, mas é tudo coisa da minha imaginação. O disco é tão bonito que segue tudo desviado, como rostos que riem para um jardim, que fica para lá, além do planeta Minas.

Eu era pequeno, com 12 anos, e Lô Borges já era artista. Agora recordo-o, quando o vi num show em São Paulo, na década de 1980, com a jornalista Selma Tuarge, ela me dizendo: “Ele é bárbaro, bárbaro”. E eu o olhava cantar em silêncio.

Lô, um artista que possa ter sido cheio de ser, está morto.

A última entrevista foi em abril passado, quando ele lançou um disco com Zeca Baleiro. Ficou na minha cabeça.

Kapetadas

- 1 – O futuro chegou, Lô Borges. E veio armado.
- 2 – Eu sou entusiasta desta grande e incontestável verdade: “Quem é, não sente necessidade de provar”.



Foto: Divulgação

O “disco do tênis” é o primeiro trabalho solo de Lô Borges

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

O Romanço do Dinossauro há 45 anos

O Vale dos Dinossauros de Sousa, no Alto Sertão da Paraíba, que até hoje representou um dos grandes motores para o turismo e a economia do lugar, é também muito importante para a cultura local. Fato que vem repercutindo no mundo todo, como uma das atrações relevantes para o nosso estado.

As “pegadas dos dinossauros em Sousa”, como são bem conhecidas, têm motivado muitas discussões em encontros culturais e em salas de aulas, e até em produções para o cinema. Eu mesmo tive participação numa delas como pesquisador, operador de câmera e codiretor, juntamente com o cineasta Pedro Jorge de Castro e o fotógrafo José Nilton da Silva, enquanto permaneci fazendo mestrado na Universidade de Brasília.

Conheci Pedro Jorge, que foi o meu orientador de tese na UNB, por meio do seu documentário *Brinquedo Popular do Nordeste*. Ficamos amigos e, posteriormente, na cidade de Sousa, dirigimos juntos o curta-metragem *O Romanço do Dinossauro*. Uma realização toda gravada em suporte U-Matic para o Instituto Animatógrafo de Comunicação. Obra que foi selecionada para o Festival de Cinema das Ilhas Canárias, na Espanha.

Com a vinda do cineasta Pedro Jorge à Paraíba, formamos aqui a nossa equipe e viajamos ao interior do estado, com apoio da Universidade Federal da Paraíba. Nessa época, eu fazia assessoria de imprensa junto ao gabinete da professora Carmem Izabel Car-

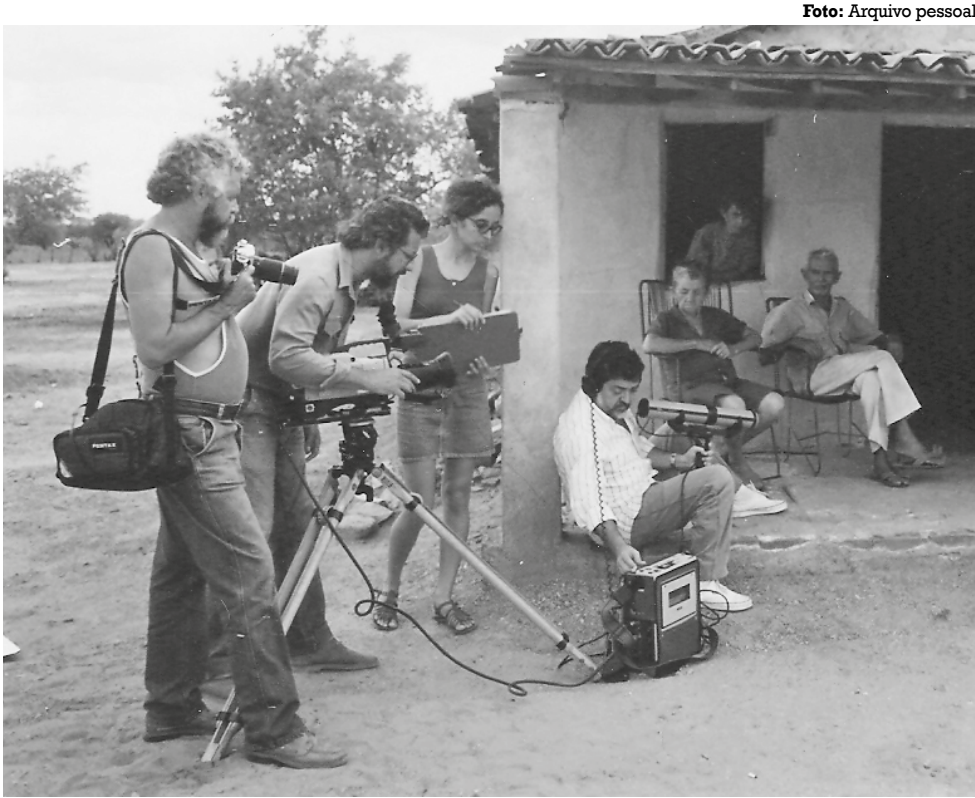


Foto: Arquivo pessoal

Registro das gravações do curta “O Romanço do Dinossauro”, codirigido pelo columnista

los Silva, na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Prac), ainda na gestão do reitorado de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. É hoje, após todo esse tempo no vale, parece tudo igual, como foi recentemente mostrado em uma publicação.

O texto a seguir extraí da abertura do nosso documentário realizado na cidade de Sousa, em 1981:

“Partindo de rastros deixados na lama petrificada, a ciência tenta reconstituir a história dos dinossauros que ha-

bitaram o Vale do Rio do Peixe há cem milhões de anos e desvendar o mistério do seu desaparecimento. A imaginação popular mantém os dinossauros vivos na sua arte e no seu cotidiano. É sua maneira criativa de representar a realidade”.

O leitor pode tomar conhecimento do nosso documentário por meio do YouTube, acessando <https://www.youtube.com/watch?v=U9EQfXIAT5I> – Mais “Coisas de Cinema” em nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Lançamento de livro na Sala Aruanda

Como parte das atividades da semana de recepção aos calouros do curso de Cinema da UFPB, a Academia Paraibana de Cinema esteve presente, nesta semana, no Cine Aruanda, prestigiando o evento. A atriz Zezita Matos, ex-presidente da APC, fez a palestra de abertura, ressaltando a importância do acontecimento, que teve a presença dos acadêmicos Fernando Trevas e Matheus Andrade. Fez parte do evento o lançamento de livros e a exibição de documentário.

Como parte da programação, o professor João de Lima, presidente da APC, lançou o livro *DocTV, 20 anos – A Revolução do Documentário na TV Pública Brasileira*, organizado por ele, Ruy Rocha e Sheila Accioly.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 9

Tadeu Mathias chegou à semifinal do festival

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Nem só de aplausos viveu o Festival dos Festivais. Além da recepção morna à convencional “Novos rumos”, de Ana Ivo Rossini Ferreira, na voz da experiente Cida Moreira, a torcida aguerrida vaiou com veemência a banda Língua de Trapo, que trouxe para o Maracanã-zinho a irônica “Os metaleiros também amam”. “Não é uma música típica de festival. Muita gente odiou, mas muita gente gostou, entrou no espírito de irreverência e tal. Teve até gente dizendo que era a melhor coisa do evento inteiro. Democracia tem dessas coisas”, sentenciou Ayrton Mugnaini Jr., que coescreveu a faixa com Carlos Melo.

O Nordeste trouxe mais representantes valorosos para aquela final, em outubro de 1985. Os baianos Jorge Portugal e Roberto Mendes somaram suas forças às do grupo Santa Cruz para apresentar “Caribe, Calibre, Amor”, com *swing* latino. Nelson Motta revelou, durante a transmissão, a ligação que recebeu de Maria Bethânia, pedindo apoio aos contrerrâneos.

“Não ia resolver nada porque eles não entendiam nada. Aquela música chegou até onde chegou, mas não era para ganhar o festival. Ela chamava atenção pela maneira nova que estava ali sendo colocada. Alcançou o que queria alcançar mesmo”, assinala Roberto.

O maranhense Ubiratan Sousa e o grupo Casinha da Roça estiveram a cargo de “Tempo certo”, com as presenças simbólica e física do maracatu. Essa canção foi composta em parceria com Sousa Netto, irmão de Ubiratan, já falecido. O intérprete denuncia que quase foi “roubado” por um dos produtores — este não quis pagar o cachê. A celeuma gerou uma discussão em um hotel do Rio de Janeiro.

“Nesse momento adentrou no *hall* o Boni (vice-presidente de operações da Globo, na época), que ao saber do que acontecia deu um grito e disse: ‘Pague Ubiratan, que ele faz cultura’. O cara abriu a pasta e foi tirando a grana”, rememora.

Foram realizadas, ao todo, quatro grandes eliminatórias para o Festival dos Festivais, entre o primeiro e o segundo semestre de 1985. Todas elas também foram transmitidas ao vivo

pela televisão, num total de 48 canções. Algumas que não seguiram para a finalíssima ganharam sobrevida nas rádios e na TV graças à sua adição em trilhas sonoras de novelas, caso de “Minha aldeia” e “Depois da primeira vez”, compostas e defendidas, respectivamente, por Sérgio Souto e Toninho Negreiro. Ambas embalsamaram a primeira versão de *Sinhá Moça*, exibida no ano seguinte, no horário das 18h.

Um representante paraibano chegou à semifinal — Tadeu Mathias, criador e intérprete de “Sentimento e blues”. Radicado no Rio de Janeiro desde o início da década, Tadeu começou a ganhar certo destaque no cenário fonográfico após o lançamento do álbum *Zuada de Boca*, em 1983. Ele superou 12 mil inscritos e apresentou seu trabalho concorrente na eliminatória em Recife, cujo palco foi montado

no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, o Geraldão. O júri, diverso, contou com as presenças das atrizes Regina Casé e Patrícia Travassos e dos críticos de arte Juares Fonseca, Paulo Puterman e Silvio Lancellotti.

“Sentimento e blues” foi superada por três faixas — em Recife, cavaram caga na final “Calibre, Caribe, Amor”, “O dono da Terra” e “Novos rumos”. Mas, somada à predileção do supervisor do festival, Solano Ribeiro, o paraibano garantiu a simpatia de outros célebres integrantes da equipe.

“Também curti muito a admiração que as jornalistas Glória Maria, Astrid Fontenelle e Leila Cordeiro nutriram por mim naquele momento”, evoca. A canção foi editada em compacto pela Polygram, no fim daquele ano, e foi pinçada ainda para a trilha da novela *De Quina pra Lua*. “Era o tema de Bruno, papel de Paulo Betti”, rememora Tadeu.



Foto: Divulgação

Tadeu Mathias não foi para a final, mas sua música fez sucesso



Por meio do QR Code acima, acesse o vídeo com a final do festival

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Acontecimentos literários

A publicação de *Pequenos Poemas em Prosa*, de Charles Baudelaire, em 1862, na revista *La Presse*, foi considerada por Théodore de Banville um “acontecimento literário”. Muito mais que *As Flores do Mal*, de 1857, na sua fatura métrica ainda atrelada a certos dispositivos da poesia clássica. Na linhagem de Aluysios Bertrand, com os *Pequenos Poemas em Prosa*, Baudelaire inaugura um novo gênero poético, explorando, assim, campos pouco cultivados na geografia literária da modernidade.

A propósito, os acontecimentos literários caracterizam-se, sobretudo, pelo impacto da novidade e da originalidade que certas obras apresentam, quer no plano formal e estilístico, quer na esfera semântica e ideológica. Esteticamente, o acontecimento literário refaz os alicerces da tradição, abala suas estruturas modelares, sinaliza para a possibilidade de outros caminhos. Enfim, o acontecimento literário estabelece pontos decisivos e as referências da crítica e da história literárias no afã sistemático de analisar e compreender a ordem e o processo da criação.

Há obras literárias que constituem, de fato, um acontecimento. Outras, e não são poucas, nem tanto!

Em âmbito brasileiro, um dos grandes acontecimentos literários é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902. Os mestres da crítica de então, em especial Araripe Júnior e José Veríssimo, como que sucumbiram perante a sua singularidade, marcada particularmente pelo insólito conluio entre os estatutos estéticos da linguagem e a densidade científica do conteúdo. As partes em que se subdivide, isto é, “A terra”, “O homem” e “A luta”, compõem o primeiro ensaio de civilização da literatura brasileira, a trazer à tona as intensas desigualdades sociais de um país dividido entre Litoral e Sertão, entre exército e jagunços, entre história e mito, entre as elites hegemônicas e a plebe desamparada.

Outro acontecimento literário ocorre com a publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, em 1928. Em “Búfalo do Norte”, para me valer da expressão do crítico Sérgio Milliet, o paraibano recorta, com seu romance trágico, novas veredas no espaço da tradição romanesca. Atento também às antinomias dos modos de produção e aos resquícios feudais de uma economia agrária, a narrativa de Zé Américo também faz sua leitura crítica do Brasil, pondo em cena os dramas da violência e da fome de suas regiões esquecidas. Tristão de Athayde, de seu pontificado crítico, reconheceu a grandeza do romance, principalmente pelo equilíbrio entre artefato literário e a configuração humana.

Depois destes, o grande acontecimento literário vai ser o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, publicado em 1956. Mais que os outros, aqui a transfiguração mítica perpassa os órgãos da linguagem e os músculos da ação, envolvendo os personagens no clima épico característico das narrativas clássicas, a exemplo da *Iliada*, da *Odisseia* e da *Eneida*. O fio condutor é a voz de Riobaldo. À trama da linguagem correspondem as peripécias da fabulação. O Sertão está fora e está dentro. É físico e metafísico. O amor é tragédia. As pessoas não morrem: se encantam. Não há Deus nem há diabo. O que existe é o homem no meio do mundo. É travessia.

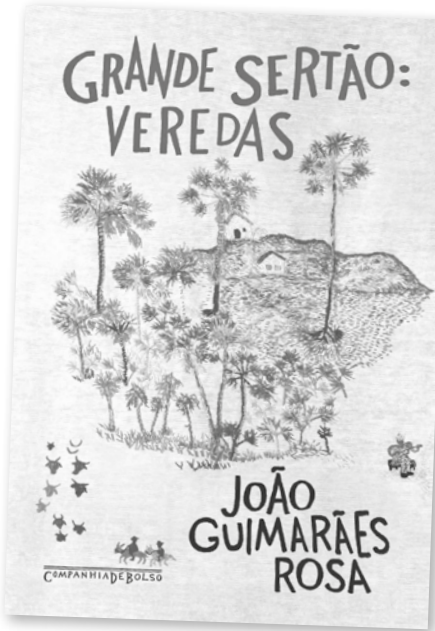


Foto: Divulgação/Companhia das Letras

“Grande Sertão: Veredas”: acontecimento literário dos anos 1950

Colunista colaborador

LITERATURA

Flic começa para escolas

Feira Literária de Campina Grande abre com evento para estudantes

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Em oitava edição e com o tema “Literatura (s)em fronteira(s)”, a Feira Literária Internacional de Campina Grande (Flic), cuja programação principal acontece de sexta-feira (14) a domingo (16), no Museu de Arte e Ciência (MAC), inicia suas atividades culturais a partir de amanhã, com o Projeto Leitura Viva, desenvolvido em escolas públicas de Campina. No primeiro dia, o projeto estará na Escola Estadual de Aplicação, no bairro do Catolé, às 9h, como parte da residência artística do escritor e jornalista italiano Alberto Banal. Outra residência artística na Flic deste ano é a da argentina Guadalupe Merki, que estará na terça-feira (18), às 10h, no *campus* de Campina do Instituto Federal da Paraíba. Mas a abertura oficial da programação (inteiramente gratuita) será na sexta-feira, às 18h, no Salão Literário (piso superior do MAC), com a presença do poeta Sérgio Vaz, um dos maiores expoentes da chamada “literatura periférica” brasileira, em roda de diálogo mediada pela poeta Jessicalen Conceição.

O Projeto Leitura Viva da Flic foi criado em 2019 para promover o empoderamento linguístico e o diálogo entre a literatura e as outras artes. Na proposta, professores e estudantes escolhem obras de autores paraibanos e, a partir delas, desenvolvem leituras criativas nas searas da dança, teatro, música, pintura, audiovisual e até a reescrita literária — em 2025, o projeto envolveu 2.643 estudantes, 32 escolas, 75 professores e 30 escritores paraibanos.

No sábado (15), a partir das 9h, haverá sessões de lançamentos de livros diversos, além de outras duas rodas de diálogo: às 18h20, o jornalista e pesquisador Octávio Santiago e o professor Johniere Alves discutem “Nordeste como máquina de expressão: olhares hidráulicos para um desraizamento regional”, com mediação de Silvinha França. Em seguida, às 19h, o escritor Jeferson Tenório participa da mesa “Literatura na Cesta Básica”, mediada pela historiadora Bruna Santiago.

Também no sábado, o Jardim de Leituras do MAC recebe o Flicadinho, seção do evento voltada ao público infantil, com atividades promovidas pelo BNB Cultural, incluindo o Flicordel e uma mostra musical — os shows começam às 16h, com o DJ Djef, seguido do brega-lambada entoado pela Varal de Cabaré (às 17h).

O encerramento acontece no domingo (16), com o tradicional Piquenique Literário, que transforma o jardim do MAC em um grande espaço de convivência e imaginação. A programação começa às 9h, com sessão de lançamentos dos livros *As Aventuras de Théo* (Livia Evangelista), *Um Glu-Glu no Meu Quintal* (Kamilla Simonelly), *As Aventuras de Bayo em Terras Africanas* (Maria Cristina), *O Que É o Vento?* (Eva Palma) e *A Revolta dos Bichos* (Alberto Banal). Encerrando a manhã, às 11h, o grupo Chico de Bidô apresenta o espetáculo “Forró e Cordel para Crianças”.

Criada em 2018 a partir do sonho e da dedicação de quatro educadores, a feira literária nasceu com o propósito de consolidar ainda mais na cidade a cultura leitora e aproximar o público dos livros, dos escritores e das múltiplas formas de expressão artística — promovendo saraus, oficinas, encontros e atividades em escolas, parques, bibliotecas e centros culturais.

A argentina Guadalupe Merki comanda residência literária; Sérgio Vaz estará em roda de diálogo na sexta-feira e Jeferson Tenório, no sábado

Em Cartaz



Cinema

Programação de 6 a 12 de novembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom.: 14h, 17h15, 20h30; seg. a qua.: 17h15, 20h30. **CINE BANGUÊ:** seg., 10/11: 16h, 19h; qua., 12/11: 19h30; sex., 14/11: 17h; dom., 16/11: 16h30, 19h30; qua., 19/11: 19h30; sáb., 22/11: 16h30, 19h30; seg., 24/11: 16h, 19h; qui., 27/11: 16h, 19h; dom., 30/11: 16h30, 19h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** 14h, 17h15, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** 14h30, 18h, 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** 14h, 17h30, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** 14h45, 18h, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** 14h, 17h30, 21h. **CINESERCLA TAMBIA 5:** 17h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 17h, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 3: 17h40, 20h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 16h30, 19h45; seg. a qua.: 19h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: seg. a qua.: 20h30.

GRAND PRIX – À TODA VELOCIDADE (*Grand Prix of Europe*). Alemanha, 2025. Dir.: Waldemar Fast. Animação/ comédia. Ratinha disputa corrida distorcida de seu maior ídolo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 15h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qui. a ter.: 18h30. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 15h30.

UMA NOVA HISTÓRIA. Brasil, 2025. Dir.: Mario Bregieira. Elenco: Angela Sirino, Bianca Palheiras, Bruna Pinheiro. Drama. Três mulheres descobrem na terapia como curar suas feridas. 1h47. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 17h40, 20h.

PREDADOR – TERRAS SELVAGENS (*Predator – Badlands*). EUA, 2025. Dir.: Dan Trachtenberg. Elenco: Elle Fanning, Dimitrius Schuster-Koloamatangi, Reuben de Jong. Ficção científica/ aventura. Predador rejeitado pelo clã se alia a uma ciborgue para enfrentar um inimigo. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** leg.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 15h10, 17h20, 19h30. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 3D: 14h50. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: 14h15, 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 14h50. **CINESERCLA PARTAGE 2:** dub.: 14h15, 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h10, 17h20; leg.: 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 2D: 15h30, 21h; 3D: 18h40; seg. a qua.: dub.: 2D: 16h15, 21h; 3D: 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 15h, 19h; 3D: 21h15; seg. a qua.: 2D: 16h45, 19h; 3D: 21h15.

QUANDO O CÉU SE ENGANA (*Good Fortune*). EUA, 2025. Dir.: Aziz Ansari. Elenco: Keanu Reeves, Seth Rogen, Aziz Ansari, Sandra Oh, Keke Palmer. Comédia. Anjo bem intencionado, mas meio ineficiente, se envolve na vida de um trabalhador com dificuldades e um capitalista. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 18h; leg.: 20h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h40, 18h50.

REAPRESENTAÇÃO

AMORES BRUTOS (*Amores Perros*). México, 2000. Dir.: Alejandro González-Iñárritu. Elenco: Emilio Echevarría, Gael García Bernal, Goya Toledo. Drama. Um acidente de carro conecta três histórias. 2h34. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 9/11: 19h; sáb., 15/11: 19h; seg., 17/11: 20h; dom., 23/11: 19h; ter., 25/11: 20h; sáb., 29/11: 19h.

CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRAZIL. Brasil, 1995. Dir.: Carla Camurati. Elenco: Marieta Severo, Marco Nanini, Ludmila Dayer, Eliana Fonseca. Comédia. Quando a família real portuguesa foge para o Brasil em 1808, espanhola casada com o príncipe precisa se adaptar ao novo país. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 12/11: 16h; sáb., 15/11: 17h; ter., 18/11: 20h.

DE VOLTA PARA O FUTURO (*Back to the Future*). EUA, 1985. Dir.: Robert Zemeckis. Elenco: Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson, Crispin Glover, Thomas F. Wilson. Aventura/ comédia/ ficção científica. Adolescente viaja no tempo até 1955 e precisa fazer seus futuros pais se apaixonarem antes de retornar ao presente, ou não nascerá. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h40. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** leg.: 20h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: qui. a ter.: 20h. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: 18h, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 18h, 20h15; qua.: 20h15. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qui. a ter.: 20h25; qua.: 21h10.

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA. Brasil/ Alemanha Ocidental/ França, 1976. Dir.: Jorge Bodanzky e Orlando Senna. Elenco: Paulo César Pereiro, Edna de Cássia. Drama. Caminhoneiro na Transamazônica conhece prostituta e se conscientiza sobre os problemas da região. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 11/11: 16h30; qui., 20/11: 16h30; qua., 26/11: 16h; sáb., 29/11: 17h.

A NOIVA CADÁVER (*Corpse Bride*). EUA/ Reino Unido, 2005. Dir.: Tim Burton e Mike Johnson. Animação/ comédia. Homem se casa por acidente com uma noiva já morta e conhece o outro lado. 1h17. Livre.

Patos: CINE GUEDES 3: dub.: dom., ter. e qua.: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h50.

ESPECIAL

J-HOPE – TOUR HOPE ON THE STAGE – THE MOVIE (*J-Hope – Tour Hope on the Stage – The Movie*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Junsoo Park. Documentário/ show. Registro de turnê do grupo de k-pop. 1h30. Classificação não indicativa.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qua.: 19h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: qua.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: leg.: qua.: 18h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: leg.: qua.: 19h10.

CONTINUAÇÃO

BOM MENINO (*Good Boy*). EUA, 2025. Dir.: Ben Leonberg. Elenco: Shane Jensen, Arielle Friedman, Larry Fessenden. Terror. Cachorro tenta proteger seu dono de forças sobrenaturais. 1h12. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 17h15.

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (*Gabby’s Dollhouse – The Movie*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kraner, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h30. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: 16h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h20.

CHAINSAW MAN – O ARCO DE REZE (*Gekijō-ban Chensō Man Reze-hen*). Japão, 2025. Dir.: Tatsuya Yoshihara. Animação/ aventura. Caçador de demônios se apaixonou. 1h40. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 17h45.

O NATAL DA PATRULHA CANINA (*A Paw Patrol Christmas*). Canadá, 2025. Dir.: Stephany Seki. Animação/ infantil. Quando Papai Noel fica doente, a Patrulha Canina entra em ação para ajudá-lo. 1h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 14h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 13h30. **CINESERCLA TAMBIA 1:** dub.: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h.

PICASSO, UM REBELDE EM PARIS (*Picasso, un Rebelle a Parigi – Storia di una Vita e di un Museo*). Itália, 2023. Dir.: Simona Risi. Documentário. O pintor Picasso como ponte entre humanidade e um mundo hostil. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 9/11: 17h; qui., 13/11: 20h; ter., 18/11: 18h30; dom., 23/11: 17h.

SE NÃO FOSSE VOCÊ (*Regretting You*). Alemanha/ EUA, 2025. Dir.: Josh Boone. Elenco: Allison Williams, McKenna Grace, Dave Franco. Drama. Mãe e filha, de relacionamento tenso, tentam superar uma tragédia pessoal. 1h57. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: 13h30, 18h30; leg.: 16h, 21h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 15h. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 18h35. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h35.

O TELEFONE PRETO 2 (*Black Phone 2*). EUA, 2025. Dir.: Scott Derrickson. Elenco: Mason Thames, Ethan Hawke, Madeleine McGraw. Terror. Garota tem visões de três meninos perseguidos em um acampamento. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: sex. a ter.: 13h30, 16h, 18h30, 21h15; qua.: 13h30, 16h, 21h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: qui. a ter.: 17h30. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 16h20, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h20, 20h50. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qui. a ter.: 16h; qua.: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 21h.

3 OBÁS DE XANGÔ. Brasil, 2025. Dir.: Sérgio Machado. Documentário. A amizade entre Jorge Amado, Dorival Caymmi e Carybé, que moldou a identidade baiana. 1h17. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 11/11: 18h30; ter., 18/11: 16h30; qui., 20/11: 18h30; dom., 30/11: 15h.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 11/11: 20h; dom., 16/11: 15h; qui., 20/11: 20h; sáb., 22/11: 15h; ter., 25/11: 16h30.

O ÚLTIMO EPISÓDIO. Brasil, 2025. Dir.: Maurílio Martins. Elenco: Matheus Sampaio, Tatiana Costa. Comédia/ romance. Para impressionar menina da escola, garoto mente que tem uma fita com o episódio final de *Caverna do Dragão*. 1h57. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 9/11, sáb., 15/11, dom., 23/11, sáb., 29/11: 15h

Teatro

HOJE

GRAAL, O HOMEM-CÁLICE. Do Coletivo Turmalina, formado por estudantes da UFPB. **João Pessoa:** TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Domingo, 9/11, 17h e 19h30. Entrada franca.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show da clarinetista Dany Dantas e da bandolinista Laidia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 15/9, 14h. Ingressos: R\$ 15 (promocional) e R\$ 20 (inteira), antecipados na plataforma Shotgun.

POLYANA RESENDE. Cantora apresenta seu show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 9/11, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SANGUE DE BARRO. Banda de Caruaru apresenta o show *Quebranto*. Show de abertura da banda de pifanos Catrevege.

João Pessoa: GENERAL STORE (Av. General Osório, 152, Centro). Domingo, 9/11, 18h. Ingressos: R\$ 15 (couvert), antecipados na plataforma Sympyla.

TOTONHO E OS CABRA. Cantor e grupo apresentam o show *Ai Dentu*, com participação de Paula Sentis e Ruanna.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 9/11, 18h. Entrada franca, com ingressos reservados pela plataforma Shotgun.

TRIO BARAÚNA. Banda apresenta show de forró.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 9/11, 19h. Ingressos: R\$ 15.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 9/11, 21h30. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

OBSTÁCULOS NA GESTÃO

PPPs municipais ainda são exceções

Maioria das Prefeituras não tem experiência com parcerias público-privadas, apesar de manifestarem interesse

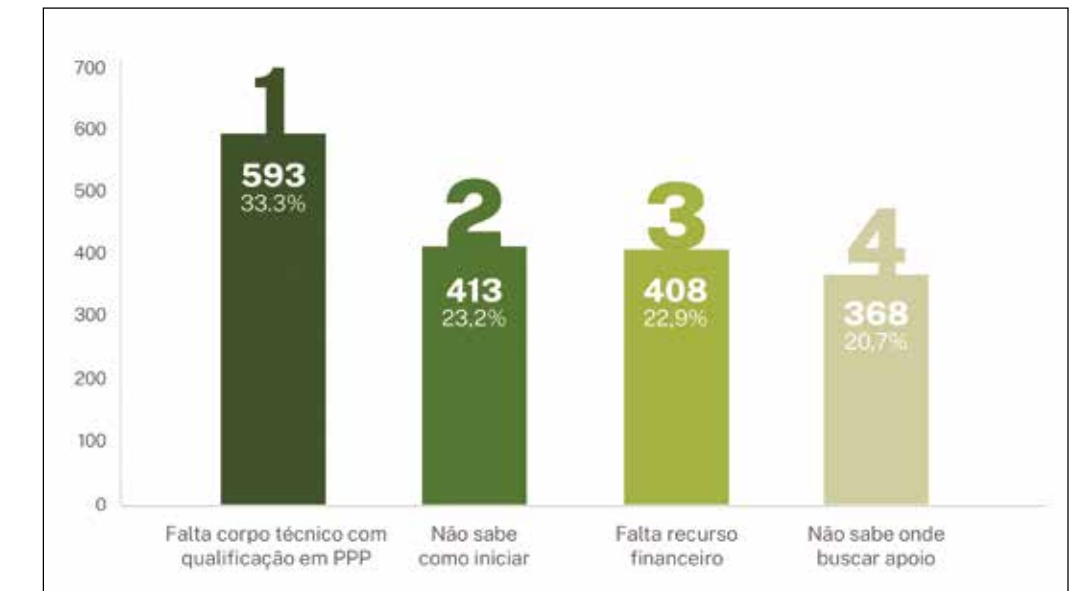
Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

As parcerias público-privadas (PPPs) têm se expandido como mais um recurso às gestões municipais para o financiamento do serviço público em diversas áreas. No entanto, essa modalidade de contratação ainda não se popularizou entre os municípios de pequeno e médio porte, especialmente os da região Nordeste. É o que aponta a Confederação Nacional de Municípios (CNM), no estudo intitulado “O Brasil das PPPs municipais – um retrato inédito da capacidade local”.

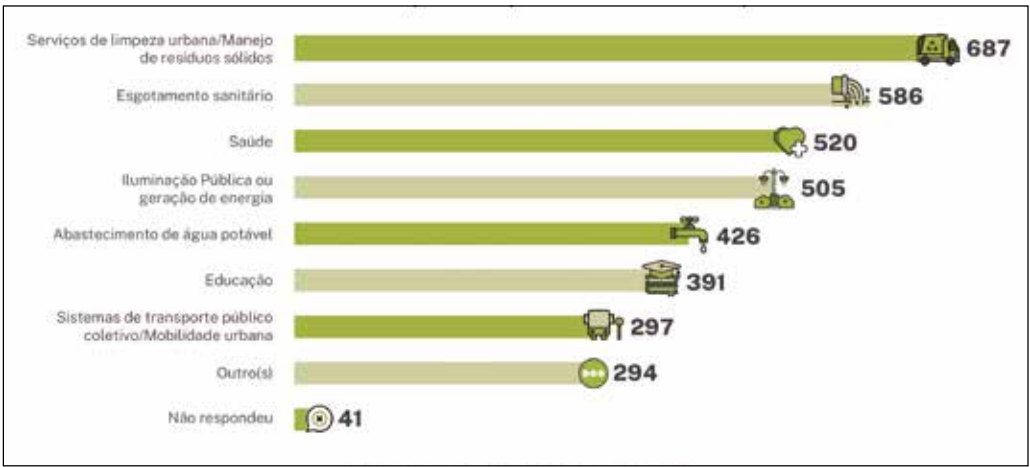
O documento revela um cenário de avanços, mas também de significativos obstáculos na implementação de PPPs nos municípios brasileiros. A pesquisa ouviu 2.934 Municípios, em 26 Unidades da Federação, de setembro de 2024 a março de 2025. Na Paraíba, pouco mais de 60 Prefeituras – o equivalente a 30% do estado – colaboraram com a pesquisa.

Conforme o levantamento, dentre outras questões, a capacidade técnica dos Municípios é um obstáculo significativo para a implementação de PPPs, que demanda uma combinação complexa de competências técnica, jurídica, institucional e financeira – estrutura, muitas vezes, escassa ou inexistente nos municípios.

Segundo o documento, 33% dos municípios que nunca iniciaram uma PPP, mas



Baixa capacitação e falta de informações lideram lista de obstáculos enfrentados pelas gestões



Municípios elencaram áreas em que as parcerias público-privadas seriam prioritárias

demonstram interesse, citam a falta de corpo técnico qualificado como um dos principais entraves. Entre os municípios em que processos de PPP foram paralisados ou cancelados, 13 (18,3%) mencionaram a baixa qualificação do quadro técnico como um dificultador importante. Além disso, entre os municípios com PPPs existentes, 121

respondentes (46,5%) destacaram a baixa qualificação técnica das equipes municipais como uma das principais dificuldades.

Cenário local

Vanóbia Nóbrega, secretária-adjunta de Contratações Públicas de Cajazeiras, no Sertão paraibano – onde os principais contratos via PPPs são

nas áreas de saneamento básico e iluminação pública –, concorda que a falta de informação e de qualificação técnica das equipes municipais são os principais obstáculos, além da limitação legal de 5% do orçamento do município para essas parcerias.

“Hoje, o Município não vive sozinho, não trabalha sozinho sem essas parcerias.

Atenção à qualidade dos contratos é essencial

O advogado e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Ney Formiga defende que as PPPs buscam aliar a agilidade e a eficiência do setor privado à prestação de serviços públicos. “Eu vejo, sim, como importante a participação de setores privados no âmbito da administração pública, desde que haja um gerenciamento, que haja um controle por parte do Estado. Então, depende do interesse, da viabilidade, mas principalmente do interesse dos gestores públicos também de buscarem esse tipo de parceria”, opina.

De novembro a dezembro de 2024, um estudo conduzido pelo docente apontou a viabilidade de uma PPP na área de resíduos sólidos para a Região Metropolitana de Sousa. A pesquisa, publicada em maio deste ano, entrevistou 18 gestores dos municípios de Sousa, Aparecida, Nazarezinho, Marizópolis, Lastro, São José da Lagoa Tapada, Vieirópolis, Santa Cruz e São Francisco.

“Nós falamos se há viabilidade por meio do consórcio, haja vista que o custo é muito alto para a implantação e viabilidade de uma PPP. Então, por meio des-

se consórcio, entre vários municípios de uma região metropolitana, dispenderia mais interesse de pessoas jurídicas e empresas privadas virem a participar desse projeto, porque ela embarcaria toda uma região. E aí, sim, teríamos uma certeza de uma melhoria de gestão, de eficiência do setor privado para com o setor público no gerenciamento desses resíduos sólidos”, pontua o especialista em Gestão Pública.

Falhas

Assim como podem proporcionar diversos benefícios à administração pública, as PPP também oferecem riscos às gestões públicas, como a má elaboração de contratos, que podem resultar em repasse excessivo de riscos ao Estado ou lucros exagerados para o parceiro privado.

Especialista em Direito Público, o professor Alex Taveira, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), salienta que o não cumprimento dos termos, com empresas abandonando contratos e obras paralisadas, é uma realidade, inclusive na Paraíba. “A gente sabe que tem que sempre tomar cuidado com quem está contratando. Há várias e vá-

rias obras em andamento, que se propagam no tempo, sem conclusão e sem expectativa de terminar. Então, isso pode gerar prejuízos para o erário e para a população, e vai trazer muita insatisfação”, diz.

Outro ponto crítico, na visão de Taveira, é a tendência para uma dependência excessiva do setor privado, que pode comprometer a autonomia do Estado na prestação de serviços essenciais. Ele enfatiza que as PPPs são instrumentos importantes para a administração pública, mas que “não podem culminar com a dependência das empresas do setor privado para realização e entrega de serviços públicos”.

Ney Formiga discorda. Para ele, esse conflito não é real, visto que, na celebração de uma PPP, existe a criação de uma terceira pessoa jurídica (gestora de propósito específico) para coordenar e fiscalizar o contrato, mantendo a supremacia do interesse público. “Não há transferência de poder, o Estado vai receber e continua fiscalizando. E existe aqui, inclusive, a responsabilidade objetiva, ou seja, o compartilhamento de riscos. É por isso que, quando se cria uma parce-

ria público-privada juntamente com o Estado, vai-se criar uma terceira pessoa. Apesar de haver uma delegação, uma transferência da execução do serviço público, o interesse primário pertence ao povo”, sustenta.



Eu vejo como importante a participação de setores privados no âmbito da administração pública, desde que haja um gerenciamento

Ney Formiga

O Município que só vive de FPM [Fundo de Participação dos Municípios] não tem condição de realizações se não tiver parcerias. A primeira questão é fazer uma sensibilização com a gestão, [explicar] que existem [as PPPs]; é legal e é possível”, analisa.

O FPM, citado pela secretária-adjunta, é um mecanismo de transferência de recursos financeiros da União para os municípios brasileiros. Ele é formado por 22,5% da arrecadação do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). O objetivo é redistribuir impostos federais e garantir que todos os Municípios, independentemente de sua receita própria, tenham verbas para custear serviços públicos essenciais.

Para o coordenador jurídico da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), Arnaldo Escorel Jr., as PPPs são um pilar fundamental para uma administração pública moderna e um dos principais obstáculos para sua popularização no estado é “uma questão de confiança”.

“Eu vou trazer um exemplo que pode ser paradigmático, mas as organizações sociais, as Oscip [Organização da Sociedade Civil de Interesse Público], por muitas vezes, serviram às PPPs, mas com pessoas que não tinham o condão de levar a melhoria aos serviços dos municípios e, por vezes, tiveram insucesso, com muito prejuízo arca-

Colaboração entre Poder Público e setor privado demanda estrutura complexa e escassa em pequenas cidades

do pelos municípios. E isso assustou os gestores, porque cria precedentes difíceis de serem tratados, como se fosse uma mácula”, explica.

O advogado da Famup complementa que a descrença não se limita aos gestores, mas também aos órgãos de controle, como Tribunais de Contas e Ministério Público, que raramente incentivam as PPPs, o que agrava a hesitação. Como alternativa, o jurista indica a criação de consórcios intermunicipais para popularizar a adoção de PPPs – como o que a Famup está articulando, entre os seus 219 membros.

Segundo Arnaldo Escorel Jr., a assembleia geral de criação do consórcio da Famup tem previsão para o início do próximo ano. Ele destaca que o consórcio terá um caráter multifinalitário, pois “não teria uma ação regionalizada porque já existem consórcios regionalizados”.

Saiba Mais

A PPP é uma modalidade de contratação específica entre o setor público e a iniciativa privada, utilizada como forma de compartilhar custos em empreendimentos de diversas áreas, como Saúde, Educação e Infraestrutura. No Brasil, as PPPs têm sido difundidas, principalmente, a partir da recessão da década de 1970, como parte das transformações do processo de neoliberalização da economia.

A promulgação da Constituição de 1988 estabeleceu que a forma de contratação do Poder Público é a licitação, resultando na celebração de um contrato entre o ente público e a iniciativa privada, conhecido como contrato administrativo.

Entre licitações e contratações, a administração pública pode transferir para a iniciativa privada a prestação de serviços públicos considerados prioritários por meio das concessões públicas, em que a prestação do serviço público é realizada por um longo período de tempo mediante a cobrança de tarifas de seus usuários, como no caso dos pedágios de rodovias.

“Esse modelo funcionou bem em setores bastante lucrativos, como energia, telecomunicações e rodovias, com os pedágios. Mas a gente não via essa mesma colaboração entre o Poder Público e a iniciativa privada funcionando também nas áreas da Saúde, da Educação, do Saneamento, porque, geralmente, nessas áreas as tarifas não conseguem cobrir os custos”, explica Alex Taveira.

Em 2004, a Lei nº 11.079 estabeleceu o Marco Regulatório das PPPs, definindo as regras para essa modalidade de concessão. “O objetivo principal desse marco regulatório foi viabilizar investimentos em infraestrutura e serviços públicos essenciais”, indica o especialista em Direito Público.

Uma PPP é um tipo de concessão, mas a forma de remuneração do parceiro privado é o que define o tipo de contrato. Na concessão comum, a remuneração do ente privado vem integralmente da tarifa paga pelo usuário. Já no regime de PPP, a remuneração vem total ou parcialmente do setor público. A lei brasileira define dois tipos principais de PPPs, patrocinada ou administrativa, e em ambos é exigida uma contraprestação do setor público para o parceiro privado.

Dentre as principais regras, a lei estabelece que o contrato deve ter também um valor total superior a R\$10 milhões e um prazo de duração mínimo de cinco anos e máximo de 35 anos, incluindo eventuais prorrogações. Além disso, a lei estabelece que o valor total das despesas anuais decorrentes de contratos de PPPs celebrados pelo município não pode exceder 5% da sua Receita Corrente Líquida (RCL).



Foto: Carlos Moura/Agência Senado

Senador Flávio Arns considerou o texto um retrocesso e apresentou projeto para derrubar os efeitos do decreto do governo

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Novo decreto será debatido com ministro da Educação

Camilo Santana vai se reunir com parlamentares para esclarecer pontos do texto

Agência Senado

O destino do decreto do governo que institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva (Decreto nº 12.686/2025) será decidido nesta semana. O decreto, editado em outubro pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tem gerado dúvidas em pais e educadores e recebido críticas de senadores, que buscam sustar seus efeitos.

O senador Flávio Arns (PSB-PR), que apresentou projeto de decreto legislativo para derrubar o decreto governamental, tem pedido a inclusão do texto (PDL nº 845/2025) na pauta do Plenário. Para ele, a norma federal representa um retrocesso ao transformar em obrigatoriedade a atual preferência pela inclusão de alunos com deficiência em

escolas regulares. Na visão do senador, essa regra tira o direito de escolha das famílias.

“Eu tenho filho com deficiência, que infelizmente faleceu dois anos atrás, e minha esposa e eu sempre decidimos o que era melhor para ele, mais importante, numa consideração de variáveis. Isto está claro: a decisão soberana é da família, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos”, disse Arns, em sessão do Plenário na última semana.

O PDL tem o apoio de grande parte dos senadores. Além de Flávio Arns, outros 51 senadores assinaram o requerimento de urgência para a votação.

Entendimento

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre, afirmou ter conversado com o ministro da Educação, Cami-

lo Santana, na busca de um entendimento para evitar a derrubada total do decreto governamental. Ele pediu aos senadores que aguardassem uma reunião com o ministro para discutir o que pode ser modificado no texto.

“O ministro Camilo Santana, querido senador Flávio [Arns], está aguardando (...) para se sentar com Vossa Excelência e com todos aqueles atores que desejarem participar dessa reunião e me pediu, encarecidamente, como colega senador [licenciado], que nós pudéssemos aguardar essa última conversa, essa última mesa de negociação, essa última busca de diálogo e de entendimento em relação à decisão do decreto”, afirmou Davi.

A reunião deve contar também com a presença do presidente da Câmara, Hugo Motta, já que o proje-

to de decreto também terá de passar pela Câmara, caso seja aprovado pelo Senado. Como Motta estava em missão fora do Brasil, o líder do governo, senador Jaques Wagner (PT-BA), pediu aos colegas “paciência” para que a reunião seja feita no início desta semana.

“

A decisão soberana é da família, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos

Flávio Arns

Governo alega que proposta visa à inclusão

Agência Gov

De acordo com o Governo Federal, a Política e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva visa garantir o direito à educação de estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA) e com altas habilidades ou superdotação, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades. O Decreto nº 12.686/2025 foi publicado em 21 de outubro e tem como base a inclusão em classes e escolas comuns da rede regular, com o apoio necessário à participação, à permanência e à aprendizagem de todos os estudantes.

Entre os princípios da nova política estão: o reconhecimento da educação como direito universal e público; a garantia de igualdade de oportunidades e condições de acesso;

a promoção da equidade e valorização da diversidade humana; o combate ao capacitismo e à discriminação; e a garantia de acessibilidade e desenvolvimento de tecnologias assistivas.

O documento prevê que a Educação Especial será ofertada de forma transversal em todos os níveis, etapas e modalidades, com recursos e serviços que apoiem, complementem e suplementem o processo de escolarização. O decreto também define o papel do profissional de apoio escolar, que atuará na locomoção, na alimentação, na comunicação e na participação dos estudantes, de acordo com o Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE), com formação mínima de nível médio e formação específica de 80 horas.

As diretrizes da política reforçam a colaboração en-

tre União, estados e municípios; a transversalidade da Educação Especial desde a Educação Infantil até a Educação Superior; e a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), preferencialmente em escolas comuns. O decreto define o AEE como atividade pedagógica complementar ou suplementar à escolarização.

O AEE será regulamentado pelo Ministério da

Educação (MEC) e deverá estar integrado ao projeto político-pedagógico das escolas, com a participação da família e dos estudantes. O texto também estabelece que a matrícula no AEE não substitui a matrícula em classe comum e prevê a oferta do atendimento, de forma complementar, em centros especializados da rede pública ou instituições sem fins lucrativos conveniadas.

Saiba Mais

Governança da política pública:

■ A governança da política contará com uma estrutura executiva de coordenação em âmbito nacional e uma estrutura consultiva com participação social, assegurando o acompanhamento e o monitoramento intersetorial das ações. O MEC acompanhará e monitorará o acesso à escola por parte dos beneficiários do benefício de prestação continuada em idade de escolarização obrigatória, em colaboração com os ministérios da Saúde, do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome e dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (17)

Cresce o número de pessoas com transtorno mental. Ansiedade, psicose e depressão tratados com drogas que alteram o estado mental e viciam.

Antigamente, esquizofrenia e depressão não duravam seis meses. Hoje, duram a vida toda. A indústria farmacêutica agradece e manda receitar suas drogas para todos os descontentes com a vida.

A sociedade acusa o preguiçoso de não contribuir para o progresso, de ser um parasita social. O preguiçoso paga pelo que não faz.

“O ocioso não é propriamente quem se opõe ao trabalho. É quem sabe usar a inteligência” (Jerome K.). Trabalho é castigo divino. Deus me livre!

Segundo Adauto Novaes, o trabalho deixa como herança neurose, depressão, excesso de ruídos artificiais e técnicos, alienação, desastres ecológicos, apressamento e economia de guerra. O ócio produz poesia...

Não defendo pena de morte para ninguém. Só acho que seria justo confiscar os bens dos corruptos e repassar a grana para mim, que dei a ideia.

Se eu fosse rico, seria um rico incomum. Excêntrico igual ao milionário italiano Salvatore “Sam” Cerreto, 71 anos, cujo hábito era fazer cocô nas portas de estabelecimentos comerciais.

Na verdade, eu seria um rico mais próximo de Karl Rabeder. Ele cresceu pobre e achava que a vida seria maravilhosa se tivesse dinheiro. Porém, quando ficou rico, Karl descobriu que estava infeliz e decidiu dar cada centavo da sua fortuna de 8,12 milhões de reais.

Ele se mudou para uma pequena cabana de madeira na montanha. Todo o seu dinheiro vai para instituições de caridade que ele montou na América Central e América Latina, das quais ele não vai receber nem mesmo um salário.

Talvez, eu sendo multimilionário compraria minha cidade, Itabaiana. Foi o que fez Scott Alexander, magnata solteiro de 31 anos. Por vaidade, ele comprou sua cidade natal na Bulgária e mudou o nome do lugar. Botou seu próprio nome.

Segundo a psicóloga americana Loise L. Hay, todas as doenças que temos são criadas por nós. Afirma ela que somos 100% responsáveis por tudo de ruim que acontece no nosso organismo. “Todas as doenças têm origem num estado de não perdão”, afirma.

O escritor e jornalista Rubens Nóbrega iniciou campanha para mudar a bandeira da Paraíba, considerado um símbolo datado, feio, sem sentido e ainda por cima rubro-negro. Para o vascaíno Rubens, essa bandeira anacrônica não tem futuro.

O blogueiro Miguezim de Princesa desenhou um projeto de bandeira com ajuda de IA. Ficou xuxu beleza.

“Mistério da ciência: por que o credor tem a memória muito melhor do que o devedor?” — Ameba, o inadimplente.

“Sou ateu, mas gosto de trocar umas ideias com Exu Sete Encruzilhadas” (Jerry Oliveira).

“Se juntar esse povo da Rádio Barata e queimar, não dá uma colher de cinza” (João Jales).

Agressão gratuita de Maciel Caju: “Não se preocupe com as pessoas que morrem de inveja de você e da sua vida. Afinal, essas pessoas não existem”.

REGULAMENTAÇÃO DE *STREAMINGS*

PL preocupa cinema independente

Segmento alerta que texto aprovado na Câmara Federal não oferece garantias para as produções brasileiras

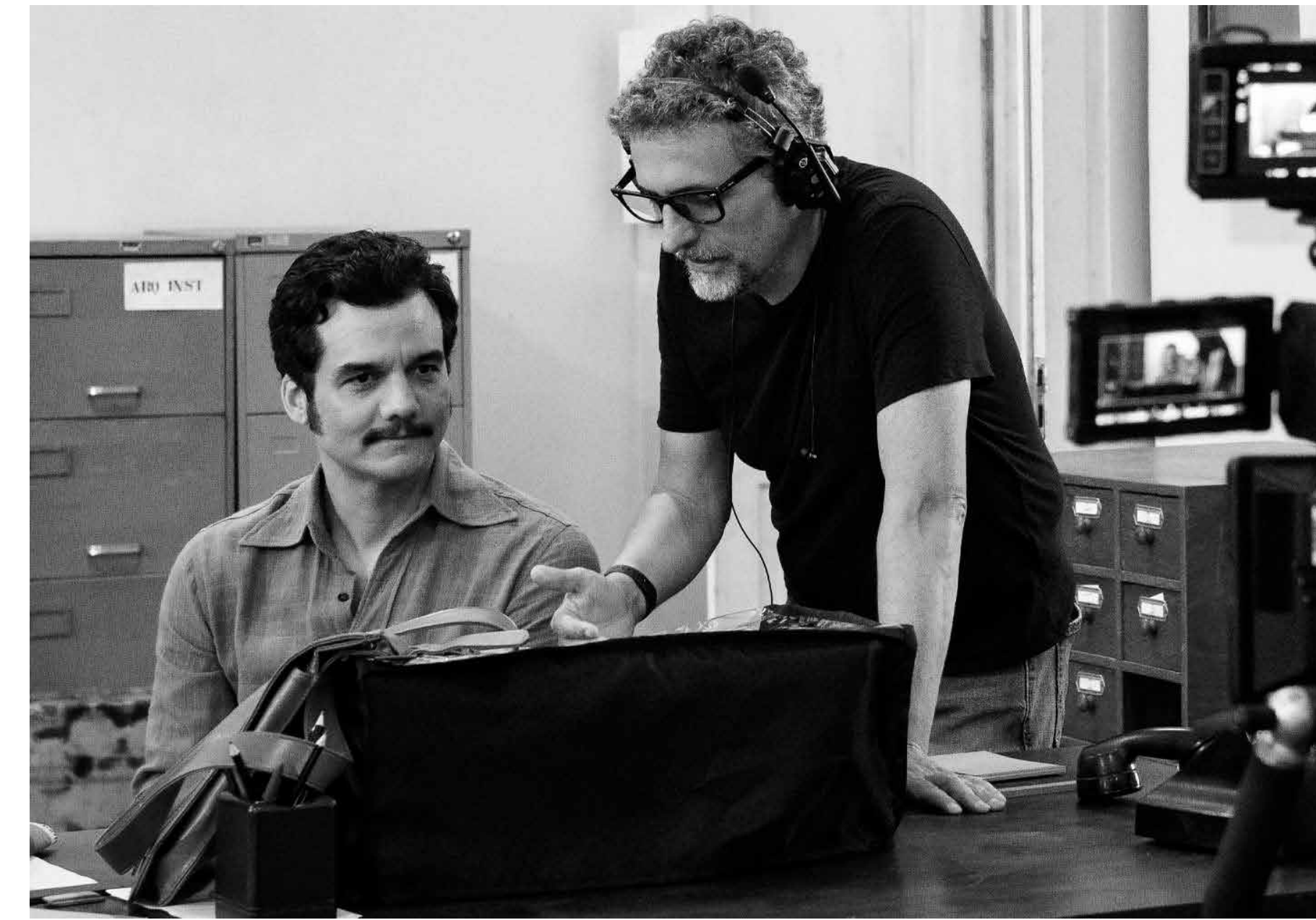
Anna Karina de Carvalho
Agência Brasil

A regulamentação dos serviços de *streaming* no Brasil aprovada na última terça-feira (4) pela Câmara do Deputados preocupa produtores de cinema independente, que buscam mais garantias para o financiamento do setor audiovisual nacional.

De autoria do deputado licenciado Paulo Teixeira (PT-SP) e relatado pelo deputado Professor Dr. Luizinho (PP-RJ), o Projeto de Lei nº 8.889/2017 ainda precisará ser aprovado no Senado Federal, antes de seguir para o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que pode sancioná-lo integralmente, sancionar com trechos vetados ou vetar todo o seu conteúdo.

As regras serão aplicadas aos serviços de vídeo sob demanda (VoD) nacionais e estrangeiros que atuam no Brasil, como Netflix, Amazon Prime, Disney+ e Globoplay. O texto-base prevê que as plataformas de *streaming* terão de pagar a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine). Também deverão pagar a Condecine as televisões por *apps*, como Claro TV+, e os serviços de compartilhamento de conteúdo audiovisual, a exemplo do YouTube.

O tributo deve variar de 0,1% a 4%, conforme a receita bruta anual, excluídos os tributos indiretos incidentes e incluídas receitas com



Kleber Mendonça Filho (D), diretor de “O Agente Secreto”, defende que as plataformas devem deixar uma colaboração financeira para o cinema brasileiro

publicidade. Ficarão isentas aquelas com receita de até R\$ 4,8 milhões, que é o teto para empresa de pequeno porte no Simples Nacional.

Os serviços de VoD pagarão de 0,5% a 4%, com parcelas dedutíveis fixas de R\$ 24 mil a R\$ 7,14 milhões em cinco faixas. Pelo relatório, a contribuição po-

derá ser reduzida em 75% se mais da metade do total de conteúdos audiovisuais ofertados pela plataforma forem nacionais.

Segundo o relator, as plataformas podem ter até 700 obras nacionais em catálogo, como forma do cumprimento mínimo da cota de 10% de conteúdo brasileiro.

Avaliação

O Ministério da Cultura (MinC) considerou que o texto “representa um avanço importante para o audiovisual brasileiro”, embora “não contemple todas as ambições inicialmente defendidas”. “A aprovação traz conquistas significativas, como a garantia do es-

paço da produção nacional nas plataformas e o retorno da Condecine Remessa. Seguiremos acompanhando a tramitação no Senado para aprimorar o texto e fortalecer a política audiovisual brasileira”, declarou o MinC em nota.

O ministério destacou a aprovação, na conclusão da

votação, na quarta-feira (5), do destaque que trata da Condecine Remessa, taxa de 11% que incide sobre valores enviados ao exterior pelas plataformas de *streaming*. As empresas que reinvestirem 3% do valor remetido na produção de conteúdo audiovisual independente no Brasil ficarão isentas.

Cineastas pedem mais discussão sobre o tema e correção em pontos

A Associação de Profissionais do Audiovisual (API) ressaltou que ainda há pontos a serem corrigidos na regulamentação, para garantir a prioridade das produtoras independentes brasileiras.

Em vídeo publicado no Instagram da entidade, o cineasta Kleber Mendonça Filho, diretor premiado no Festival de Cannes neste ano com o filme “O Agente Secreto”, manifestou-se pela discussão do tema.

“É de extrema importância que a gente discuta essa questão do *streaming* no Brasil. Países como a França já traçaram um caminho claro para garantir o financiamento do cinema local. O audiovisual precisa ser organizado para que toda a cadeia — das *big techs* aos realizadores — funcione de forma produtiva e justa”, disse. “As plataformas devem deixar uma colaboração financeira para o cinema brasileiro, para a preservação do acervo, a formação de público e o estímulo à produção nacional”, acrescentou.

Produtor da Estúdio Giz e diretor sudeste da API, Matheus Peçanha considera irrisória a alíquota de

4% e cita dois pontos que a associação considera extremamente críticos: “O primeiro é a possibilidade de plataformas brasileiras abaterem 40% dos 60% que são permitidos de subsídio em produção própria. Esse mecanismo desconfigura a política audiovisual brasileira, que sempre se pautou pelo foco no produtor independente, aquele que não possui relação com canais de TV. Na prática, é dinheiro público financiando originais das plataformas ligadas a canais de TV. Trata-se de um precedente perigosíssimo”.

Ele completa que o segundo ponto criticado pela API é a inclusão da definição, em lei, do que será contabilizado como obra para cumprimento da cota. “Da forma que está, um episódio seriado de 22 minutos conta tanto quanto um longa-metragem. É uma comparação equivocada e desproporcional, que desvaloriza o cinema frente a formatos seriados. Foi um erro incluir em lei esta definição, que deveria ser infra legal, e esperamos que seja revertido no Senado”.

Consultora da Conexão Audiovisual Centro-Oes-

te, Norte e Nordeste (Conne), a cineasta Cibele Amaral considera que o texto aprovado traz riscos à autonomia da política pública no setor: “O projeto tem uma Condecine baixa, de 4%, que já vem com uma dedução de 60%, permitindo que as plataformas decidam onde investir. Elas podem licenciar ou pré-licenciar obras, mas quem escolhe as obras são elas. Isso retira das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste a visibilidade conquistada nos últimos anos. É um retrocesso dar às empresas reguladas o poder de decidir sobre os investimentos”.

“O audiovisual precisa ser organizado para que toda a cadeia funcione de forma produtiva e justa

Kleber Mendonça Filho

Setor audiovisual promete manter mobilização contra o projeto atual

Na véspera da votação, na segunda-feira (3), profissionais do setor audiovisual realizaram atos em diversas capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, contra o texto apresentado pelo deputado Luizinho.

Batizados de “Pega a Visão: Ato pelo VoD”, os protestos reuniram cineastas, roteiristas, produtores e técnicos que consideram o projeto um risco à produção independente.

“Isso transforma a regulação numa espécie de ‘Lei

Rouanet para os *streamings*’. É uma loucura — dinheiro público para companhias estrangeiras. Não pode passar”, afirmou a cineasta Lúcia Murat, da Associação Brasileira de Cineastas (Abraci).

O pesquisador Pedro Butcher alertou que o projeto “não garante estabilidade nem financiamento ao setor”, podendo provocar um “grande retrocesso”.

A cineasta Laís Bodanzky defendeu a necessidade de 20% de obras nacionais nos ca-

tálogos das plataformas: “Elas podem produzir o que quiserem com dinheiro privado, mas não têm o direito de decidir o que o Brasil tem a dizer através do audiovisual”.

O setor audiovisual promete manter a mobilização: “A luta não termina aqui”, diz a Carta-Manifesto do movimento Pega a Visão. “Seguiremos exigindo uma regulação que valorize o cinema brasileiro e proteja a independência criativa de quem faz arte no país”.



Produtores de cinema protestaram contra o projeto de lei aprovado na Câmara Federal

NORDESTE

Editais têm vagas em três estados

Na Paraíba, oportunidades são para Prefeitura de Riachão do Bacamarte; também há concursos na Uern e na UFRPE

Priscila Perez
priscilaperezcomunicao@gmail.com

Enquanto muita gente já conta os dias para as festas de fim do ano, os concurseiros paraibanos têm três novos motivos para manter o foco nos estudos. Dentro do estado, a Prefeitura de Riachão do Bacamarte abriu 56 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio e superior. Já a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Fuern) lançou um novo concurso voltado a professores do magistério superior, com 66 oportunidades em áreas como Comunicação, Publicidade, Engenharia, Letras e Saúde. A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), por sua vez, atualizou seu edital, oferecendo 21 vagas para docentes. Nos três concursos, os salários variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 13,2 mil.

Riachão do Bacamarte

Localizado no Agreste paraibano, a cerca de 90 km de João Pessoa, o município de Riachão do Bacamarte lançou um novo edital com 56 vagas para cargos que vão do Ensino Fundamental ao Superior. As oportunidades contemplam áreas da Educação, Saúde e Administração Pública, com destaque para os cargos de professor, enfermeiro, fisioterapeuta, odontólogo, nutricionista, gestor ambiental e psicólogo. Os salários vão de R\$1,5 mil a R\$ 12 mil, dependendo da especialidade, com jornadas de 20 a 40 horas semanais.

Para participar, é preciso acessar o *site* da Ápice Consultoria, responsável pela organização do certame, até 30 de novembro e seguir as ins-



Foto: Evandro Pereira/Arquivo A União

Vagas na Uern e na UFRPE contemplam carreiras do magistério superior, com salários de R\$ 5,5 mil até R\$ 13,2 mil

truções. As taxas cobradas variam de R\$ 43 a R\$ 62, conforme o nível de escolaridade exigido. Quanto à seleção, a avaliação contará com prova escrita, prevista para 28 de dezembro, além de provas prática e de títulos para alguns cargos. Todas as etapas ocorrerão na cidade de Riachão do Bacamarte. De acordo com o cronograma, o resultado definitivo do concurso será divulgado apenas no ano que vem, em 6 de fevereiro.

Rio Grande do Norte

Em terras potiguaras, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) abriu um leque de oportunidades para docentes que desejam seguir carreira no Ensino Superior. O edital con-

templa 66 vagas em mais de 30 áreas de conhecimento, entre elas Administração, Educação Musical, Ciências Contábeis, Filosofia, Direito, Enfermagem, Publicidade, Jornalismo, Engenharia, Matemática e Serviço Social. Para os candidatos aprovados, as remunerações oferecidas vão de R\$ 5,5 mil a R\$ 11,6 mil por jornadas de até 40 horas semanais.

Se você é professor, fique atento às inscrições: o prazo termina em 3 de dezembro, com taxa de R\$ 250 para participar. Quem está à frente do processo é o Núcleo Permanente de Concursos (Comperve), ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por onde o candidato deverá efetuar a inscrição. A avaliação será composta

por provas escrita, marcada para 25 de janeiro, didática e de títulos, todas com caráter eliminatório e classificatório. Vale destacar que o processo será realizado no *campus* da Uern, em Mossoró, e os candidatos aprovados poderão ser lotados em Assú, Caicó, Mossoró, Natal, Patu e Pau dos Ferros.

Pernambuco

Já a UFRPE retificou seu edital para professor efetivo, ampliando as possibilidades para quem busca uma oportunidade no Ensino Superior. O certame oferece 21 vagas distribuídas entre o magistério superior e o magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), com oportunidades em áreas como Agronomia, Engenharia Am-

biental, Ciência da Computação, Metodologias e Didáticas da Matemática, Engenharia Mecânica, Administração e Artes.

As inscrições vão até 17 de novembro e devem ser realizadas pelo Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos (SIGRH) da UFRPE, mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 220. Para os aprovados, serão oferecidos salários de R\$ 6,1 mil a R\$ 13,2 mil por jornadas semanais de 40 horas ou regime de dedicação exclusiva. Os candidatos serão avaliados por provas escrita e didática, defesa pública de plano de atividades e análise de títulos. Segundo o edital, os professores poderão atuar na sede da universidade, em Recife, e nas unidades



Por meio do QR Code, acesse o *site* do concurso para Riachão do Bacamarte



Escaneie o QR Code acima para acessar a página do certame da Uern



Para ler o edital e se inscrever no concurso da UFRPE, acesse o QR Code acima

de Cabo de Santo Agostinho, Belo Jardim, Serra Talhada e São Lourenço da Mata. Os locais das avaliações não foram explicitados no edital, mas, ao que tudo indica, elas deverão ser realizadas nessas mesmas cidades.

Publicitário cria imagens que marcam o público por gerações

Quem nunca cantarolou um *jingle* sem perceber, como se fosse a música do momento? A publicidade tem esse dom raro de criar conexões duradouras com o público, a partir de imagens e sons que grudam na memória e geram emoções que atravessam o tempo. A pessoa por trás desse encantamento é o publicitário, profissional que une criatividade, estratégia e sensibilidade para conectar pessoas e marcas. A paraibana Nathalia Michelle Grisi Rezende, especialista em Comunicação e Marketing Digital, lembra que o mercado mudou bastante devido à transformação digital, mas a essência do trabalho continua a mesma: “construir algo com sentido e propósito”.

De fato, o campo é dinâmico e, segundo Nathalia, talvez tenha sido um dos que mais se transformou com o avanço das tecnologias e das novas formas de consumo. “Claro, todas as áreas passaram por isso, mas a Publicidade sofreu bastante. Basicamente, a gente vive, hoje, um mercado de comunicação que não existia há 10 anos”, observa. Ela cita como exemplo as campa-

nhas eleitorais, que mudam a cada ciclo com o surgimento de novas metodologias e formatos audiovisuais. Porém, mais do que a tecnologia, é a própria cultura que se transforma com o tempo. “Hoje, temos um processo tão forte de mudança comportamental que acaba refletindo-se na comunicação. No fim das contas, a gente faz comunicação baseada em cultura. Então, se a gente está em transformação enquanto sociedade, a comunicação também está”, reflete a especialista.

Não à toa, essas mudanças exigem do publicitário uma postura de aprendizado contínuo, com o olhar voltado para o novo. Para Nathalia, não basta ser competente se o profissional não estiver antenado com as principais tendências. “Precisamos estar dispostos a aprender todos os dias, independentemente da experiência que temos ou de quantas campanhas já participamos. O olhar é para o futuro, sempre”, reforça.

Criatividade com propósito

Quando pensamos na figura do publicitário, logo vem à

mente a imagem das reuniões descontraídas com gente criativa apresentando suas ideias. À primeira vista, a rotina pode até parecer divertida, mas o trabalho vai muito além disso e envolve estratégia, pesquisa e entendimento profundo sobre comportamento e cultura. Nathalia explica que, mais do que criar peças, é preciso compreender o propósito por trás de cada ação, uma vez que o processo criativo tem sua metodologia própria e não acontece por simples “osmose”. “O publicitário precisa entender o porquê de se fazer aquilo, não simplesmente sair fazendo. Às vezes, alguém viu alguém fazendo e começou a fazer também, mas não sabe nem o motivo, se está alinhado com a estratégia e o objetivo daquele cliente”, afirma.

Segundo ela, a visão estratégica ainda é um desafio em muitos mercados, já que há uma tendência de priorizar apenas a produção de conteúdo. No ritmo acelerado das entregas, falta tempo para planejar, analisar dados e pensar o posicionamento das marcas em longo prazo. Mesmo assim, o perfil do publicitário mudou

bastante nos últimos anos. Se, antes, as funções eram mais delimitadas, hoje o profissional é muito mais versátil. Ele pode atuar dentro de agências, empresas privadas, projetos independentes e até no terceiro setor. “A gente pode trabalhar como autônomo na produção de conteúdo e criação de projetos visuais, assim como em agências de publicidade, que têm atendimento, gestor de mídia, tráfego pago, *social media*, redator, produção e atendimento”, explica. E as possibilidades vão além: tam-

bém há espaço em empresas com equipes de *marketing* interno, atuando como gerente de *marketing*, gestor de comunicação ou de comunidades.

Mercado paraibano

Seja qual for a sua escolha, para Nathalia, o cenário em João Pessoa e na Paraíba é de expansão, com oportunidades crescentes tanto para quem busca estabilidade quanto para quem quer empreender. “Estamos passando pelo *boom* do desenvolvimento, então é preciso entender que podemos

muito mais”, pontua a publicitária. Ela destaca que há agências locais atendendo grandes marcas e profissionais que ultrapassam fronteiras, trabalhando com projetos internacionais. Entretanto, apesar desse entusiasmo, ela reforça que o amadurecimento profissional é essencial. “Não pare no começo. Aprofunde-se teoricamente para que seu trabalho seja feito com propósito”, acrescenta. Mais do que dominar ferramentas, o publicitário precisa entender de gente e estar disposto a evoluir junto com as pessoas. Como resume Nathalia: “o mundo é o limite”.

Carreira acadêmica

Agora, para quem já é formado na área e deseja seguir o caminho acadêmico, a Uern pode representar a porta de entrada para o serviço público. Voltada ao magistério superior, a vaga exige graduação em Publicidade e Propaganda ou em Rádio, TV e Internet, além de mestrado e doutorado em Comunicação, Cinema, Audiovisual, Mídias ou Estudos da Mídia. Mais detalhes estão disponíveis no edital.



Foto: Arquivo pessoal

Para publicitária, mercado na Paraíba está em expansão

Selic Fixado em 5 de novembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,22% R\$ 5,336	Euro € Comercial 0% R\$ 6,174	Libra £ Esterlina +0,23% R\$ 7,043	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26	Ibovespa 154.063 pts +0,47%
---	---	--	--	---	---	--

AFROEMPREENDEDORISMO

Movimento estimula renda e fortalece identidade negra

Maioria dos donos de negócios na Paraíba é formada por pessoas pretas e pardas

Samantha Pimentel
samanthauuniao@gmail.com

Um movimento que existe para fortalecer a identidade negra, valorizar negócios liderados por pessoas que fazem parte dessa população e que visa estimular a geração e circulação de renda dentro dessa comunidade: essas são algumas das características do afroempreendedorismo. Historicamente enraizado na necessidade de sobrevivência e superação da falta de oportunidades, o conceito vai além de um nicho de mercado: propõe o empoderamento afro e a criação de uma rede de apoio entre empreendedores. Embora não se restrinja ao público consumidor negro, o foco está em ampliar a representatividade. A expansão desse movimento vem ganhando importância e permite refletir sobre os desafios únicos vivenciados por esses empreendedores, numa sociedade ainda marcada pelo racismo.

Em João Pessoa, o Mercado Preto consolidou-se como um espaço dedicado exclusivamente a afroempreendedores. A iniciativa surgiu no período pós-pandemia da Covid-19, quando a psicóloga Polly Omi, idealizadora do projeto, buscava uma fonte de renda extra e passou a atuar no ramo alimentício, participando de feiras de economia solidária. Ao notar a falta de acolhimento aos expositores — sem estrutura, suporte ou atenção às vendas — e a predominância de organizadores brancos, com taxas de participação elevadas, ela decidiu criar um ambiente mais inclusivo. Conciliando a maternidade com o trabalho, Polly transformou a ideia em realidade e, desde 2022, o Mercado Preto já realizou 10 edições.

“Queríamos que houvesse não só essa venda, mas a possibilidade de construirmos uma comunidade, da gente se ajudar, colaborar uns com os outros, e o acolhimento às mães empreendedoras”, relata, acrescentando que cada edição contou com cerca de 25 mercadores de diferentes segmentos — acessórios, roupas, alimentos, decoração, entre outros. Segundo ela, durante os eventos, são realizadas atividades pedagógicas e brincadeiras voltadas a uma educação afrocentrada para as crianças, além de apresentações culturais, troca de experiências, oficinas e formações para capacitar os participantes.

Para a comercialização de produtos, também foi criada uma moeda própria: a kwanza. Inicialmente, ela era usada apenas para compra de merca-

dorias entre eles. Posteriormente, ela foi ampliada para toda transação comercial dentro do Mercado Preto. Assim, o público pode trocar seu dinheiro em real por kwanza e, durante, esse câmbio deixa uma taxa para o Mercado, o que ajuda a subsidiar os eventos, garantindo a sustentabilidade do projeto.

Desigualdade

Embora os pretos e pardos sejam maioria no Brasil (56,6%), apenas 16% dessa população é empreendedora, enquanto 18,6% das pessoas brancas são donas de algum negócio. Os números são de um estudo feito, no quarto trimestre de 2024, pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua).

Na Paraíba, os empreendedores negros são maioria (62,2%). O levantamento revela um perfil de empresário predominantemente masculino (69,2%), de 30 a 49 anos (52,1%). Em geral, são chefes de família (54,9%) e possuem até o Ensino Médio incompleto (57,7%). A atuação concentra-se principalmente no setor de Serviços (34,1%), seguida por Comércio (26,7%) e Agropecuária (21%). Apesar de apenas 16,4% possuírem registro no CNPJ, a maioria contribui para a Previdência Social (82,1%), o que indica uma busca por formalização e segurança. A desigualdade de renda, porém, ainda é marcante: enquanto empreendedores negros têm rendimento médio de R\$ 1.738, entre os brancos o valor chega a R\$ 2.908 — uma diferença de cerca de 40%.

Para a analista técnica do Sebrae, Heloísa Mirelli Diniz, e especialista em Gestão Empreendedora e Inovação, essa diferença reflete barreiras históricas no acesso a crédito, educação e redes de apoio. Ela acrescenta ainda que essas discrepâncias não são apenas números, mas representam o impacto de um ciclo de desigualdades que se perpetuam e afetam a vida dessas pessoas. “Precisamos rom-

per esse ciclo, oferecendo soluções que reforcem negócios negros e políticas afirmativas que permitam aos empreendedores negros competir em condições mais justas. Entender que cada negócio negro é um espaço de afirmação cultural e transformação social, possibilita a redução das desigualdades e promove a inclusão”.

Potência da favela

Da periferia para o mundo, Fany Miranda mostra que o empreendedorismo negro também pode ser símbolo de sucesso e representatividade. Reconhecida pela World Creativity Organization como Liderança Criativa na Paraíba e como uma das cinco empreendedoras que geram impactos positivos, vencedora do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios em 2023, mesmo ano em que foi chamada de “potência da favela” pela Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios, ela prova que o empreendedorismo negro também é sinônimo de inovação, liderança e conquistas. Mesmo diante dos avanços, Fany ainda enfrenta os reflexos do racismo estrutural, especialmente o estereótipo que insiste em não associar o sucesso à imagem de uma mulher negra periférica.

“O estereótipo é o desafio maior”, afirma ela, que conta que, de forma geral, o perfil e a aparência que as pessoas associam a uma pessoa empreendedora bem-sucedida não é o de uma mulher negra periférica. “Isso influencia na credibilidade, porque muita gente acha que a gente não tem capacidade, por conta dessa visão racista das coisas. Por isso, quando eu vou para um lugar palestrar, ou em eventos, eu faço questão de colocar colares, brincos, acessórios, usar tranças, reafirmar esse perfil e essa identidade”.

Ela conta que na adolescência já esteve em situação de rua e faz um trabalho social voltado para esse público, além de atuar em presídios. A empreendedora brinca que tem alergia a CLT e que só trabalhou com carteira assinada uma vez na vida, para



Foto: Roberto Guedes

O estereótipo é o desafio maior. Muita gente acha que a gente não tem capacidade, por conta dessa visão racista das coisas

Fany Miranda

juntar dinheiro para desenvolver o próprio negócio. “Na época, por volta de 2017, consegui juntar R\$ 5 mil e abri uma esmalteria. Deu certo, mas eu usava o espaço mais para receber as pessoas que buscavam o meu trabalho de artista visual e de consultoria para outros artistas”, pontua. Com isso, e após um assalto ao seu espaço da esmalteria, ela saiu do ramo e focou seus esforços no trabalho de consultoria e mentoria empreendedora.

CEO da Casa Empreendedor Hub, Fany Miranda comanda um negócio que já impactou mais de cinco mil famílias, entre as mentorias para outros empreendedores, produção de eventos culturais, palestras, formações e demais ações. Ela é também presidente da Associação de Mulheres Empreendedoras da Paraíba, que todos os anos realiza a Feira da Mulher Empreendedora, a maior de empreendedorismo feminino do Nordeste, que acontece dentro da programação da Feira Brasil Mostra Brasil.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Custo Brasil e o desafio da competitividade

Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Brasil perde cerca de R\$ 1,7 trilhão por ano com burocracia, impostos complexos, infraestrutura precária e juros altos. Esse valor expressivo representa o que se convencionou chamar de Custo Brasil — o peso que recai sobre quem produz, investe ou trabalha no país.

De forma simples, o Custo Brasil é o conjunto de entraves que tornam o país menos competitivo e a vida das pessoas mais cara. É o tempo perdido em filas e formulários, as estradas que encarecem o transporte, os impostos difíceis de entender e as taxas elevadas de juros que travam o crédito. No fim das contas, tudo isso chega ao bolso do consumidor, porque cada obstáculo desses vira custo dentro do preço dos produtos e serviços.

A reforma tributária, que começou a ser implementada, é um passo importante para enfrentar parte desse problema. A simplificação do sistema, com a unificação de impostos e regras mais claras, reduz a insegurança jurídica e a burocracia. No entanto, é importante não criar expectativas exageradas: a reforma não significa, necessariamente, pagar menos imposto, e sim pagar de forma mais simples, transparente e previsível. O verdadeiro alívio virá quando o Estado também se tornar mais eficiente e menos oneroso para quem produz.

Outro desafio apontado pelos empresários é a falta de mão de obra qualificada. O Brasil convive com um paradoxo: há milhões de desempregados e, ao mesmo tempo, empresas

que não encontram profissionais preparados. Isso revela uma falha estrutural na educação e na formação técnica. É fundamental investir na qualificação de jovens e adultos, especialmente nas áreas ligadas à tecnologia, à indústria e à economia verde, que são as que mais crescem no mundo.

Os juros altos também têm impacto direto. Eles encarecem o crédito, desestimulam

o consumo e reduzem a capacidade de investimento das empresas. Um ambiente de estabilidade macroeconômica, com juros equilibrados e inflação sob controle, é essencial para atrair capital e gerar novos empregos.

Reduzir o Custo Brasil exige uma estratégia de longo prazo. Passa por melhorar a eficiência do Estado, investir em infraestrutura moderna, qualificar a mão de obra e fortalecer o ambiente de negócios. O país precisa de um pacto pela produtividade, que uma governo, setor privado e sociedade em torno de um objetivo comum: tornar o Brasil um país mais competitivo, inovador e atraente para investimentos.

No fim das contas, o Custo Brasil é mais do que um problema econômico — é um obstáculo ao desenvolvimento social. Superá-lo é garantir que o esforço de quem trabalha e empreende seja recompensado, e não penalizado por um sistema que ainda custa caro demais ao progresso do país.

COP30

Meta é mobilizar US\$ 1,3 tri por ano

Plano estratégico visa viabilizar recursos para financiamento climático para países em desenvolvimento até 2035

Agência Brasil

As Presidências da COP29 do Azerbaijão e da COP30 do Brasil anunciaram, na última semana, um plano estratégico para mobilizar, pelo menos, US\$ 1,3 trilhão por ano em financiamento climático para países em desenvolvimento até 2035. O evento começa amanhã, em Belém do Pará, e segue até o dia 21 de novembro.

Os presidentes Mukhtar Babayev e André Corrêa do Lago enfatizam que essa meta é alcançável, mas exigirá esforços significativos, tanto de fontes tradicionais quanto da criação de mecanismos financeiros novos e inovadores.

“Precisamos agir, e o momento é agora. Os compromissos climáticos para 2030 e 2035 nos oferecem uma oportunidade rara de transformar promessas em desenvolvimento real e sustentável, protegendo o planeta, gerando empregos, fortalecendo comunidades e garantindo prosperidade para todos”, declarou Babayev.

O Mapa do Caminho de Baku a Belém estabelece cinco áreas que serão prioridade:

- Reabastecimento de subsídios, financiamento conces-



Os presidentes Mukhtar Babayev (COP29) e André Corrêa do Lago (COP30) consideram que o objetivo é alcançável, mas que demanda esforços significativos

sional e capital de baixo custo;

- Reequilíbrio do espaço fiscal e da sustentabilidade da dívida;
- Redirecionamento de financiamento privado transformador e redução do custo de capital;

- Reestruturação da capacidade e da coordenação para portfólios climáticos em escala;
- Reformulação de sistemas e estruturas para fluxos de capital equitativos.

Em conjunto, esses esfor-

ços visam garantir que o financiamento climático alcance, pelo menos, US\$ 1,3 trilhão por ano, ampliando o acesso para os países em desenvolvimento e fortalecendo os resultados em áreas como adaptação, perdas e danos, energia

limpa, natureza, sistemas alimentares e transições justas.

Para Corrêa do Lago, este é o início de uma era de transparência no financiamento climático. “Para acelerar a implementação do Acordo de Paris, a ação climática preci-

sa estar integrada a reformas econômicas e financeiras concretas. Com as 5Rs, o Mapa transforma a urgência científica em um plano prático de cooperação global e resultados efetivos”, afirmou o presidente da COP30.

Bioeconomia está no centro do debate da CNI

Letícia Carvalho
Agência CNI

Mais do que um tema de debate na 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climática (COP30), a bioeconomia é vista pela indústria no Brasil como um pilar para o desenvolvimento de uma economia de baixo carbono. Um levantamento feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que sete em cada 10 empresários consideram a bioeconomia importante para o futuro do setor.

A pesquisa ainda mostra que mais de 80% dos executivos defendem o uso sustentável da biodiversidade como ativo estratégico das empresas. Os dados mostram que 89% dos empresários apoiam a utilização econômica e responsável dos recursos naturais, distribuídos da seguinte forma:

- 32% afirmam que a biodiversidade deve ser conservada, garantindo seu uso sustentável;
- 29% defendem que ela deve fazer parte dos negócios de forma sustentável;
- 28% acreditam que o tema deve ser integrado às políticas de responsabilidade socioambiental;
- Apenas 5% defendem a preservação total, sem uso econômico.

A diferença é significativa: enquanto preservar significa manter a natureza intocada, conservar (visão majoritária entre os empresários) envolve o uso racional e sustentável dos recursos naturais.

Custo competitivo

Quando questionados de forma espontânea sobre o que mais incentiva uma em-

presa a aumentar o uso de fontes renováveis, o custo mais competitivo (55%) aparece como o principal fator. Ele é seguido por incentivos fiscais (10%) e pela redução na emissão de poluentes (8%).

Esse pragmatismo reflete-se nas ações já implementadas na cadeia produtiva. Segundo o levantamento, as indústrias adotam, em média, seis ações de sustentabilidade em suas linhas de produção. Entre as práticas mais comuns estão as ações para reduzir a produção de resíduos sólidos (90%), a otimização do consumo de energia (84%) e a modernização de máquinas para melhoria de aspectos ambientais (78%).

“Os dados da pesquisa confirmam a visão que a indústria brasileira já coloca a sustentabilidade como um vetor de competitividade e inovação. A bioeconomia e o

uso inteligente de nossa biodiversidade são grandes diferenciais no cenário global. Na COP30, vamos mostrar ao mundo que o Brasil tem as soluções para uma nova economia de baixo carbono, e a indústria é protagonista dessa transformação”, afirma o presidente da CNI, Ricardo Alban.

Encomendada pela CNI ao Instituto de Pesquisas Nexus, a pesquisa ouviu 1.004 empresas industriais de pequeno, médio e grande portes em todas as regiões do país, de 13 de agosto a 9 de setembro de 2025.

Conferência

Alinhada a essa visão, a CNI vê a conferência como uma oportunidade para a indústria brasileira mostrar suas melhores práticas de sustentabilidade. A instituição terá um estande na dispu-

tada Blue Zone da COP30, em Belém (PA), onde promoverá painéis e reuniões diárias de amanhã até 21 de novembro.

A programação abordará temas centrais como bioeconomia, economia circular, transição energética, mercado de carbono, financiamento climático e novas tecnologias, com participação de especialistas e representantes de empresas como, por exemplo, Schneider Electric e JBS.

“A presença da CNI na COP30 expressa o compromisso da indústria com um futuro sustentável. Vamos compartilhar conquistas e mostrar como o setor produtivo tem integrado a biodiversidade e os recursos naturais de forma responsável aos modelos de negócios”, resume o superintendente de Meio Ambiente e Sustentabilidade da CNI, Davi Bomtempo.



Segundo pesquisa, 89% dos empresários do setor apoiam o uso responsável de recursos naturais

Pequenos empreendedores focam em sustentabilidade

André Gomes
Agência Sebrae

Representantes dos pequenos negócios, especialistas e gestores de todo o mundo têm um encontro que visa fomentar o protagonismo do segmento na construção de uma economia mais sustentável. Para o período da COP30, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) preparou uma programação robusta que vai se concentrar em seu espaço construído na Green Zone. Serão duas semanas com debates, painéis, lançamentos de projetos e troca de experiências, que conectam diretamente o universo do empreendedorismo às grandes discussões climáticas globais.

“Inclusão, sustentabilidade e inovação são os pilares da nossa atuação nos últimos anos. A proposta de participação neste evento reforça o nosso papel e compromisso junto aos mais de 20 milhões de pequenos negócios desempenhando um papel fundamental na construção de um futuro mais sustentável”, destaca o presidente do Sebrae, Décio Lima.

Na primeira semana, de amanhã até 16 de novembro, os temas em destaque incluem financiamento verde, empreendedorismo feminino, resiliência climática territorial e economia circular. Além disso, a transição energética nos processos in-

dustriais e a descarbonização na cadeia de valor estão na pauta dos encontros, juntamente com as experiências do Sebrae no apoio a essas iniciativas que serão compartilhadas.

Já no período de 17 a 21 de novembro, as discussões terão a bioeconomia como cenário principal. Crescimento sustentável, casos de sucesso no campo, turismo, inovação com o fomento do programa Inova Biomass, apoio às Indicações Geográficas (IGs) e as políticas públicas que impulsionam para uma transição justa são alguns dos destaques da programação.

O Sebrae marcará presença, ainda, em outros pontos de Belém. O principal é a En-Zone (Entrepreneurship Zone), área criada pela instituição no Parque Urbano Belém Futuro dedicada ao empreendedorismo. O espaço será um *hub* de inovação e conexão, servindo como vitrine para empreendimentos da bioeconomia, com programações culturais, praça de alimentação, exposição de produtos da bioeconomia, entre outros. A instituição também participa da Agrizone, espaço da Embrapa, onde mostrará soluções para agricultura familiar.

■ **Resiliência climática territorial e economia circular serão temas de destaque durante o evento**

BIOINOVA

Paraíba busca mercado de carbono

Secties vem se destacando com iniciativas que serão exploradas em uma série de reportagens no jornal A União

Enquanto o mundo volta os olhos para Belém do Pará, cidade que, a partir de amanhã, sediará a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), a Paraíba tem uma agenda de sustentabilidade pautada pela ciência, tecnologia e inovação. Por trás dessa trajetória, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) vem se destacando com iniciativas que serão exploradas em uma série de reportagens produzidas para o jornal **A União**, que terá início hoje.

“A sustentabilidade não é apenas uma meta ambiental, é uma estratégia de desenvolvimento. Quando investimos em ciência, tecnologia e inovação, estamos preparando a Paraíba para enfrentar os desafios do clima e, ao mesmo tempo, gerar oportunidades para as próximas gerações”, disse Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba.

Um dos exemplos é o projeto BioInova — Inovações para o Desenvolvimento Sustentável, escolhido para abrir a série especial. A iniciativa, realizada em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), a UEPB e UFPB, está mapeando e diagnosticando o estoque de carbono e a biomassa aérea do território paraibano, com destaque para a Caatinga, uma ecorregião. O projeto alia metodologias de campo a ferramentas de ciência de dados e inteligência artificial para mensurar o potencial de carbono da vegetação nativa e, assim, abrir caminho para a inserção do estado no mercado de créditos



Ecólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba, Cleber Salimon destaca que a Caatinga é um bioma com grande capacidade de regeneração

tos de carbono.

O professor Cleber Salimon, ecólogo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), é um dos pesquisadores à frente do projeto. Ele explicou que a equipe vem desenvolvendo um mapa de estoque de carbono para todo o estado, com base em coletas de campo e dados de satélite. “Existem estimativas globais para florestas tropicais, mas não há dados detalhados para o semiárido. Estamos fazendo medições em áreas conservadas e degradadas, analisando diâmetro e altura das árvores para en-

tender quanto carbono está armazenado na vegetação da Caatinga”, detalha.

O pesquisador destaca que a Caatinga da Paraíba, frequentemente subestimada, é uma floresta sazonalmente seca, com grande capacidade de regeneração. “Muitas áreas degradadas estão voltando a crescer. Nosso objetivo é compreender o quanto essas florestas estão absorvendo de carbono da atmosfera e incorporando à biomassa”, explica Cleber, ressaltando que o estudo fornece base científica para políticas de restauração

e de compensação ambiental.

Além do viés ecológico, o BioInova propõe-se a unir ciência e economia. “O projeto permite que municípios e proprietários rurais compreendam quanto carbono está estocado em suas áreas e, a partir disso, possam captar recursos por meio do mercado de créditos de carbono”, afirma Cleber. Ele lembra que essa é uma forma de aliar desenvolvimento econômico à conservação ambiental, beneficiando tanto os ecossistemas quanto as populações locais.

Para o professor, o investimento do Governo da Pa-

raíba é “um sinal claro da percepção dos atuais gestores sobre a importância da conservação aliada à sustentabilidade econômica”. Ele reforça que as ações de restauração e manutenção da vegetação nativa trazem impactos diretos à agricultura: “Ter uma floresta, mesmo pequena, próxima à lavoura aumenta a produtividade, pois abelhas e vespas que vivem nesses ambientes polinizam as plantações. Setenta e cinco por cento dos alimentos vegetais que consumimos dependem de insetos polinizadores”.

Ação

Equipe do projeto BioInova vem desenvolvendo um mapa de estoque de carbono para todo o estado, com base em coletas de campo e dados de satélite

Economia verde e governança ambiental são destaques

No eixo econômico do projeto, a professora Márcia Batista da Fonseca, do Departamento de Economia da UFPB, pesquisadora do Subprojeto 2 — Estudos sobre Aplicações considerando o mercado de crédito de carbono, atua na investigação dos aspectos financeiros e sociais dessa transição. Desde novembro de 2024, ela coordena uma equipe que analisa como o merca-

do de carbono pode se tornar uma fonte de renda sustentável para o estado e seus agentes produtivos.

O primeiro resultado dessa etapa foi a criação do “Manual Mercado de Créditos de Carbono”, um guia inédito que explica de forma simples e acessível o funcionamento do mercado, seus mecanismos de precificação e possibilidades de participação. “Era preciso

compreender como os créditos de carbono, que são certificados concedidos a empresas que reduzem emissões, poderiam ser negociados na Paraíba. Nosso manual tem esse papel de orientação e incentivo à participação da sociedade civil e do setor produtivo”, explica Márcia.

A segunda etapa da pesquisa, iniciada em março deste ano, busca entender como

a população percebe o mercado de carbono e a preservação ambiental. Por meio de questionários aplicados em todo o estado, a equipe está identificando os determinantes socioeconômicos que influenciam o comportamento pró-ambiental. “Queremos saber de que forma renda, educação e contexto familiar interferem na percepção sobre sustentabilidade e na disposi-

ção das pessoas em participar de projetos de mitigação climática”, detalha a pesquisadora.

Segundo ela, os resultados poderão subsidiar novas políticas públicas ambientais, orientando incentivos à inserção de produtores, empresas e municípios no mercado de carbono.

Para Márcia Fonseca, o BioInova representa um marco para o desenvolvimento sustentável da Paraíba. “Nos últimos anos, o estado vem se destacando por suas baixas emissões líquidas de gases de efeito estufa, mas houve um crescimento expressivo entre 2022 e 2023, especialmente no setor de uso da terra. Nesse

contexto, o BioInova traz uma resposta inovadora, oferecendo uma plataforma digital pública com mapas, relatórios e dados abertos que fortalecem a governança ambiental baseada em evidências científicas”, ressalta.

Ela enfatiza, ainda, que o projeto reflete a visão estratégica do governo em aliar ciência de ponta, inovação tecnológica e participação social. “Ao integrar dados de campo, inteligência artificial, economia e percepção social, o BioInova coloca a Paraíba em posição de destaque no cenário nacional, mostrando que é possível gerar benefícios ambientais, sociais e econômicos de forma articulada”, completa.

Para a pesquisadora, o fato de o Brasil sediar a COP30 reforça o papel dos governos estaduais no incentivo à sustentabilidade. “Quando o governo assume a postura de condutor de investimentos ambientais, ele direciona comportamentos e inspira o setor privado. Em tempos de COP 30, é um privilégio ter projetos como o BioInova sendo executados na Paraíba”, afirma.

■ **Resultados poderão subsidiar novas políticas públicas ambientais, orientando incentivos à inserção de produtores**



Alternativas ao projeto estão em andamento nos debates permanentes entre os envolvidos com o aprimoramento das ações

PRESERVAÇÃO

Ações incentivam solidariedade e criatividade em JP

Da coleta de tampas plásticas à limpeza de praias, iniciativas buscam estimular uma consciência ambiental

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Em João Pessoa, uma série de ações voltadas para o cuidado com o meio ambiente vem fazendo diferença direta na vida dos moradores. Elas estimulam a empatia e a criatividade das novas gerações e convertem a reciclagem de tampinhas de garrafa em suporte para projetos que doam comida para famílias em situação de vulnerabilidade e que protegem animais de forma independente.

Algumas iniciativas, que se tornaram grandes com o tempo, começaram com uma simples inquietação: lixo nas ruas e, principalmente, resíduos plásticos nas praias. O pessoense Hildevanio Macedo conta que, anos atrás, ao caminhar pela orla da cidade com um grupo de amigos, incomodou-se com a quantidade de sujeira. Juntos, eles começaram a coletar o lixo para fazer o descarte apropriado.



Foto: Arquivo pessoal

Tampa Solidária realiza coletas em escolas públicas

Impacto
Mares sem Plástico, da UFPB, já coletou mais de quatro toneladas de resíduos do litoral paraibano, desde 2019, alcançando 8.576 moradores do estado

Em 2020, quando a pandemia de Covid-19 fez com que as pessoas precisassem se isolar em casa, os amigos continuaram conversando e perceberam que a atitude podia ir além da coleta: era possível, também, vender as tampinhas e utilizar o dinheiro arrecadado para ajudar quem estava precisando, com comida e outras doações. Assim, nasceu o projeto Tampa

Solidária, que foi apresentado ao público, oficialmente, em julho de 2023.

“O primeiro objetivo foi auxiliar a causa animal aqui em João Pessoa,” diz Hildevanio, que hoje coordena o Tampa. Mas, a partir da realização de ações de conscientização, com o propósito de estimular as pessoas a descartar o lixo de forma correta — o que inclui a distribuição de pontos de coleta em escolas e órgãos públicos —, e de conversas com amigos, o Tampa Solidária conheceu o Multiplicação, outra iniciativa que atua na cidade, oferecendo comida para pessoas em situação de rua. “Em contato com a coordenação desse projeto, decidimos contribuir com ele também. Então, quando comercializamos as tampinhas ou desenvolvemos alguma ação com coleta de doações, levamos alimentos para o Multiplicação e ração para protetores independentes de animais”, relata. Com isso, além de promover ações solidárias, eles também estimulam a economia circular.

A quantidade de lixo no mar também foi a razão por trás da criação de uma iniciativa de extensão universitária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Mares Sem Plástico, voltada à sensibilização ambiental, especialmente no litoral nordestino. “Por meio de campanhas educativas, ações de limpeza de praias e oficinas de reutilização de materiais, o projeto tem contribuído significativamente para a formação de uma consciência ambiental crítica e para a construção de uma cultura oceânica vol-

tada à responsabilidade compartilhada na conservação do mar”, explica a professora Cláudia Cunha. Ela coordena essa e outras duas iniciativas desenvolvidas na UFPB. Uma delas é o Guardiões do Mar, projeto social e ambiental voltado à proteção dos ecossistemas costeiros e à valorização das comunidades que vivem próximas ao mar, que envolve crianças e jovens em atividades voltadas para preservação ambiental. O outro projeto é o Precious Plastic UFPB, que integra um



Comercializamos as tampinhas e levamos alimento para o [projeto] Multiplicação e ração para protetores de animais

Hildevanio Macedo

As mãos que retiram as tampas das areias da orla são as mesmas que estendem ajuda a grupos necessitados na capital

Foto: Arquivo pessoal

movimento global de código aberto, propondo soluções comunitárias para o problema do plástico na natureza.

Segundo Cláudia, tais iniciativas trazem contribuições expressivas à cultura oceânica e à sociedade. “Elas promovem a conscientização sobre a importância dos mares para a vida no planeta, incentivam a redução do consumo de plásticos, fortalecem o senso de responsabilidade ambiental e aproximam ciência, educação e comunidade. Além disso, contribuem para a formação de uma nova ética ambiental, pautada na solidariedade, no respeito à natureza e na busca por alternativas sustentáveis”, afirma.

A Mares Sem Plástico já realizou, desde 2019, 156 ações ao longo do litoral paraibano, coletando 4.625,71 kg de resíduos e impactando diretamente 8.576 pessoas. Segundo Cláudia, esses números refletem a importância da atuação do projeto na redução da poluição marinha e na conscientização ambiental da população. Entretanto, apesar das ações de limpeza e

educação ambiental promovidas por projetos como o Tampa Solidária e o Mares Sem Plástico, o descarte inadequado de resíduos, tanto por atividades urbanas quanto por banhistas e turistas, segue sendo uma preocupação constante. “Ainda é necessário um esforço contínuo e coordenado para reduzir a poluição, conter a erosão e promover a recuperação integral dos ecossistemas costeiros, garantindo a sustentabilidade do litoral paraibano para as futuras gerações”, adverte a professora.

Materiais recicláveis são instrumento para projeto educativo

Outro projeto de extensão desenvolvido na UFPB é o Edu.Comunicação, coordenado pela professora de Arquitetura e Urbanismo Cláudia Ruberg, que trabalha com reciclagem e sustentabilidade há mais de 20 anos. Pensado como uma forma de levar a educação ambiental de uma forma divertida para a Educação Infantil, o Edu.Comunicação atua em escolas de João Pessoa e Bananeiras, buscando plantar a semente de um futuro mais ecológico e consciente.

Em seu terceiro ano de atuação, o Edu.Comunicação já levou ações de educação ambiental para mais de 500 crianças, professores e gestores. De acordo com Cláudia, o projeto utiliza materiais recicláveis ou descartados para confeccionar jogos e brinquedos, em atividades realizadas junto com as crianças e alinhadas com as escolas vi-

sitadas. “Fazemos fantoches, por exemplo, a partir de caixas de leite, e já organizamos oficinas de confecção de lixeiras utilizando garrafas PET. Durante o processo, conversamos com os alunos e não só apresentamos nosso objetivo, como também estimulamos neles um novo olhar, mais criativo, para lidar com os materiais que levamos”, detalha a coordenadora.

O contato com a educação ambiental na infância ajuda a formar cidadãos mais conscientes e responsáveis pela preservação do planeta. Por meio dela, as crianças desenvolvem uma conexão mais profunda com a natureza e aprendem sobre respeito e equilíbrio ecológico, essenciais para a manutenção e bem-estar da vida na Terra. A abordagem lúdica permite que projetos como o Edu.Comunicação facili-

tem a compreensão de conceitos como sustentabilidade, utilização sustentável de recursos, reciclagem e combate às mudanças climáticas. Além disso, eles estimulam o pensamento crítico e moldam hábitos e valores que perdurarão na criança até a vida adulta.

“Com essas ações, a gente busca despertar, na criança, uma consciência com relação a possíveis usos para materiais que normalmente são descartados. Assim, a gente reduz a quantidade de resíduo gerado. Mas, também, fazemos com que eles reflitam a respeito da quantidade de materiais descartados”, a arquiteta discorre. “Nossa expectativa é que essas ações não se restrinjam aos alunos. Queremos que eles possam levar o conhecimento para casa, que sejam propagadores entre amigos e familiares”, finaliza.

Voluntariado

Da coleta de tampinhas até a participação em ações de limpeza das praias, voluntários são parte importante de toda iniciativa que gera impacto social. O trabalho conjunto entre as iniciativas e pessoas dispostas a apoiá-las amplia o alcance da causa e potencializa o impacto positivo no meio ambiente. Por isso, o Tampa Solidária e o Mares Sem Plástico incentivam que a comunidade entre em contato e participe como puder. No Instagram, os projetos podem ser encontrados nos perfis @tampasolidaria e @maressemplastico, respectivamente.

Para a professora Cláudia Cunha, a sociedade pode se envolver de diversas maneiras, adotando hábitos sustentáveis, separando corretamente os resíduos e participando de campa-



Foto: Carlos Rodrigo

Cláudia Ruberg expõe brinquedo criado em uma das ações

nhas locais, apoiando organizações e iniciativas de educação ambiental. “Além disso, pequenas ações cotidianas, como recolher lixo em áreas públicas, evitar descarte inadequado e valorizar produtos recicláveis, contribuem diretamente para a saúde dos ecossistemas. O engajamento individual e coletivo fortalece a

cultura ambiental, criando uma sociedade mais consciente e responsável, capaz de promover mudanças significativas tanto no ambiente urbano quanto no natural”, defende. Quando se fala de cuidar do meio ambiente, dos projetos pequenos aos mais complexos, todos têm potencial para fazer uma grande diferença.

MODESTO KALL

Paraíba é referência no *beach soccer*

Afirmção é do vice-presidente da Federação Paraibana, que destaca o crescimento da modalidade no estado e o surgimento de novos talentos, apesar das dificuldades para ampliação das atividades

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Da faixa litorânea da Paraíba aos interiores do estado, o *beach soccer* paraibano vem ganhando, cada vez mais, corpo, visibilidade e novos protagonistas. À frente desse movimento, a Federação de Beach Soccer da Paraíba (FBS) busca incentivar esse crescimento, apostando em atletas e ações que colocam a Paraíba no mapa nacional da modalidade.

A força do Nordeste no cenário do *beach soccer* é incontestável, sendo a Paraíba crucial na projeção nacional. Para Modesto Kall, vice-presidente da FBS há quase uma década, o número de atletas da região na Seleção Brasileira nos últimos tempos comprova o potencial técnico e o avanço da modalidade nas areias paraibanas.

“A Seleção Brasileira, hoje, é 90% formada de nordestinos. Nós temos os meninos lá de Galinhos, Alisson, entre outros, do Rio Grande do Norte; da Paraíba. Nós tivemos destaque, lá atrás, com Wagner Costa, um goleiro muito bom pela Seleção, o Dino Tambaú, que é um nome que, hoje, todo mundo conhece a nível mundial, mas hoje, no destaque, nós temos o Jefferson Pitimbu e o Diogo Alves. Já de João Pessoa, nós temos o Reyder Resende, mas tem outros despontando, também, nas competições nacionais”, pontua.

O dirigente ainda aponta a cidade de Pitimbu, no Litoral Sul do estado, como o principal celeiro de atletas da modalidade atualmente. “Hoje, Pitimbu é o que mais revela jogadores. Lá, em janeiro, tem uma competição municipal, mas é a nível mundial. São vários jogadores de Seleção Brasileira e de seleções estrangeiras que vêm participar, aí

eles limitam para dois ou três jogadores de fora do município podem integrar cada time. Isso é bom porque começa a mostrar o próprio atleta da casa”, explica. “Léo Acaú, por exemplo, começou com a gente. Ele era um menino ainda, brincava de bola, mas cresceu e hoje é um dos nomes que representam a Paraíba no cenário nacional junto com o Jefferson e o Diogo”, complementa ele.

Filiada à Confederação de Beach Soccer do Brasil (CBSB), a FBS, no entanto, tem encontrado dificuldades para ampliação das atividades, principalmente por causa da escassez de recursos. “A Confederação tem um departamento de *beach soccer* e ele tem o dinheiro que é para incentivar a Seleção Brasileira. Então todo o olhar vai para ela. Também vai para alguns clubes: Vasco da Gama e o Flamengo, por exemplo. Então, se você ver os treinos do Vasco e do Flamengo, eles têm 50, 100 bolas. Aí você vem aqui, para a Paraíba, para o Nordeste, não tem uma bola, mesmo a Seleção Brasileira sendo quase toda de nordestinos”, aponta Modesto.

Cenário feminino

Apesar dos avanços conquistados nas categorias masculinas, o *beach soccer* feminino ainda enfrenta desafios na Paraíba. Segundo Modesto Kall, a modalidade ainda luta para atrair mais equipes e jogadoras.

“O *beach soccer* em si, ele tem tido uma certa dificuldade de trabalhar com o feminino. Por quê? Quem é mais atrativo: a areia ou o campo? Para as mulheres, o campo. Então, para a gente convencer uma equipe de participar de futebol de areia, torna-se mais difícil se não tiver um atrativo bom: por exemplo, um dinheiro para elas ou uma premiação importante.

Então elas ficam no campo ou no salão, o que dá mais dificuldade”, aponta ele.

Paraíba World Beach Games

O vice-presidente da FBS testemunha o crescimento da modalidade em território paraibano, incentivado, sobretudo, pela inclusão na programação do Paraíba World Beach Games, que se iniciou no fim de agosto e chega ao fim hoje.

Além de o *beach soccer* ser uma das modalidades integrantes da programação no JUBs Praia, responsável por dar o pontapé inicial do megaevento esportivo, foram realizadas também a Copa do Brasil Masculina e a Copa das Nações Fe-

minina de Beach Soccer.

“Esse é um fenômeno no Nordeste e no Brasil. Ele tem alavancado muito o esporte de praia, em especial o *beach soccer*. Eu assisti ao jogo do Flamengo e Vasco, dois times de renome nacional, e rivais nas areias do Rio de Janeiro. Já no ano passado, nós trouxemos para aqui a Seleção Brasileira. Isso tudo faz com que a modalidade, dentro do estado, tenha o incentivo e desperte o desejo da prática do esporte em si. O *beach soccer* é um esporte

muito barato. Costumo dizer que a gente só precisa de uma bola, porque na areia não se usa camisa para praticar, só quem quer. Então não tem outros custos, a não ser a bola”, explica.

“Essa modalidade tem tido um ápice com o Paraíba World Beach Games, porque junta as torcidas de várias modalidades, mas que são apaixonados pelo esporte, e [isso] faz com que o *beach soccer* tenha esse ‘start’, leva as pessoas a praticarem”, finaliza o dirigente.



Foto: Evandro Pereira

Modesto Kall vê a modalidade ganhando mais visibilidade e elogia o Paraíba World Beach Games

Competições regionais de beach soccer foram destaques no Paraíba World Beach Games

Foto: Célio Júnior/JUBs Praia



Foto: Lucas Rodrigues/JUBs Praia



Foto: Cristiano Santos/CBSB

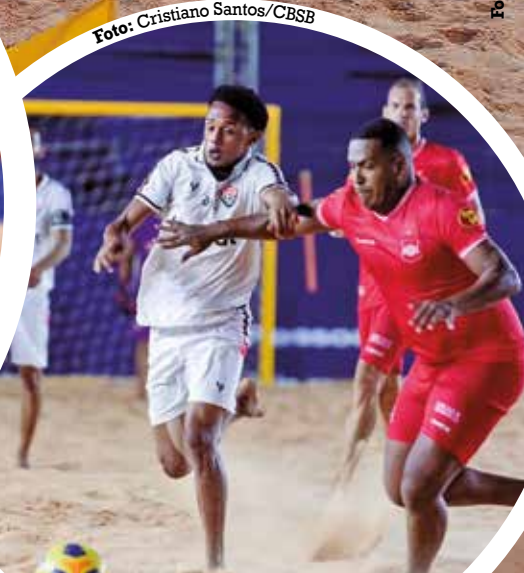


Foto: Célio Júnior/JUBs Praia

PESQUISA DO IBGE

Romário lidera os nomes de craques

Levantamento de registro civil revela boom com nomes de Neymar e Endrick; tem mais Maradonas que Pelés

Agência Estado

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou nesta semana a segunda edição do *site* Nomes no Brasil e, entre os jogadores de futebol, o nome de Neymar, atacante do Santos, passou a fazer parte do registro civil brasileiro, com 2.443 pessoas registradas, com idade média de 11 anos, o que representa 0,001% da população.

O *boom* deu-se entre 2010 a 2019, quando neste período foram registrado 1.468 meninos com o nome do craque brasileiro. O número é 17 vezes maior que o da década passada, com apenas 83 registros.

A lista do IBGE também mostrou um *boom* de Endricks, que eram 359 até 2009. De lá para cá, 1.048 bebês foram registrados com o mesmo nome do atacante ex-Palmeiras e hoje no Real Madrid, com média de idade de sete anos.

No fim de 2024, aliás, um levantamento do Babycenter, plataforma de apoio à gestação e parentalidade, apontou que “Endrick” entrou pela primeira vez na lista de nomes de bebês mais populares do Brasil naquele ano. O crescimento nos recém-nascidos nomeados como “Endrick” foi de 43% em relação ao ano anterior, colocando-o na 85ª posição do *ranking*.

Outro dado que chama a atenção, apesar de pequeno, é que o Brasil possui mais nomes “Maradonas” do que “Pelés” registrados. O nome do argentino, falecido em 2020, tornou-se o primeiro de 128 pessoas, com idade média de 34 anos. Já o Pelé, que morreu em 2022, é o primeiro nome de 75 pessoas, com idade média de 47 anos.

Entre os principais ídolos brasileiros, porém, quem fica à frente de Neymar, Maradona e Pelé é Romário. O nome do ex-jogador e atual senador da República aparece como a primeira nomenclatura para 50.538 pessoas em todo o país, com idade mé-

dia de 29 anos.

Outro craque argentino que aparece com destaque nessa relação é Riquelme, ex-jogador e atual presidente do Boca Juniors, com 25.942 pessoas com seu nome, e uma média de idade de 12 anos.

Ainda em relação a Neymar, o IBGE revela que o estado com mais pessoas registradas com o nome do atacante santista é Minas Gerais, com 372 pessoas, seguido de São Paulo, com 340, Amazonas, com 239, Bahia, com 232, e Pará, com 158. Há pelo menos um Neymar em todas as unidades federativas do Brasil. Além disso, ele é o 4.486º nome mais comum no *ranking* nacional. “Maradona” ocupa apenas a 34.648ª posição, enquanto “Pelé” é o 50 418º nome mais comum no Brasil.

O banco de dados do IBGE abrange todo o território nacional, incluindo 27 unidades da Federação e 5.570 municípios, com informações de 203 milhões de pessoas em 90,7 milhões de domicílios.

Quem tem propriedade para falar do assunto é Reginaldo Diniz, CEO da agência de *marketing* esportivo End to End. Em 2023, a empresa teve a iniciativa de eternizar o nome de Pelé na língua portuguesa, quando o Michaelis inseriu o nome do Rei do Futebol como verbete em sua edição digital. A ação teve consultoria da Miami Ad School e curadoria da Memorabilia do Esporte, e foi lançada oficialmente pelo Santos.

“O Santos não construiu só uma das histórias mais admiradas do futebol mundial, mas revelou nomes que viraram verbo, sonho e inspiração.

Messi e Pelé são citados na pesquisa do registro civil brasileiro pelo IBGE, de acordo com o site Nomes do Brasil



Foto: Reprodução Instagram @romari



Foto: Divulgação/Fifa

Nomes de craques espalhados pelo Brasil

- Romário: 50.538 pessoas (média de idade: 29 anos)
- Riquelme: 25.942 pessoas (média de idade: 12 anos)
- Neymar: 2.443 pessoas (média de idade: 11 anos)
- Endrick: 1.431 pessoas (média de idade: sete anos)
- Zico: 582 pessoas (média de idade: 41 anos)
- Messi: 363 pessoas (média de idade: 10 anos)
- Ronaldinho: 187 pessoas (média de idade: 24 anos)
- Maradona: 128 pessoas (média de idade: 34 anos)
- Kaká: 121 pessoas (média de idade: 16 anos)
- Tevez: 70 pessoas (média de idade: 16 anos)

Pelé virou sinônimo de genialidade e palavra no dicionário. Neymar, por sua vez, não é só referência para nome de criança, mas se transformou em uma marca global e consumida por milhões de pessoas. Isso demonstra a força do clube em criar identidade que ultrapassa os resultados de

campo e gerações”, explica Reginaldo Diniz. A ativação também tem apoio do SporTV por meio da Pelé Foundation e a campanha Pelé no Dicionário, superando a marca de 125 mil assinaturas e com objetivo de eternizar Pelé como um adjetivo sinônimo de excepcional, incomparável, único.



Foto: Paul Baretto/Santos

Neymar se transformou em uma marca global e consumida por milhões de pessoas

Zico tem pouca preferência, mas seu nome verdadeiro, “Arthur”, deve estar entre os maiores da pesquisa



Foto: Reprodução Instagram @lojadogolinho

FINAL DA LIBERTADORES

Conmebol define preços dos ingressos

Torcedores vão pagar de R\$ 1 mil a R\$ 1,7 mil para assistir à decisão entre Flamengo e Palmeiras, no dia 29

Agência Estado

Torcedores de Palmeiras e Flamengo começaram, desde ontem, a ter acesso à venda dos ingressos para a final da Libertadores, que ocorrerá em Lima, no Peru, em 29 de novembro. Será a segunda vez que o estádio da capital peruana receberá a partida decisiva da temporada, desde que a Conmebol passou a adotar o modelo de jogo único para a decisão.

A venda dos ingressos está sendo realizada pela empresa brasileira Imple ElevenTickets e, desde a última quarta-feira (29), apenas torcedores peruanos, com cartões de crédito Mastercard emitidos pelo banco BBVA, vinham tendo acesso à pré-venda. Os valores iniciais da entrada vão de R\$ 1 mil a R\$ 1,7 mil.

Palmeirenses, flamenquistas ou quaisquer outros torcedores que queiram ir à final deverão estar preparados para desembolsar alguns milhares de reais com passagens, deslocamento e, eventualmente, hospedagem. Há a possibilidade de ir a Lima por meio de avião, ônibus ou carro pessoal.

Do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, os voos de ida e volta variam de R\$ 4 mil a mais de R\$ 9 mil. Quanto maior o valor, mais rápida será a viagem até a capital peruana. O cenário repete-se para o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o Galeão, em que as passagens variam de R\$ 5,1 mil a R\$ 15 mil, no cenário em que o torcedor chegue a Lima na manhã do sábado, dia da final.

Pela estrada, a única opção de ônibus é proporcionada pela Trans Acreana. Não há viagens diárias, e a ida deverá ocorrer, obrigatoriamente, em 20 de novembro, seja de São Paulo ou do Rio. São cinco dias e meio de viagem, e mais de seis mil quilômetros percorridos no período. A volta será em 11 de dezembro, e o custo pelas duas passagens é de R\$ 2,6 mil, sem considerar taxas.

Também é possível percorrer esse trajeto por conta própria. Sem paradas, um trajeto de São Paulo leva cerca de 65 horas. Esse número



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

No último confronto entre as equipes pelo Brasileirão, o Flamengo venceu por 3 a 2

sobe para 70 horas se o torcedor partir do Rio. Considerando o custo do combustível e a quilometragem percorrida, seriam gastos mais de R\$ 4 mil com a ida e a volta de Lima.

A Conmebol também autorizou a Absolut Sport, empresa parceira da entidade, a comercializar pacotes de hospitalidade, que inclui ingresso, seguro-viagem e serviços como alimentação e traslado ao estádio. O preço desses pacote parte de R\$ 3,6 mil, mas pode superar R\$ 15 mil com as passagens de ida e volta, partindo de São Paulo ou Rio, com destino a Lima.

Os times vão reeditar a final de 2021, quando o Palmeiras derrotou o Flamengo por 2 a 1, em Montevidéu, e conquistou o seu terceiro título da Libertadores. O time rubro-negro foi campeão no ano seguinte e, agora, um dos dois se tornará o primeiro clube do Brasil a conquistar por quatro vezes a Glória Eterna.

Dono da melhor campanha, o Palmeiras terminou a fase de grupos com 100% de aproveitamento e despachou com facilidade Universitário, nas oitavas de final, e River Plate, nas quartas. A semifinal foi marcada por uma virada épica no con-

fronto com a LDU, com o time de Abel Ferreira vencendo por 4 a 0 no Allianz Parque depois de perder por 3 a 0 na altitude de Quito, no Equador.

Já o Flamengo teve campanha irregular na fase de grupos e classificou-se em segundo na sua chave, ficando atrás da LDU. Os cariocas eliminaram o Internacional nas oitavas e passaram pelo Estudantes, nos pênaltis, nas quartas. Já na semi, o time rubro-negro passou pelo Racing depois de vencer no Rio e segurar o empate em 0 a 0 com um jogador a menos na Argentina.



Foto: Divulgação/Conmebol

Deyverson vence o goleiro Diego Alves e garante a vitória e o título do Palmeiras sobre o Flamengo, na Libertadores de 2021

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Brasileiros encarnando o pior dos europeus

Eu, sinceramente, jamais imaginei defender um europeu diante de um ambiente deprimente de hostilidade criado por brasileiros... contra europeus. Minha sanha sempre — ou, agora percebo, quase sempre — será de defender brasileiros em debates contra europeus. Eu achei mesmo que, em todas as questões possíveis e imagináveis, seria assim e que eu estaria num front ideológico e geográfico: a partir do Sul Global. Mas o futebol brasileiro, já diria quase todos os poetas, é uma caixinha de surpresas.

Pois bem, só mesmo o futebol brasileiro para criar uma narrativa “contraeuropeia” e me incomodar com isso. É que não tem nada a ver com um anticolonialismo que há de ser sempre apoiado por este escriba. Ou sobre uma busca de conter discursos impostos que possam vir a edificar um viralatismo ainda corrente por cá, pelos trópicos. O que vimos na última terça-feira num encontro de treinadores brasileiros, com a presença do italiano Carlo Ancelotti, foi uma espécie exatamente dessa síndrome. Oswaldo de Oliveira e Emerson Leão pegaram para si uma das piores características de considerável parte do povo europeu, que é a da malevolência contra pessoas de outros países.

Em muitos territórios e mentes da Europa, há não só narrativas e discursos anti-imigração. Há violências simbólicas e físicas. Há também políticas de Estado contra pessoas que não são do velho e decadente continente. Sobre tudo contra aquelas que desembarcam naquele pedaço de terra, oriundos de complicações e terríveis realidades, muitas vezes financiadas e construídas pelos colonizadores, antigos ou modernos, de lá, em seus países. No futebol brasileiro, há técnicos que adotam o pior dos europeus contra os europeus. E contra argentinos, também substancialmente presentes nos cargos de comissão técnica por aqui. De modo que, é bem verdade, não é só contra europeus. Mas contra estrangeiros. Numa espécie de tentativa desesperada de reserva de mercado, fomentada por técnicos que são piores do que alguns que nasceram fora dos limites da nossa terra *brasilis*. Simples assim.

Casos de Oswaldo e Leão, que fizeram do encontro de técnicos uma das páginas mais constrangedoras do futebol brasileiro, criticando, de maneira deselegante, desesperada e sem qualquer argumento plausível, a vivência de comandantes estrangeiros no Brasil. Tudo isso de cima do mesmo palco em que estava Ancelotti, que não pediu para sair da Itália, que não depende do futebol brasileiro para ser um dos maiores da história e que, a meu ver, vive muito mais uma aventura de tentar ser campeão por um país que respira — cada vez menos e pior — o futebol que sempre admirou do que qualquer outra coisa. E que, convenhamos, não tem nada para absorver de figuras como os grosseiros Oliveira e Leão.

Vale notar alguns pontos. As narrativas são tão deprimentes que não se ancoram em nenhuma perspectiva que poderia vir a fazer sentido sobre a construção de um futebol brasileiro melhor a partir dos próprios brasileiros. Não me consta que Oswaldo ou Leão defendam que se diminua o número de atletas estrangeiros. Se o cara for bom e puder salvar o emprego de um deles, é claro que ambos iriam comemorar a contratação e o número de vagas para jogadores não brasileiros em cada elenco do Brasileirão.

Vale lembrar que Leão e Oswaldo não pensaram muito nos técnicos japoneses e cataris quando foram técnicos estrangeiros no Japão e no Catar em busca de receber rios de dinheiro. Em um óbvio momento em que esses países precisavam de intercâmbios com gente de maior repertório na modalidade. É justamente o que acontece no futebol brasileiro hoje. Uma necessidade real de técnicos melhores do que a grande parte dos defasados brasileiros para o futebol jogado por aqui ser melhor. E falta mais, viu! Seria ótimo árbitros melhores de fora. Dirigentes. E por que não jornalistas? Trazendo visões, políticas e técnicas que enriqueçam nosso futebol, para mim, tudo isso faz bem. Desde que, em paralelo, o futebol brasileiro passe a, de uma vez por todas, formar agentes com real boa vontade e qualidade, com um plano claro de onde quer chegar. Ou voltar a estar.



Na última quinta-feira, o Palmeiras venceu o Santos por 2 a 0, em jogo no Allianz Parque

Foto: Cesar Greco/Palmeiras

BRASILEIRÃO

Palmeiras e Mirassol jogam no Maião

Time alviverde vai enfrentar uma equipe que ainda não conheceu uma derrota atuando em seus domínios

Da Redação

O Palmeiras continua, hoje, sua jornada em busca do 13º título brasileiro, em visita ao Mirassol, no interior paulista, às 20h30, no Estádio Maião, a ser exibido pelo Prime Video. O adversário do Santos na última rodada, desta vez, torce pela equipe de Neymar, que encara o vice-líder Flamengo, no Maracanã, também neste domingo (9), mas mais cedo, às 18h30 (Premiere). Os jogos são válidos pela 33ª rodada da Série A.

O triunfo por 2 a 0 no Allianz Parque, diante do Santos, levou o Palmeiras aos 68 pontos. Agora, são três a mais que o Flamengo (65), dando tranquilidade para jogar as próximas rodadas. O confronto contra o Mirassol será antes da Data Fifa. A possibilidade de não contar com alguns jogadores irritou Abel Ferrei-

ra. A equipe terá uma série de desfalques no período de jogos das seleções. O treinador falou sobre a situação em entrevista coletiva.

“Estamos a discutir títulos e estamos a perder jogadores para fazer amistosos. Há muita coisa a fazer, a mudar, decisões difíceis que têm que ser tomadas, porque isso não pode acontecer, não existe em lugar nenhum do mundo. Será que temos que ajustar o calendário de acordo com o calendário europeu? Não sei”, disse.

Ele chateou-se com a possibilidade iminente de perder grande parte de seus titulares para o novo clássico com o Santos, marcado para o dia 15, desta vez na Vila Belmiro. O português já sabe que não terá seus dois atacantes titulares, já que Vitor Roque e Flaco López foram convocados para as seleções Brasileira e Argentina, respectivamente. É pro-

vável que a equipe enfrente o seu rival sem sete atletas. Além dos dois já citados, devem ser desfalques: Piquerez, Emiliano Martínez e Facundo Torres (Uruguai), Gustavo Gómez e Sosa (Paraguai).

Com esse cenário, para manter a diferença em relação ao Flamengo, o treinador palmeirense deve ir com força máxima para a partida contra o Mirassol, enquanto pode. A equipe do interior paulista, mesmo tendo perdido para o Fluminense, faz uma grande campanha no Brasileirão, neste momento conquistando vaga na Libertadores de 2026, tendo 56 pontos. O duelo promete ser bastante complicado para os líderes. Em casa, o Leão ainda não perdeu: foram 16 jogos, com 10 vitórias e seis empates.

Flamengo x Santos
O Rubro-Negro recebe o

Santos no Maracanã buscando vencer para encurtar novamente a distância para o Palmeiras. Com 65 pontos, a equipe carioca, agora, precisa de pelo menos duas rodadas para assumir a liderança, devido aos critérios de desempate. Já o time do Litoral paulista chega pressionado por estar na zona de rebaixamento, acumulando quatro partidas sem vencer.

Do lado flamenguista, as recorrentes expulsões têm sido um problema. Nos últimos dois meses, foram seis, três delas protagonizadas por Plata (com uma anulada). Durante o ano, foram nove cartões vermelhos. Filipe Luís e a diretoria cobraram mais atenção dos atletas para evitar novas exclusões nos jogos. O técnico, no entanto, assumiu toda a responsabilidade pelos resultados ruins. “Eu jamais vou culpar um jogador por cometer um erro desses. Ao contrá-

rio, eu estou aqui para colocar a culpa em mim mesmo. Eu, como maior responsável pela equipe, sou o responsável por um empate como esse [2 a 2, contra o São Paulo]”. Mesmo Filipe Luís tomando para si a culpa pelos resultados ruins após expulsões, a diretoria tem punido alguns atletas por conta da recorrência de cartões vermelhos, casos de Gonzalo Plata e Wallace Yan. “Punições sempre dependem da diretoria do clube. É claro que eu participo”, ressaltou o treinador.

Do lado santista, Vojvoda confia no seu elenco, apesar da derrota para o Palmeiras. A permanência na zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro não abalou as esperanças do técnico em manter o time do Santos na elite do futebol nacional em 2026. “Temos um grupo experiente, de homens, sabedor da situa-

ção difícil que estamos passando e que vai lutar jogo a jogo e ponto a ponto para encerrar e superar este momento”, afirmou o argentino. Para o jogo com o Flamengo, o treinador conta com o retorno de Neymar, poupado, na última quinta-feira (6), por causa do gramado sintético do Allianz Parque. O Santos é o 17º colocado no Campeonato Brasileiro, com 33 pontos. O Vitória é o 16º, com 34 pontos.

Outros jogos
A rodada 33 ainda tem, hoje, os seguintes jogos: na Neo Química Arena, o Corinthians recebe o Ceará (Premiere); no Mineirão, jogam Cruzeiro e Fluminense (Globo); no Barradão, enfrentam-se Vitória e Botafogo (Premiere). Os três jogos são às 16h. Mais tarde, às 20h30, no Castelão, o Fortaleza duela com o Grêmio (SporTV e Premiere).

LIGAS PELO MUNDO

Pesquisa aponta o Brasileirão em oitavo lugar no ranking

Agência Estado

Qual é o melhor campeonato nacional do mundo? Além de Premier League e La Liga, que dominam o debate no cenário europeu, o Brasileirão aparece na oitava posição no ranking de ligas mais fortes do mundo produzido pela Opta, empresa de dados esportivos, com base em parâmetros de forças de cada competição.

Inglaterra
A Premier League segue como a mais importante, na avaliação da pesquisa produzida pela Opta, empresa de dados esportivos, com parâmetros de forças de cada competição

Em *ranking* atualizado e divulgado nesta semana, o Brasileirão aparece atrás da liga belga e da Segunda Divisão inglesa, além da Bundesliga, Campeonato Italiano e Ligue 1. A competição nacional é a primeira a figurar na lista de fora da Europa. Major League Soccer (MLS), dos Estados Unidos, e Campeonato Argentino surgem na 10ª e na 12ª posição do ranking, respectivamente.

O levantamento da Opta considera o desempenho das principais equipes de cada país e estima uma média, que pode chegar a até 100 pontos. Por isso a Premier League, que tem destaque no cenário europeu ao longo dos últimos anos, lidera. O Brasileirão soma 77,9 pontos no levantamento, frente a 90,9 da liga inglesa.

Em relação às principais competições europeias, o Brasil fica à frente de Portugal e Holanda. Apenas 0,3 ponto, no entanto, separam o Brasileirão da sétima posição da

Opta, ocupado neste momento pelo Campeonato Belga.

Com Flamengo e Palmeiras na decisão da Libertadores, existe a possibilidade de que o Brasileirão supere a Bélgica em um próximo levantamento, já que o desempenho das equipes em níveis continental e mundial também entra em consideração. No Mundial de Clubes des-

Ligas pelo mundo	
■ 1º Premier League (Inglaterra) - 90,9 pontos	■ 6º Championship (Segunda Divisão inglesa) - 78,3 pontos
■ 2º La Liga (Espanha) - 84,7 pontos	■ 7º Jupiler Pro League (Bélgica) - 78,2 pontos
■ 3º Série A (Itália) - 84,2 pontos	■ 8º Brasileirão - 77,9 pontos
■ 4º Bundesliga (Alemanha) - 83,8 pontos	■ 9º Primeira Liga (Portugal) - 77,7 pontos
■ 5º Ligue 1 (França) - 83,7 pontos	■ 10º Major League Soccer (Estados Unidos) - 76,5 pontos

te ano, todos os brasileiros avançaram ao mata-mata, e o Fluminense chegou até as semifinais, quando foi eliminado pelo campeão Chelsea.

Sem confrontos diretos na competição nacional, Flamengo e Palmeiras enfrentam-se em 29 de novembro, em Lima, no Peru, em reedição da final de 2021 da Copa Libertadores.



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense F.C.

Fluminense x Mirassol pelo Brasileirão, no Maracanã

GENIVAL NÓBREGA

O homem que plantou sonhos e colheu consciência

Paraibano foi responsável por preservar uma das principais áreas verdes na Zona Sul da capital paraibana, que poderá virar um memorial

Área de quase um hectare vem sendo estruturada para desenvolver atividades ambientais e culturais com movimentos sociais e escolas públicas, assim como para a produção e distribuição de mudas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Quando ele chegou para morar aqui, não existia nada disso que a gente vê hoje, na granja. Era só capim-elefante. Ninguém queria morar aqui”. É assim que Jane Nóbrega, viúva do fiscal aposentado do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), Genival Nóbrega, começa seu relato sobre como se formou uma das principais áreas verdes do bairro Jardim São Paulo, na Zona Sul da capital paraibana.

Localizada na Rua Lindalva Lopes Cordeiro, próximo ao girador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a área de quase um hectare — que hoje abriga espécies de pau-brasil, babaçu, pitangueira, aroeira e jenipapo — foi reflorestada e se mantém preservada graças ao esforço de Genival Nóbrega, que faleceu em 2013.

“Ele foi o primeiro morador dessa área e tinha um sonho de fazer disso aqui uma reserva, uma mata. Aí alugou um trator, mandou limpar tudinho e, nas viagens que fazia pelo interior, sempre trazia uma muda para plantar. Ou, se chupava uma manga, ou comia uma jaca, plantava o caroço”, conta a viúva, que também trabalhou para que esse sonho se tornasse realidade e, até hoje, se mantivesse vivo.

Além da casa, o local abriga uma capelinha dedicada a São Francisco — padroeiro da ecologia — que foi idealizada e erguida pelo próprio Genival Nóbrega com restos de materiais de construção. A obra, assim como a fonte ao lado, foi construída para o batizado da única filha do casal, Gardênia. Jane lembra-se do custo que foi convencer o padre a realizar a cerimônia, mas, ao final, deu tudo certo e a festa foi uma só alegria.

Se para a filha, o pai, já idoso, desdobrava-se em cuidados, para os que ameaçavam a fauna e a flora do lugar, Genival Nóbrega não media palavras e ações. Era intransigente e até rude na defesa da natureza. O cuidado era tamanho, que ele chamava atenção daqueles que pisavam, sem perceber, o caminho das formigas ou jogavam pedras nas mangueiras para tentar retirar os seus frutos. Questionava se, nessas situações, as pessoas gostariam de estar no lugar dos animais e das árvores.

A convivência com os vizinhos que, aos poucos, se estabeleceram no entorno era pacífica na maioria das vezes. Muitos diziam ter optado por morar nas proximidades justamente por causa da granja e pelas memórias afetivas. O local trazia a sensação de, mesmo morando na cidade, estar vivendo no interior, acordando

com o canto dos galos e dos passarinhos. Havia, no entanto, alguns que jogavam lixo ao pé do cercado e despertavam a ira do proprietário. Além de procurar inibir a prática ampliando a fiscalização da área, Genival Nóbrega confeccionava placas com mensagens para conscientizar sobre a importância de preservar a natureza e as espalhava ao redor da propriedade. Algumas dessas placas ainda estão no local.

Mas as grandes batalhas enfrentadas pelo defensor do ambiente foram, segundo Jane Nóbrega, com os empreendimentos que se estabeleceram nas proximidades. Primeiro foi a academia de tênis, depois uma tentativa do Poder Público de fazer passar uma estrada pelo meio do terreno e, por fim, uma rede de supermercados que se instalou bem ao lado da propriedade e desejava adquirir a área verde para fazer um estacionamento.

“Quando tentaram abrir a rua aqui, Genival se armou e disse que podiam passar, mas não garantia que iriam sair do outro lado. Mas meu marido começou a morrer, aos poucos, quando viu aquelas correntes, puxadas pelo trator, colocar as árvores grandes abaixo para construir o supermercado. Ele passou mal... Aqui existia cutia, casais de veados e de pavão, tinha tartarugas também...”, destaca Jane. O barulho provocado pela câmara do frigorífico era outro incômodo, que permaneceu até bem pouco tempo.

Legado verde

Após a morte do companheiro, as propostas para se desfazer da área continuaram. Jane Nóbrega conta que uma grande incorporadora lhe ofereceu dois apartamentos e uma boa quantia em dinheiro pelo local, mas ela recusou. “Quando meu marido morreu, ele me fez um pedido para nunca desmatar essa área e não deixar o dinheiro fazer minha cabeça e que, se eu encontrasse uma pessoa que cuidasse e que preservasse a natureza, não tivesse medo. Foi Deus que mandou essa pessoa maravilhosa e a esposa dele, que está fazendo melhor do que eu esperava”, conta Jane, apontando para o agente ambiental Arimatéia França.

Iniciativa criada por Genival Nóbrega (abaixo) abriga diversas espécies de flora, como o pau-brasil, o babaçu, a pitangueira, a aroeira e o jenipapo



Entrada do santuário (acima); a viúva, Jane Nóbrega, mostrando a capelinha dedicada a São Francisco (acima, à esq.) e o agente ambiental Ari França (ao lado, à esq.) que cuida da preservação do local





Marcos Carvalho
marcoscarvalhojora@gmail.com

Músico autodidata imortalizou a
reverência por sua terra natal na
melodia do hino oficial de Campina
Grande e estimulou o canto coral

Angélica Lúcio

Preservar a história da mídia também é cuidar da memória da sociedade

Preservar a história, e as muitas histórias que dela fazem parte, é um compromisso sério. Recentemente, duas notícias me deixaram muito feliz. Ambas dizem respeito à memória da mídia e representam avanços importantes para garantir o acesso público aos acervos históricos pelas futuras gerações. Uma envolve a Rádio MEC; a outra, o *Diário de Pernambuco*.

Nas ondas do rádio

Primeira emissora pública do Brasil, a Rádio MEC terá seu acervo histórico digitalizado, abrangendo programas produzidos de 1950 a 1990. Fundada em 1923 como Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a emissora foi incorporada ao Ministério da Educação, em 1936, quando foi batizada com o nome atual. Desde 2007, integra a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

A digitalização foi anunciada pela Agência Brasil, em 5 de novembro, após aprovação do projeto, pelo Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa dos Direitos Difusos. Serão investidos R\$ 5,2 milhões, com recursos do Ministério da Justiça e Segurança Pública.

O projeto, cuja autoria é da EBC, tem duração de 36 meses e prevê a digitalização de 17 mil fitas magnéticas de programas como *Acervo MEC FM*, *Arte do Canto*, *Antologia do Choro*, *Encontro com o Jazz* e *As Cantatas de Bach*. Entre os registros, há gravações de grandes nomes da cultura brasileira, como Villa-Lobos, Mário de Andrade, Bidu Saíão,



Foto: Leonardo Ariei

Museu do Rádio Paraíba, inaugurado em 2023, funciona na sede da Rádio Tabajara, em João Pessoa

Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Fernanda Montenegro.

Histórias de papel

No dia 7 de novembro de 2025, o *Diário de*

Pernambuco completou 200 anos. Jornal mais antigo em circulação no Hemisfério Sul, terá todo o seu acervo histórico digitalizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio do Laboratório Liber.

um homem que não teve uma formação acadêmica, mas tinha uma capacidade intelectual incrível. Isso é uma das coisas que mais me marcam da trajetória dele”, ressalta o filho.

A religiosidade e a música vividas no claustro do convento estenderam-se para fora dele. Em 1957, formou seu primeiro conjunto de coro misto, com vozes masculinas e femininas, da Juventude Operária Católica de Campina Grande. No ano seguinte, assumiu a regência das classes de Canto Orfeônico no Colégio Alfredo Dantas (1958), depois no Colégio Estadual da Prata (1964) e da Escola Normal Padre Emídio Viana Correia (1964), assim como a função de organista da Catedral de Campina Grande (1965).

Ao mesmo tempo, multiplicavam-se as iniciativas de formação e regência de grupos de coro: Coral Uirapuru, Coral Feminino Fernando Silveira, Coral Uiraxué, Coral Misto do Colégio Nesa, Coral do Teatro Severino Cabral e Coral Esperança. Em 1971, o maestro foi convidado para reger o Facma Madrigal — Coral da Fundação Artístico Cultural Manoel Bandeira (Facma), com o qual viajou a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para se apresentar, no ano seguinte, na 2ª edição do Festival Panamericano de Coros.

“Ele era um grande líder, não só no aspecto profissional e musical, de ter domínio de arranjos, divisão de vozes graças e conhecimento harmônico, mas também no sentido de liderar a equipe e conduzir as pessoas, boa parte delas estudantes ou funcionários das instituições. Ele comentava sobre a preparação e os muitos ensaios que fazia até chegar o dia da apresentação”, destaca Roniere Soares, músico e vice-presidente do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), que

angelicallucio@gmail.com

Antônio Guimarães Correia

Maestro era formado de poesia e musicalidade

conheceu o maestro no município paraibano de Boa Vista, quando participou do concurso para o hino oficial da cidade. A partir de então, estreitaram os laços de amizade e costumavam encontrar-se para conversar sobre o assunto preferido dos dois: a música.

Roniere Soares ressalta também o trabalho de Antônio Guimarães como compositor de hinos para várias escolas campinenses e outras instituições, como a Polícia Militar da Paraíba, e de, ao menos, quatro cidades paraibanas: Malta e Puxinanã (letra e música), Coxixola e Campina Grande (música). Esta última composição, que o enchia de orgulho por suas raízes campinenses, foi a que lhe deu maior projeção.

A escolha do “Hino Oficial de Campina Grande” foi feita por concurso público instituído por lei e realizado em 5 de outubro de 1974, no auditório do Colégio Imaculada Conceição (Damas). Concorreram 23 composições, dentre as quais a do maestro Antônio Guimarães Correia, que saiu vencedora. Somente no ano seguinte seria escolhida a letra do hino, de autoria do cearense Fernando Silveira.

No trabalho composicional do maestro, Roniere Soares destaca a preocupação com o aspecto ético: “Ele era alguém que criava a própria música e, nesse sentido, era muito original. Poderia ter vozes internas de coisas que escutou, mas o que ele colocava na pauta musical era real-

mente coisa da personalidade dele. As melodias, as modulações, os tons que ele, geralmente, incorporava nas suas composições, tudo isso a gente vê que é único e verdadeiro, é dele mesmo. É uma composição estritamente autoral”.

Mozart Guimarães revela que, embora a principal fonte de renda viesse do trabalho na gráfica da Editora da Universidade Estadual da Paraíba (Eduelpb), o maestro respirava e vivia música. “Ele acordava cedo e já começava a ler partituras ou a compor. Era tudo muito intuitivo, nada por pressão, não tinha hora para compor. Às vezes, ele tomava uma cervejinha também, para se inspirar. Ele era um poeta”, recorda o filho.

“Adeus à Terra”

Na gráfica e na música, o músico adaptou-se bem à chegada da tecnologia, aprendendo a trabalhar e a compor com a ajuda do computador. Roniere Soares relembra, com admiração, como o regente familiari-

zou-se com o *software* musical Sibelius, que ofereceu de presente ao amigo para ajudar na criação e edição de suas composições: “Mesmo com a idade avançada, ele conseguia aprender. Ele não se privou, não abdicou do direito de aprender, e numa época em que não se tinha muitos tutoriais”.

Como musicólogo, no entanto, que se dedicava ao estudo de hinos e canções eruditas, mostrava-se conservador. Afirmava não gostar “d’O Maior São João do Mundo”, alegando que as canções populares não eram edificantes. Criticou, certa vez, os arranjos para filarmônica em ritmo de samba colocados no “Hino Oficial de Campina Grande”. Chamado às rádios para comentar o assunto, afirmou que sua música não poderia ser alterada de qualquer forma e deveria ser executada como foi composta.

Dos estudos que desenvolveu, chegou a publicar, em 1983, um livro didático intitulado *Música para todos* e outro

de poesia, chamado *Música sem pauta*. Mozart informa que o pai publicava outros trabalhos de maneira avulsa, em forma de livretos, assim como também na imprensa local. Roniere Soares recorda que um desses textos analisava a polêmica em torno da composição do “Hino Nacional Brasileiro”.

A sensibilidade poética e musical do maestro contrastava um pouco com a rudeza e objetividade com a qual se expressava. “Era um homem muito firme, conservador e muito direto. Tão direto que parecia ser um pouco ríspido ou um pouco grosseiro, mas era a forma que ele tinha para lidar com determinadas circunstâncias. Ele carregava um conhecimento apuradíssimo e quem sentasse para tomar uma cerveja e conversar com seu Guimarães, recebia uma verdadeira aula”, comenta Mozart Guimarães, que salienta a honestidade, hombridade e retidão como traços da personalidade do pai.

Em 2007, o maestro entregou a batuta do Coral Esperança, grupo infantil da Escola Municipal Maria Cândida de Oliveira, ao amigo e músico Roniere Soares. Nessa época, já dizia trazer consigo “um balaio de doenças”. Antonio Guimarães Correia faleceu aos 74 anos, em decorrência de complicações cardíacas, em 22 de maio de 2009. Foi sepultado ao som da marcha fúnebre “Adeus à Terra”, composta pelo próprio maestro para aquele momento de despedida.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — V (Tonico & Tinoco — conclusão)

Foi a divulgação do trabalho dos irmãos Perez — Tonico & Tinoco — em emissoras de rádio e TV que transformou a dupla em um sucesso regional e, posteriormente, nacional. Ao lado disso, as apresentações em shows, cinemas, circos e excursões avulsas fizeram-nos obter significativos lucros, o que, certamente, foi-lhes abrindo espaços junto às gravadoras, exatamente diante do sucesso. Por outro lado, a sua visibilidade foi abrindo caminho para outras duplas, igualmente ligadas ao nosso universo musical ou, mais especificamente, ao mundo da chamada música caipira e ao sertanejo de raiz. Inúmeras duplas foram surgindo, umas com enorme aceitação e outras nem tanto. Mas, aí já será outra estória...

Necessário se faz dizer que, no início da divulgação de suas gravações, o público que “curtia” o som caipira chegou a reclamar junto às gravadoras, com relação ao linguajar cultivado pela dupla, pois nem sempre era possível entender a pronúncia deles. Mal sabiam os ouvintes que “sugestões seriam aceitas”, mas nada que interferisse diretamente no seu estilo e nos seus versos.

Um fato curioso: quando do fim da Segunda Guerra Mundial (1945), já proliferavam as emissoras de rádio no Brasil: o número chegava a exatamente 117, com cerca de três milhões de receptores vendidos. Um belo dia, na Rádio Nacional-SP, onde a dupla apresentava um programa de auditório, a lotação estava completa, não possibilitando sequer o acesso deles ao palco. Diz a lenda que os dois, “presos” no corredor da emissora, solicitaram o microfone aos gritos de “vamos cantar daqui mesmo, da beira da tuiá”. O nome pegou e tornou-se “consagrado” por muito tempo...



Imagem: Reprodução/Allegretto

Uma das últimas fotos da dupla paulista, que jamais mudou o seu estilo e jeito de cantar

A estreia da dupla no cinema veio em 1961, com o filme *Lá no meu Sertão*, com direção de Eduardo Llorente e *script* baseado na própria vida da dupla. Outros filmes vieram: *Obrigado a matar*, do mesmo diretor e enredo baseado na canção “Chico Mineiro” (Tonico e Francisco Ribeiro), de 1965; em 1969, veio *A Marca da Ferradura*, direção de Nelson Teixeira Mendes; em 1970, ainda sob a direção de Llorente, filmaram *Os Três Justiceiros*, um *bang-bang*, que não obteve o sucesso

desejado; o pior viria a seguir: em 1972, dirigidos por Oswaldo de Oliveira, filmaram *Luár do Sertão*, que, apesar do sucesso da música homônima, não aconteceu o mesmo no cinema, o que fez a dupla desistir do caminho das câmeras cinematográficas. Também, pudera!... era a época do surgimento, com enorme sucesso, de (Amâncio) Mazzaropi (São Paulo-SP, 1912–1981), que era o preferido nas telas.

Passado algum tempo, em 1979, veio a consagração definitiva, sobretudo junto

a um público — digamos assim — mais seletor: apresentação de um show de três horas, no Teatro Municipal de São Paulo, com uma plateia de 2.500 pessoas, um recorde para a época.

Destacamos alguns troféus conquistados pela dupla: quatro prêmios Roquette Pinto, Medalha Anchieta (Comenda da cidade de São Paulo), Ordem de Mato Grosso, Troféu Imprensa, dois prêmios Sharp e Prêmio Di Giorgio.

Mesmo “passeando” por várias etapas e mudanças na música sertaneja, a dupla jamais mudou o seu estilo e jeito de cantar, que se tornou copiadíssimo embora com algumas variações, por décadas e duplas subsequentes.

O último show, como dupla, aconteceu na cidade de Juína, Mato Grosso, em 7 agosto de 1994. A morte de Tonico aconteceu seis dias depois, em 13 daquele mês, aos 77 anos, vitimado por conta de uma queda no *hall* de entrada do prédio onde residia, no bairro da Mooca, na capital paulista. Entre os “ilustres” presentes no velório dele estavam o governador Fleury Filho e os cantores Jaír Rodrigues, Milionário (da dupla Milionário & Zé Rico), Sérgio Reis e Sula Miranda.

Mesmo com a morte do irmão, Tinoco ainda encontrou forças para dar prosseguimento à carreira, agora em solo: com o apoio dos antigos seguidores, ainda realizou cerca de 30 shows que haviam sido contratados ainda pela dupla. O ano de 2010, no especial *Emoções Sertanejas*, ele recebeu significativa homenagem de Roberto Carlos, que sempre se disse admirador e amigo da dupla.

Enfim, José Salvador Perez, o Tinoco, nos deixou em 4 maio de 2012, aos 91 anos, vitimado por uma insuficiência respiratória e duas paradas cardíacas.

GROKIPEDIA

Plataforma chega para ser rival da Wikipédia

Ferramenta utiliza inteligência artificial desenvolvida pela empresa de Elon Musk

Alice Labate

Agência Estado

A Grokipedia, nova enciclopédia *on-line* criada pela xAI, do Elon Musk, entrou no ar no dia 27 de outubro, após um lançamento instável, e chega com a proposta de rivalizar com a Wikipédia ao usar inteligência artificial (IA) para gerar conteúdo. A plataforma saiu do ar pouco depois do anúncio oficial, mas retornou horas depois.

A Grokipedia utiliza o Grok, IA desenvolvida pela empresa de Musk e já integrada à rede social X (ex-Twitter).

A tecnologia é responsável por criar, revisar e atualizar os textos publicados na enciclopédia.

O bilionário já criticou publicamente a Wikipédia diversas vezes; para ele, é uma plataforma “tendenciosa” e influenciada por pautas progressistas. Por isso, afirma que a sua nova ferramenta busca ser mais “imparcial” e baseada em fatos.

Outro ponto que diferencia as plataformas está no modelo de construção do conteúdo. Enquanto a Wikipédia depende de uma comunidade ativa de contribuidores para editar e checar informações, a Grokipedia, por ora, não permite edições abertas.

De acordo com um contador exibido na página inicial, a plataforma estreou com cerca de 885 mil artigos, todos gerados por inteligência artificial.

O *site* apresenta visual semelhante ao da concor-



Foto: Reprodução/Imux Adictes

Crítico da Wikipédia, Musk afirma que seu novo projeto busca ser mais “imparcial” e baseado em fatos

rente: uma barra de busca em destaque e páginas com títulos, subtítulos e referências. Um botão de edição aparece em algumas entradas, mas não permite mudanças diretas.

Promessa de evolução

A Fundação Wikimedia, responsável pela Wikipédia, pronunciou-se à imprensa norte-americana e disse ainda estar avaliando o funcionamento da nova plataforma, mas ressaltou que versões alternativas já surgiram ao longo dos anos sem afetar sua missão.

A entidade também reforçou que o conteúdo da Wikipédia é criado por pessoas e reflete a diversidade de fontes, além de ser-

vir de base para sistemas de IA, incluindo o Grok.

Mesmo com o início instável, Musk promete que o projeto vai evoluir rapidamente. Para ele, a Grokipedia faz parte de

um movimento maior de sua empresa: usar IA para “compreender o universo” e oferecer alternativas ao que ele considera uma internet dominada por vieses.

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Cava (2) = fura + diabo (1) = cão. **Solução:** ventania devastadora (3) = furacão.

Charada de hoje: As acusadas (1) serviram-se do feijão liquefeito (2), após e resfriamento (3) deste.



Ilustração: Bruno Chioffi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Foto: Divulgação/Prime Video

Eita!!!!

“Presídio dos famosos”

A série *Tremembé*, disponível no Prime Video, mostra o que aconteceu quando alguns dos criminosos mais notórios do Brasil encontraram-se atrás das grades. Dividida em cinco episódios, a produção é inspirada em dois livros do jornalista Ullisses Campbell, que investigou a fundo a rotina dentro do Complexo Penitenciário de Tremembé, no interior de São Paulo. Porém, nem tudo foi mostrado na série. Com base nas histórias reunidas no livro *Tremembé — O presídio dos famosos* (Matrix), Campbell revela episódios curiosos e pouco conhecidos que marcaram o cotidiano da unidade, que já abrigou nomes como Suzane von Richthofen (vivida por Marina Ruy Barbosa, na foto acima), Elize Matsunaga, Anna Carolina Jatobá, Lindemberg Alves e Luiz Estevão. Veja algumas delas a seguir (com informações da Agência Estado).

Cela dos espíritos

Entre as celas femininas, um espaço ganhou fama por suas atividades espirituais. Conhecida como “Cela dos espíritos”, era conduzida por Luiza Motta, condenada por homicídio ao dirigir embriagada. O grupo reunia detentas em buscar perdão pela mediunidade. Suzane von Richthofen teria, inclusive, recebido uma carta psicografada atribuída à mãe, expressando perdão.

Fuga pela escada de maracujá

Uma das fugas mais inusitadas de Tremembé aconteceu em 2007, quando a estelionatária Dominique Cristina Scharf, apelidada de “Dama do Cárcere”, conseguiu escalar a muralha de seis metros usando uma plantação de maracujazeiros que se entrelaçava aos caibros. Mesmo após quebrar uma perna e um braço durante a fuga, ela conseguiu alcançar o outro lado e escapar, ainda que por pouco tempo.

Concursos de beleza

O presídio também já foi palco de um concurso anual de beleza, o “Miss Primavera”, promovido pela Secretaria da Administração Penitenciária de São Paulo. Conhecido entre as internas como “Miss Xilindró”, o evento premiava categorias como Simpatia, Plus Size e Garota Revelação. Também havia a categoria Mister Tremembé, destinada a homens trans custodiados em presídios femininos e a mulheres de expressão masculina.

Café literário

Nem todas as histórias de Tremembé envolvem crime ou escândalo. Condenado por homicídio e estelionato, Gil Rugai criou o “Café literário”, projeto voltado à leitura e ao debate entre presos. A iniciativa aproximava internos de diferentes pavilhões e incentivava discussões sobre clássicos como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, e *Saber Viver*, de Cora Coralina. A proposta foi elogiada por seu potencial de ressocialização e chegou a inspirar atividades semelhantes em outras unidades.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – flor; 2 – patã do coelho; 3 – dedão do coelho; 4 – asa do pássaro; 5 – bigode do coelho; 6 – galho; 7 – cauda do coelho; 8 – dente do ouriço; 9 – folha.